

outra **Presença**



Joana Teixeira foi a vencedora distrital do 3º ciclo, no Concurso Nacional de Leitura e estará na final, em Lisboa, no dia 30 e 31 de Maio. Ela e os livros, companheiros fiéis que a levaram até lá.

bibliofilia -9



Hirondino da Paixão Fernandes, em entrevista

50 anos de

**Especial aniversário**  
● Entrevista ● Opinião  
● Cronologia ● História  
● Testemunho ● Imagem  
**jornal escolar**

Suplemento

# Uma noite de sonho



que cena! - 16-17

## Os jovens e a política

Nas escolas fala-se pouco de política apesar da sua importância. O que os jovens no interior pensam sobre este tema, o que sabem sobre ele, que constrangimentos e que vantagens lhes traz a vida numa cidade do interior, o que mudavam no local onde vivem, são alguns dos assuntos em análise.

em debate - 26-27, 30-31

## Temos directora

Teresa Sá Pires foi eleita directora da Escola, após um processo eleitoral, que contou com a participação de pais, alunos, pessoal e não docente, representantes das forças vivas da terra. Neste jornal ficamos a conhecer as principais linhas orientadoras do projecto que lhe deu a vitória.

destaque - 3

## Pensar verde

Com o ambiente na primeira linha da preocupação, os jovens e professores da ESAB convidam todos os elementos da Comunidade Educativa a depositar o óleo alimentar usado no "Oleão", a recolher tampas de plástico, a separar o lixo, para que a humanidade possa continuar a existir.

em nome da Terra - 8 e 24

## Juiz de linhas

Defender a clonagem exige da nossa perspectiva do problema uma visão preferencialmente colectiva. O verso e o reverso da clonagem, o que os jovens vêem quando se olham no espelho e o novo cargo de director nas escolas são os três temas que esta secção apresenta.

confronto - 19, 28

## Grande semana

Actividades desportivas, asarau de poesia, experiências científicas, benção dos finalistas, exposições, feira do livro, palestras, entrega de prémios, conversa com escritores, apresentação de modelos, mascote e hino da escola foram algumas das actividades que encheram de boa disposição mais um dia da escola.

escola viva - 4 e 13

## Especial 50 anos



1959 2009  
**50 anos**  
de jornal escolar  
30 Maio

# Editorial



Luísa Diz Lopes

Este número assinala os 50 anos do jornal desta escola. Quisemos com ele recuperar a sua história, recordar aqueles que mais têm contribuído para a sua construção coordenando ou colaborando de forma continuada na sua elaboração e colocando, assim, este jornal no lugar que ele soube conquistar. Recuámos mesmo 50 anos e fomos ao encontro do seu progenitor, Hirondino da Paixão Fernandes, que habita em Coimbra desde 1974, data em que deixou o cargo de director da Escola e órfão o Presença, cuja publicação foi então interrompida até surgir o Outra Presença. Fez-se, então novamente jornalismo na Escola. Até hoje!

O Outra Presença é a herança do Presença. No cerne do seu nascimento estava a vontade de divulgar trabalhos elaborados por um grupo de alunos, de forma a estimulá-los para o exercício da escrita. Rapidamente saiu do âmbito da turma no qual surgiu e ganhou a dimensão da escola. Foi crescendo ora em formato, ora em número de páginas até se transformar em boletim/revista em 1967 e ser uma referência no panorama nacional. Espelho dos tempos, é fácil vislumbrar por trás de cada texto o retrato sócio-político do Portugal do Estado Novo, como o qual se rompeu há 35 anos. Uma revolução, um interregno e um novo regime político separaram o Presença do Outra Presença, que em 2009 celebra 20 anos, mas, como o nome sugere, este soube continuar a obra do seu antecessor sem romper completamente com ele. A sua existência hoje depende, em parte, dessa capacidade de assimilar e transformar em vez de romper e renascer. Penso que o Outra Presença teve essa capa-

cidade. Aqueles que têm liderado este projecto encaram-no sempre como algo que veio para ficar. O Outra Presença tem sabido olhar para trás e delinear o futuro a partir desse ponto. O mesmo fez o Presença. Por isso olhamos para trás e apercebemo-nos de uma evolução a dois tempos: o do Presença e do Outra Presença. Cada um deles soube encontrar o seu espaço e crescer. Entre um e outro está a revolução de Abril. Outro tempo, mas uma presença constante.

Sabendo da existência deste percurso era imperioso conhecê-lo, o que não era tarefa fácil pelo facto de não existirem em arquivo exemplares do Presença. Lançámos um apelo para que nos ajudassem a recuperar esta história e fomos ouvidos. Hoje a Escola pode orgulhar-se de ter todos os exemplares (originais ou cópias) dos jornais que se publicaram neste estabelecimento de ensino nos últimos 50 anos. E é possível contar esta história. E é possível recuperar momentos, pessoas, tendências. É preciso, por isso, fazer justiça e agradecer a generosidade da Paula Minhoto, da Amélia Morgado, do Jorge Silva, do José Luís Gonçalves e do fundador do jornal, que forneceram estes exemplares, permitindo-nos realizar a exposição narrativa que pode ser visitada na Biblioteca e construir o Suplemento que é distribuído com esta edição e no qual organizámos cronologicamente edições e testemunhos.

Na impossibilidade de nele figurarem todos os que contribuíram para a construção do jornal, convidámos os elementos das diversas equipas responsáveis pela publicação, os alunos que pertenceram ao Clube de Jornalismo ao longo dos últimos anos e outros cuja participação era contínua e tinha um carácter jornalístico. Este espaço pertence-lhes. Também recuperámos alguns momentos determinantes como transformações profundas ao nível do formato, logótipo, entrada no universo digital, ilustração, entre outras.

50 anos são centenas de pessoas.

Pequenos e grandes jornalistas que fizeram a história deste jornal. Um jornal que tem sabido crescer em qualidade e quer verdadeiramente afirmar-se como espaço de intervenção colectiva.

Os pequenos jornalistas que constituem o Clube, criado há seis anos, são uma parte determinante deste processo. A eles cabe assegurar que em cada ano o seu projecto de acção se cumpre, a eles se pede que sejam cada vez mais jornalistas e menos contadores de histórias. Mas esta tarefa não se esgota neles. O jornal deve a sua existência a muitos professores, funcionários, alunos, pais e outros elementos exteriores à escola que contribuíram com o seu tempo, reflexão e empenho para este projecto. Os nomes de todos quantos o ajudaram a crescer estão registados nos milhares de páginas que compõem o seu arquivo.

O jornal é um apelo à intervenção. Por ele são os diversos intervenientes da comunidade educativa convidados a ser jornalistas, a exercerem o exercício da escrita, a observarem e relatarem. Os convites que, de início, são redobrados até receberem resposta deixam gradualmente de necessitar de repetição. O hábito de ver, ouvir, participar e relatar entranha-se e o apelo inverte-se: "Amanhã, há uma palestra. Podem tirar uma fotografia?". E o jornalismo acontece nas Ciências Exactas, Sociais e Humanas, nas Línguas e nas Expressões, no Desporto, na Biblioteca e Centro de Recursos, na Educação Especial, no Centro Novas Oportunidades, na Associação de Pais. E o vazio deu lugar ao rodopio. O jornal veio para ficar e é um dos rostos desta escola. Por isso é com satisfação que se publica esta edição especial, que se preparou uma exposição narrativa dos 50 anos do jornal e que se organizou um encontro comemorativo. Em nome desta equipa um sincero agradecimento a toda a comunidade educativa.

## Uma Escola, um Jornal para o novo milénio

É tal a força da solidariedade das épocas que os laços de inteligibilidade entre elas se tecem verdadeiramente nos dois sentidos. A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado...”, Marc Bloch.



É com especial satisfação que celebramos, este ano, os cinquenta anos do Presença, fiel depositário da História da Escola Secundária Abade de Baçal, que a cada dia podemos reviver pela leitura. A escrita tem, por oposição à oralidade, esse vínculo com a intemporalidade, através do seu carácter iminente cristalizador e fotográfico.

O Presença, mais tarde Outra Presença, constitui-se, por isso, como fiel depositário dos momentos que ano após ano construíram o edifício Abade de Baçal, entendido aqui como muito mais que um corpo físico, circunscrito no espaço e rendido aos tempos.

Ano após ano, o Jornal da Escola recebeu e reflectiu o pulsar quotidiano de uma instituição que procurou colocar os seus alunos “um passo à frente”, procurou, através da promoção da cultura, do saber e da disciplina servir as gerações futuras de públicos de excelência, capazes de ocupar especial protagonismo na sociedade brigantina e portuguesa e são muitos os casos de sucesso da Escola Abade de Baçal.

O Outra Presença é, ainda, um produto desses princípios, dessa postura, dessa feroz tenacidade: aquela que emana da qualidade primordial, da vontade de debate, da cidadania consciente, esclarecida e ambiciosa.

Por isso chegámos aqui Cinquenta anos depois. Com um Outra Presença cada vez mais consistente, cada vez mais fiel aos princípios da liberdade democrática, cada vez mais o pulsar do quotidiano desta instituição - online e em papel - que vive um momento de viragem decisivo.

Nos próximos tempos, a Escola será objecto de profundas reestruturações físi-

cas, colocando-se na vanguarda do ensino, pelas condições de grande qualidade que oferecerá aos seus públicos. Nos próximos tempos, a Escola será cada vez mais um espaço de integração de todos, no sentido de todos os públicos: todas as raças, todas as idades, todas as culturas numa nova arquitectura de relacionamento entre todos os agentes da comunidade escolar.

Aliás, já neste momento, esta instituição caminha seriamente para receber e dar resposta a todas as solicitações que a comunidade em que se integra “coloca sobre a mesa”. A Escola Abade de Baçal é a única do distrito cujo leque de oferta incorpora a grande amplitude, que é como quem diz todas as possibilidades educativas.

Ao Outra Presença, que vive um momento de especial vitalidade, estará por certo reservado um lugar de especial relevância no presente/futuro que se avizinha. O Outra Presença será um dos pontos nodais a partir dos quais as linhas mestras da Escola Secundária Abade de Baçal serão delineadas, será, como é, o lugar privilegiado de debate, de discussão profícua, de construção de uma identidade específica.

É por esta razão que o Outra Presença tem merecido e conseguido especial carinho de toda a comunidade educativa, desde alunos e professores, até ao Órgão de Gestão. É por esta razão que a Escola procurará assegurar um futuro longo e auspicioso para o Jornal, porque “todo aquele que se ativer ao presente, não compreenderá o actual.” (Marc Bloch)

O Órgão de Gestão

### Ficha Técnica

#### Edição e propriedade da Escola Secundária Abade de Baçal de Bragança

Tel. - 273322163/273322462; email - outrapresenca@gmail.com; edição digital - www.outrapresenca.com; Blogosfera - A presença de Todos (outrapresenca.blogspot.com), Escrevinhar (palavrasdomeudia.blogspot.com), Ler Muito (lermuito.blogspot.com)

Coordenação - Luísa Diz Lopes, Paula Minhoto, Rui Garcia; Redacção - Clube de Jornalismo, Francisco Barros; Logótipo - Rui Garcia; Webdesigner - Rui Garcia; Grafismo - Clube de Jornalismo; Desenho de Imprensa - Clube de Jornalismo; Fotografia - Clube de Jornalismo, Mário Geraldo; Desporto - Tomás Frias e Pedro Geraldo; Correspondente em Bruxelas - Mário Sá; Revisão - Clube de Jornalismo, Manuel Joaquim Ferro, Olinda Oliveira

Clube de Jornalismo - Professores: Luísa Diz Lopes, Paula Minhoto, Rui Garcia, Sérgio Barros; Alunos - Adriana Pires, Adriana Alves, Ana Beatriz Delgado, Ana Lúcia Fernandes, Ana Rita Bernardes, Diana Malhão, Joana Teixeira, Verónica Podence, Ana Sofia Ferreira, Ana Margarida Fernandes, Inês Veiga, Mariana Lopes

Projectos em Interacção - Biblioteca/CRE; Clube Europeu; Desporto Escolar; Grupo de Saúde Escolar

Colaboradores permanentes - Paula Romão, Olinda Oliveira,

Outros Colaboradores - Alunos, ex-alunos e professores da escola

Colaboração especial - Daniel catalão, Fernando Calado, Governador Civil, Presidente da Câmara

Impressão - Diário do Minho

Tiragem - 800 exemplares

# O Rosto da Escola Abade de Baçal nos próximos quatro anos

## As escolhas de Teresa

Teresa Sá Pires

No dia 21 de Maio, o fumo branco trazia o nome de Teresa Sá Pires, que transita, depois deste período de eleição de Presidente do Conselho Executivo para Directora, inaugurando, assim, um novo ciclo na gestão da escola. Aqui damos a conhecer as suas prioridades para os próximos quatro anos.

Num mundo em aceleração e permanente mudança, colocam-se às escolas desafios cada vez mais exigentes.

Tendo vivido a instituição escolar a reboque das conjunturas políticas, condicionada pelas transformações económicas, sociais e tecnológicas, sofreu, por isso, a evolução que a Sociedade foi permitindo que acontecesse. O que se exige da escola actual é que seja ela própria um condicionador das mudanças sociais e não tanto a consequência dessas mudanças.

Esta visão da escola como motor Sociedade exige lideranças fortes, capazes de congregar à sua volta vontades de todos os agentes sociais que têm da escola um conceito de organização bem estruturada, dinâmica, aberta à inovação e, simultaneamente, um lugar onde apetece trabalhar, crescer, investir energias e recursos e formar um conjunto de valores que hão-de permitir a construção de uma sociedade mais justa, formada por cidadãos mais conscientes dos seus direitos e dos seus limites, no fundo, formada por indivíduos mais felizes.

Estes pressupostos estão subjacentes às alterações na gestão e administração dos estabelecimentos de ensino, introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril, que define o procedimento concursal para eleição do Director, que implica a apresentação do Projecto de Intervenção na Escola.

Consciente da experiência acumulada em funções de gestão escolar, quer como vice-presidente do Conselho Directivo durante três anos, quer, sobretudo, como Presidente do Conselho Executivo nos últimos quatro anos, impunha-se-me a obrigação de apresentar a minha candidatura ao concurso para as funções de Director.

O "Projecto de Intervenção" na Escola, de que ora se apresentam as linhas mestras, há-de ser o docu-



mento norteador da minha acção como Directora da Escola Secundária Abade de Baçal, para os próximos quatro anos, perseguindo o objectivo de a constituir num estabelecimento de ensino de excelência.

Privilegiei, na construção deste "Projecto de Intervenção", uma perspectiva estratégica, na certeza de que o futuro será diferente, porque mais exigente, o que obriga à previsão de cenários possíveis, a partir de forças de mudança já observáveis no presente.

Entendo a figura do gestor escolar como um congregador de vontades que convergem para um objectivo comum. Considero os agentes envolvidos e interessados na Instituição Escolar – alunos, professores, pessoal administrativo e auxiliares de educação, pais e encarregados de educação, autarquias, forças vivas da Sociedade – como parceiros de uma causa que a todos galvaniza.

Sei que o líder tem que ter capacidade de ser aceite, mas, simultaneamente, a capacidade de se "impor". A carga semântica deste verbo não pode ser deturpada pelo imperativo de respeitar os direitos e os deveres de todos os educandos e agen-

tes educativos; como não pode ser condicionada por uma interpretação dogmática dos normativos. Não pode, contudo, ser condicionada por hesitações, receios, cumplicidades, desvios de rumo sem motivos aparentes, ou desrespeito pelo primado do bom senso e das leis.

A gestão estratégica que proponho colhe ensinamentos no passado, mas está essencialmente voltada para o futuro. Antecipar cenários e caminhar no sentido dessa previsão obriga a pôr em prática a capacidade de agir proactivamente: as estratégias, para garantirem efectividade, devem converter-se em ideias-força, com capacidade para estimular a acção produtiva e o diálogo dentro da Instituição. O planeamento estratégico recusa olhar a escola e a sua gestão como uma soma, mais ou menos aleatória, de respostas a problemas pontuais. Uma postura proactiva, subjacente a este "Projecto de Intervenção", implica a possibilidade de agir a médio e a longo prazo, numa congregação de sinergias promotora da acção e da crítica construtiva.

### OBJECTIVOS GERAIS DO PROJECTO DE INTERVENÇÃO:

- Melhorar a performance da Escola ao nível das aprendizagens e das planificações, diminuindo o abandono escolar;

- Promover e incentivar o desenvolvimento pessoal e educar para a cidadania;

- Optimizar os mecanismos de funcionamento da Escola, através de uma melhor comunicação e cooperação interna e externa;

- Melhorar o ambiente e o espaço escolar.

#### ESTRATÉGIAS:

- Melhorar a pertinência do PAA;

- Promoção e Incremento da participação Encarregados de Educação;

- Implementação e divulgação do quadro de mérito;

- Oferta de todas as possibilidades ao nível de RVCC e EFA(CNO);

- Estímulo à prática de voluntariado e de participação em actividades de cariz solidário;

- Incentivo à participação dos alunos nas propostas do Desporto Escolar;

- Manutenção/Criação de parcerias com entida-

des de saúde;

- Promoção da reflexão e do trabalho em equipa, a nível dos departamentos sobre currículos, metodologias, avaliação, disciplina, a fim de melhorar o desempenho;

- Criação de blocos de actividade lectiva em simultâneo para os professores do mesmo ano/disciplina;

- Constituição de equipas de (auto) avaliação;

- Implementação de um sistema específico de autoavaliação;

- Actualização e dinamização da página da Internet e da plataforma moodle da escola;

- Estabelecimento de protocolos/parcerias com instituições e empresas da área de implantação da escola a fim de garantir estágios e outras formas de cooperação;

- Criação de gabinetes e salas específicas para trabalho dos professores.

- Criação de um espaço multiusos;

- Aluguer de espaços/instalações com o objectivo de gerar fundos que visem o melhor apetrechamento da escola.

O sucesso do Projecto não está exclusivamente nas mãos do Director, mas a Escola Secundária/3 Abade Baçal mais do que uma grande casa será a sua grande causa.

Neste momento também não posso deixar de terminar sem homenagear aqueles que deram corpo à gestão democrática desta Escola e também aos que com ele mais directamente colaboraram.

Obrigada a todos.

Obrigada Paulo Correia, Rui Gonçalves, Esmeralda Gonçalves, Lúcia Dias e obrigada também à Fernanda Silva, Adília Tavares da Silva, Jorge Silva e Manuel Ferro

# Um dia em cheio

O Órgão de Gestão

Pelo quarto ano consecutivo, a Escola Secundária / 3 Abade de Baçal comemorou o Dia da Escola no dia 24 de Abril de 2009. À semelhança dos anos anteriores, toda a comunidade educativa – alunos, encarregados de educação e professores – foi convidada a participar nas actividades organizadas pela Escola.

A celebração do Dia da Escola concretizou-se, contudo, ao longo de três dias consecutivos, tendo-se realizado na quarta-feira, à tarde, dia 22 de Abril de 2009, um Passeio Pedestre ao Parque Natural de Montesinho, organizado pela professora Paula Vicente.

No dia seguinte, quinta-feira, dia 23 de Abril de 2009, todos os interessados tiveram a oportunidade de participar em diferentes actividades físicas, organizadas pela Área Disciplinar de Educação Física, logo pela manhã; e, no final da tarde, no lanche saudável, oferecido por um grupo de trabalho de Área de Projecto, constituído por alunos do décimo segundo ano, da turma A. Os alunos das turmas de décimo segundo ano participaram ainda numa acção de sensibilização, intitulada “Copos quem decide és tu!”. Esta acção, da responsabilidade da Cruz Vermelha, apresentou como principal objectivo alertar os mais jovens para as consequências do consumo excessivo do álcool.

Ao longo deste dia, procedeu-se ainda à entrega dos diplomas aos alunos que participaram na campanha “Recolha de Óleos Alimentares Queimados” e à divulgação do Curso de Formação de Oficiais de Polícia feita pelos próprios oficiais.

No final do dia, realizou-se uma sessão de esclarecimento “Sinais de Alerta do Consumo de Álcool e Drogas”, dirigida especialmente a pais, encarregados de educação e edu-

gadores de educação e educadores, orientada pela Dra. Sandra Valdemar, convidada da Associação de Pais.

Finalmente, sexta-feira, dia 24 de Abril de 2009, o dia teve início logo com a Comunhão Pascal, seguida da Bênção dos Finalistas e apresentação do Hino da Escola.

A partir das onze horas da manhã, foram abertos os laboratórios de Biologia, Física e Química e Informática, proporcionando as seguintes actividades: “Do Laboratório para a Mesa”, “Actividades Experimentais” e “Pesquisa e Jogos na Web”, respectivamente.

À tarde, as áreas disciplinares de Ciências Naturais e Educação Tecnológica apresentaram a toda a comunidade escolar um modelo representativo do Sistema Solar, inaugurado pela Presidente do Conselho Executivo, Maria Teresa Sá Pires, e pelo Vice-Presidente, Paulo Correia. Procedeu-se ainda à exposição de trabalhos realizados pelos alunos da nossa Escola referentes às diferentes disciplinas, uma outra no âmbito do Exército Português e à entrega dos prémios relativos ao concurso “A melhor Rosa-dos-Ventos” e ao Concurso de Língua e Cultura Inglesa, promovidos pela áreas disciplinares de Geografia e Inglês, respectivamente.

A celebração do dia da Escola culminou com o Sarau de Poesia, realizado pelas vinte e uma horas, que pôde contar com uma maior participação de pais e encarregados de educação. Nesta noite, procedeu-se, também, à entrega de prémios relativos aos concursos literários dinamizados pelo Departamento de Línguas e Centro de Recursos/Biblioteca.

É ainda de referir que, durante este período, decorrido entre 22 e 24 de Abril, decorreu também a Feira do Livro, organizada



Diversos momentos no dia da escola: em cima, o coro e os finalistas; a entrega do botão de rosa aos pais; actividades no laboratório (fabrico do queijo, extracção de DNA ...); maquetas da nova escola elaboradas pelos alunos.

pela Biblioteca da Escola.

O Dia da Escola Secundária / 3 Abade de Baçal é no fundo a concretização material da mais recente filosofia do sistema educativo, pois assenta numa nova arquitectura de relacionamento entre os vários agentes da comunidade escolar. Foi intenção do Órgão de Gestão procurar criar, mais uma vez, uma atmosfera de convívio salutar entre alunos, pais/encarregados de educação, auxiliares de acção educativa e professores.



## GORCIN

Gabinete de Organização,  
Contabilidade e Informática, Lda.

**Organização e Constituição de Empresas**  
**Serviços de Contabilidade e Fiscalidade**  
**Informática**

Praça da Sé, 16 - 1º Esq. • 5300 Bragança • [T] 273 331 240 • [F] 273 321 201

# Células estaminais e biomateriais

Vitor Minhoto - 8ºB

No dia 13 de Março de 2009, às 21h 30, no auditório da Casa da Seda, decorreu mais um café de ciência. Desta vez o Centro Ciência Viva trouxe até ao público o tema "Células estaminais e Biomateriais, uma abordagem multidisciplinar para Medicina Regenerativa do Sistema Nervoso Central", apresentado pelo doutor António José Salgado, investigador auxiliar do Instituto de Investigação em Ciências da Vida e Saúde, Universidade do Minho.

O objectivo deste trabalho centra-se na utilização de uma abordagem multidisciplinar para o desenvolvimento de estratégias que possibilitassem a regeneração de lesões/doenças como Parkinson, através de células estaminais (células com capacidade de proliferação e com capacidade de se transformarem noutros tipos de células do organismo). As células estaminais podem ser divididas em células estaminais embrionárias podendo ser recolhidas do embrião ou através do cordão umbilical e células estaminais adultas podendo ser recolhidas da pele, da medula óssea, do sistema nervoso central, do fígado... As células es-

taminais embrionárias são as que têm maior capacidade de diferenciação, mas, como têm de ser recolhidas em embriões com apenas 5 a 7 células, a sua recolha implica muitos problemas éticos e em muitos países não é permitido fazer estudos com elas. A recolha de células estaminais adultas é mais fácil, mas a sua utilização tem menos vantagens.

O investigador falou das dificuldades de trabalhar em ciência e dos trabalhos que está a desenvolver neste momento como investigador auxiliar no I.C.V.S. que se desenrolam em duas vertentes:

- Utilizar factores de crescimento de células do cordão umbilical para regenerar células nervosas em doentes de Parkinson usando nanopartículas.

- Desenvolver um tecido com células nervosas para recuperar doentes com medula danificada devido a acidentes.

Os testes em ratos vão começar daqui a um mês. Espero que tudo corra bem pois há muitas pessoas paraplégicas tetraplégicas que podem voltar a andar se este tratamento tiver sucesso.

António Salgado licenciou-se em 2000 em Bio-



António José Salgado, investigador auxiliar do Instituto de Investigação em Ciências da Vida e Saúde, Universidade do Minho.

logia aplicada, doutorou-se em Engenharia de Tecidos/Medicina regenerativa, o qual tinha por objectivo, o desenvolvimento de novas metodologias que pudessem promover a regenera-

ção óssea através da utilização de materiais biodegradáveis e células estaminais. Este trabalho, foi realizado no 3B's Reserch Group do Departamento de Polímeros da Universidade do

Minho com a colaboração da National University of Singapore e a University of Toronto. Em 2005 iniciou o pós-doutoramento na University of Toronto tendo finalizado o curso no

I.C.V.S.(Instituto para as Ciências da Vida e da Saúde) da escola de saúde da Universidade do Minho em colaboração com os 3B's.

## Vítor Freitas pela terceira vez na final Nacional

Clube de Jornalismo

Vítor Freitas volta a ser seleccionado para a final das Olimpíadas de Matemática que decorre de 26 a 29 de Março, na Figueira da Foz.

Em destaque desde a primeira vez em que se inscreveu e conseguiu o primeiro lugar, há seis anos, quando chegou à Escola Secundária Abade de Baçal para frequentar o 7º ano, o jovem, agora aluno do 12º ano, ficou pela terceira vez consecutiva entre os dez mais

bem classificados da zona norte, sendo por isso apurado para a final da XXVII edição das Olimpíadas de Matemática, na qual disputará um merecido lugar cimeiro com mais 29 colegas do ensino secundário das zonas norte, centro e sul.

Se não bastasse o seu sucesso nesta iniciativa para evidenciar a forte empatia com uma das disciplinas que mais dores de cabeça dá aos alunos do ensino secundário, poderíamos lembrar as palavras do Vítor quando há um ano, em entrevista ao OP, devido ao seu apuramento para a final das Olimpíadas de 2007/2008, referiu que

"a Matemática é uma maneira de ver o mundo, um modo de simplificar as coisas". Ou poderíamos ouvir o testemunho do seu professor de Matemática que assegura que é um aluno que está sempre a frente do programa que está a ser leccionado e que durante as aulas tem tempo para resolver os exercícios propostos e desenvolver trabalho no âmbito do Projecto Delphos ( no qual está integrado desde que foi pela primeira vez finalista nas Olimpíadas. Também os colegas admiram este "génio" que, de vez em quando emerge do trabalho em que está embrenhado e resolve em poucos segundos, com uma atitude tranquila e discreta que o caracteriza, o quebra-cabeças espalmado no quadro branco para onde olham.

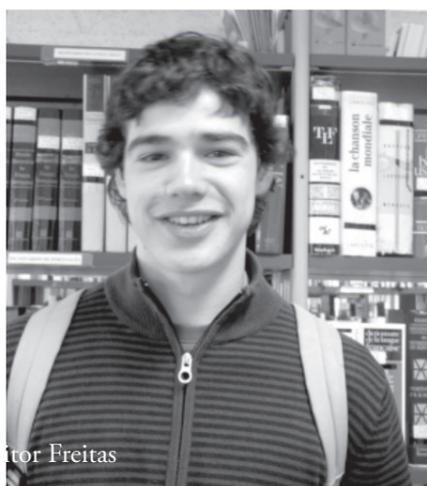
É um rapaz calmo, sensato e seguro que considera normal esta facilidade que tem com os números e que veio

do contacto e tempo que desde sempre lhe dedicou. Na Figueira da Foz esperamos mais um desafio que enfrenta com a tranquilidade que fala nele.

Do Norte é acompanhado por mais nove colegas,

todos do sexo masculino e apenas dois frequentam, como ele, uma escola pública. Significará isto que as raparigas estão mais afastadas da Matemática ou que não dedicam tempo a estas actividades extra-curricu-

lares? Valorizarão as escolas públicas tanto estes desafios como as escolas privadas?



Vítor Freitas



Há dias em que a saudade aperta e o espaço onde passámos 6 anos, chorámos, protestámos, mas também nos divertimos chama por nós. E então há que cumprir esse apelo. Aqui estamos nós... Não sentimos pés nem pernas... mas viemos. E vamos voltar!

# Biodiversidade, água e vida

**"O Homem precisa de ter consciência de que a saúde do Planeta e, conseqüentemente, a sua dependem exclusivamente dele"**

Ana Raquel Martins Teixeira - 10ªA

O Prof. Dr. Jorge Paiva esteve no Auditório Paulo Quintela, dia 11 de Fevereiro, pelas 14.30, para falar sobre a vida, pois é importante que os jovens saibam que há espécies em perigo e tenham consciência de que é preciso protegê-las. Deixar-se-á, assim, de caminhar para a «desgraça». Começou por referir que a biodiversidade é um termo relativamente recente que representa a diversidade de todos os seres vivos, ou seja, de todas as formas de vida (-bio). Tal como os carros não conseguem andar sem combustível, o ser humano também não consegue viver sem compostos - os hidratos de carbono (constituídos por carbono, oxigénio e hidrogénio). Estes vêm da

Natureza, tal como o azoto que depois de levado pelo sangue, vai participar na formação de novas células (o DNA, por exemplo). O azoto é também tóxico e por isso tem que ser expulso do organismo através da urina.

O investigador procurou na sua comunicação alertar para a saúde do Planeta e a dependência do Homem relativamente a este e à biodiversidade nele existente. Assim, referiu que as plantas, que usam o que os «outros» não precisam para viver, necessitando apenas de luz e de vapor de água, são a base da alimentação do homem, pois este come a planta ou então os animais que já se alimentaram desta; que no Equador se

localizam as maiores árvores do mundo, chegando aos 80 m de altura, pois neste local não há Inverno e há cerca de 12 horas de Sol por dia. Estas árvores são autênticas «fábricas» de biomassa e de oxigénio, purificando assim o ar; que actualmente, é destruída uma área de florestas tropicais equivalente a um campo de futebol por segundo; que a água é fundamental para todos os seres vivos. Contudo, para nós humanos, a água tem de ser livre de micróbios (daí as análises microbiológicas e químicas) mas, hoje em dia, devido ao facto de a água no nosso planeta ser sempre a mesma, está de tal forma poluída que até a água da chuva está «suja». Um ser



Alunos e professores da escola assistem à palestra

humano morre após 4 dias sem beber água.

Depois mostrou que existem três factos principais que apontam para a dependência de um elevado nível de biodiversidade:

- o ser humano tem origem nos primeiros DNAs formados aquando do «caldo quente» em que a Terra estava convertida (fenómenos vulcânicos e reacções químicas);

- Durante a história da Terra houve 5 grandes quebras da biodiversidade, mas o Homem surgiu durante um período em que havia um grande número de seres vivos;

- Foi em Laitoli, zona de elevada diversidade, (em África) que o Homem se formou.

Continuou, procurando sensibilizar os alunos para a necessidade de preservar a biodiversidade:

- o Homem é um animal diferente de qualquer outro. Ele era o único animal que guardava consigo

os instrumentos com que caçava e era também o único que caçava à distância e não corpo a corpo. Actualmente, a alimentação mundial apenas depende de 20 plantas. A alimentação é manipulada pelas multinacionais, pois só se consome o que elas vendem.

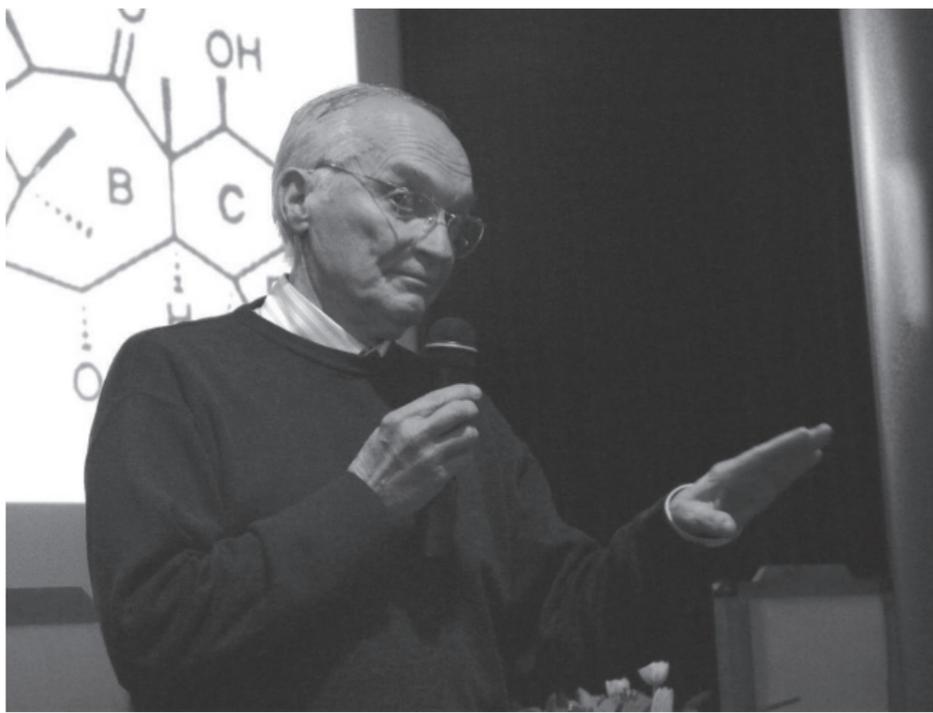
- por ordem do Marquês de Pombal, no século XVIII, começaram a ser investigados diferentes tipos de venenos que deram origem a diversos medicamentos, como: um lagarto, no Continente Americano, injecta uma substância num qualquer corpo que faz com que o pâncreas produza demasiada insulina (que controla os níveis de açúcar no sangue) e, assim, a pessoa morre por falta de açúcar.

- em Portugal existe um tipo de pinheiro, o teixo (*Taxus baccata*) do qual apenas 10 mg da sua folha mata uma pessoa. Em 1963 o veneno desta árvore, a taxina, começou a ser investigado, e em 1990, descobriu-se

que o taxol (medicamento obtido através da taxina) fazia com que as células cancerígenas não se dividissem, enquanto as células saudáveis continuavam a dividir-se normalmente. Esta substância é usada na cura de cancro, nomeadamente o cancro do testículo e o dos ovários;

- antigamente a leucemia era causa de morte, e agora 90% das pessoas que sofrem de leucemia sobrevivem, graças a uma planta à qual ninguém dá especial atenção, a vinca rósea.

Quanto maior for a biodiversidade, maior será a probabilidade de sobrevivência do Homem. Até porque sem ela este nunca terá tudo aquilo de que precisa - a mobília, alimentos, medicamentos ou até mesmo água potável.



Professor Jorge Paiva

## Pequenas coisas que podemos fazer

1. Nunca comprar produtos "selvagens" (animais "de estimação" ou produtos feitos com peles, penas, marfim, etc.), estará a impedir a exploração de populações pobres por multinacionais cujo único fim é o lucro, mesmo que a troco da extinção;

2. Não comprar organismos juvenis, como as petingas, os "jaquinzinhos" ou o bacalhau miúdo, pois podem ser mais baratos mas estará a incentivar a

indústria a desrespeitar as regras sobre o diâmetro das malhas de rede; adquira apenas animais plenamente desenvolvidos;

3. Ler cuidadosamente rótulos: cuidado com produtos e/ou organismos transgénicos, não devidamente testados e cujo impacto no ecossistema já é notório, como é o caso do salmão;

4. Utilizar substitutos da madeira: as árvores demoram décadas a crescer, mas são abatidas em poucos minutos; 99% das florestas do mundo já estão perdidas;

5. Não comprar produtos embalados, mas sim produtos da zona (poupe-se em transporte e embalagem, que raramente é biodegradável, bem como se evita os conservantes, muitos deles comprovadamente cancerígenos). Nos produtos embalados escolher aqueles cujo código de barras começa por 560

o que significa que foram produzidos em Portugal;

6. Poupar água, fechando torneiras enquanto se escova os dentes ou se ensaboa, não usando a mangueira para lavar carros ou passeios, pois a água é um dos recursos mais ameaçados actualmente;

7. Evitar os sprays, responsáveis pela destruição da camada de ozono que nos protege dos perigosos raios U.V. e cuja diminuição já causa danos

notórios em populações de anfíbios de pele nua e desprotegida;

8. Começar por manter a sua rua ou bairro limpo, fechando os contentores de lixo, não deitando lixo para o chão, etc., é um primeiro passo para limpar o Planeta;

9. Reciclar, reutilizar, renovar, utilizar os EcoPontos, separar o lixo;

10. Manter-se informado sobre a conservação e novas descobertas científicas e pensar com a nossa própria cabeça, não se deixar levar por argumentos demagógicos e oportunistas;

11. Partilhar a informação, todos podemos ser parte da solução e não do problema.

ficar e pensar com a nossa própria cabeça, não se deixar levar por argumentos demagógicos e oportunistas;

Partilhar a informação, todos podemos ser parte da solução e não do problema.



## Turmas, a mascote da escola

Apesar de a Escola ter já um representante, o Abade de Baçal, necessitava, na opinião do 8º A, também de uma mascote.

Para tal foi criado o “Turmas”, que representa a comunidade escolar, em especial os alunos, tendo sido a sua roupa neles inspirada. Foi confeccionado a partir do reaproveitamento de materiais, como tecido e placas de esponja para o cabelo. A pasta que a mascote usa ao ombro é símbolo de estudo, trabalho... O objectivo foi fazer o “Turmas” à imagem dos alunos da actualidade. Foi um projecto cuja ideia base partiu da professora Fernanda Tiago e foi levada a cabo pelos alunos Sofia, Marta e Pedro, da referida turma. Os alunos referiram que gostariam de ver o “Turmas” presente em eventos da

Escola, tais como competições desportivas ou comemorações e esperam que ele represente da melhor forma toda a comunidade escolar.

## Um hino para a ESAB

Verónica Podence

Ainda o segundo período não estava terminado, quando a professora Fernanda Tiago nos mandou pensar em projectos originais para o Dia da Escola. Inicialmente, deu-nos a ideia de formar uma girls band, que seria composta pelas alunas do 9ºB, visto que não havia nenhuma iniciativa desse género na escola.

Depois de, em conjunto, termos ponderado essa hipótese, decidimos aceitar e começámos a pensar na letra e na coreografia que

serviriam de complemento à música Everybody dos Backstreet Boys, para posteriormente ser apresentada perante a escola.

No decorrer dos ensaios e após alguns desentendimentos que não passavam de instantes de tensão e nervosismo, concluímos o trabalho, envoltas em muita diversão, sem perder a noção da responsabilidade, pois sabíamos que estaria muita gente a ver e sem querer desiludir a nossa professora que, com bastante orgulho, tinha já fa-

lado da ideia à Presidente do Conselho Executivo, a professora Teresa Sá Pires.

Outra ideia nos surgiu quando tivemos conhecimento de que, para além da existência de uma bandeira da escola, seria criada também uma mascote. A partir desta constatação pensámos em criar um hino, que seria também divulgado no dia 24 de Abril.

A letra, criada pelos alunos Verónica Podence, Joana Teixeira e Ricardo Podence, foi nesse dia cantada por alguns alunos da mesma

turma.

Após a interpretação da proposta do hino, a reacção, tanto dos docentes como dos alunos que assistiram, foi bastante positiva. Ouviram-se mesmo bastantes elogios que, inevitavelmente, gratificaram o trabalho.

### Hino da Escola:

**Escola Abade Baçal**  
**À descoberta de um novo mundo**  
**Com o teu profundo historial**  
**Ficamos sábios num segundo**

**Atravessando o portão do conhecimento**  
**Esperamos os sonhos concretizar**  
**Tentando não cair no esquecimento**  
**Olhamos para o futuro sem desanimar**

**Com a História**  
**O mundo aprendemos**  
**Desvendamos a sua glória**  
**E seus feitos conhecemos**

**Do espanhol ao inglês**  
**Sem esquecer o francês**  
**O futuro desenhamos**  
**Pois de vós precisamos**

**A matemática nos faz pensar**  
**Mas não a podemos ignorar**  
**As ciências levam à descoberta**  
**Do corpo que interesse desperta**

**O mundo nos é mostrado**  
**Pela grandeza da Geografia**  
**O que por outrém foi desvendado**  
**Nos mostra hoje a sua magia**

**Atravessando o portão do conhecimento**  
**Esperando os sonhos concretizar**  
**Tentando não cair no esquecimento**  
**Olhamos para o futuro sem desanimar**

↳ **A letra é interpretada com uma adaptação do instrumental da música “Menina estás à janela”, popularizada por Vitorino.**

## Um modelo representativo do sistema solar

Área Disciplinar de Ciências Naturais

Os professores dos Grupos Disciplinares de Ciências Naturais e de Educação Tecnológica promoveram, com os seus alunos e com o apoio do Conselho Executivo, a afixação de um painel permanente e modelos representativos do sistema solar, num dos corredores principais da Escola.

Durante o 1º período, os alunos de 7º ano trataram, nas actividades lectivas de Ciências Naturais, o tema “Sistema Solar”. Posteriormente elaboraram os “bilhetes de identidade” dos principais astros do sistema referido, que constam do painel

afixado, e construíram, nas actividades de Atelier de Artes Plásticas, os modelos com base no estudo anterior.

Para além dos objectivos constantes do Plano Anual de Actividades, que integra a actividade, pretende-se suscitar a curiosidade/interesse da Comunidade Escolar pelo tema.

Pode também ser utilizado como recurso pelos docentes que abordam conteúdos relacionados, permitindo-lhes criar um contexto de aprendizagem diferente do espaço da sala de aula.

Segundo a aluna Adriana Estevinho, do 7ºB, a

realização desta actividade foi aliciante, pois através da pesquisa, para recolha da informação, sobre os astros do Sistema Solar, encontramos diversas curiosidades, enriquecendo o nosso

conhecimento sobre o tema. Além disso, a afixação do placar e dos modelos permite a partilha de conhecimentos com toda a comunidade escolar e embelezar o espaço físico



Inauguração do sistema solar

## Reorganização do Centro de Formação

O actual Centro de Formação da Associação de Escolas Bragança Norte emergiu da reestruturação da rede de centros e foi constituído em 8 de Junho de 2008, sob proposta das escolas associadas, ao abrigo do Despacho n.º 18039/2008, de 4 de Junho. Compreende as doze escolas/agrupamentos de escolas repartidas pelos concelhos de Bragança, Macedo de Cavaleiros, Miranda do Douro, Mogadouro, Vimioso e Vinhais, com um total de 1376 docentes e cerca de 600 membros do corpo não docente.

O Centro está sediado na Escola Secundária c/3.º Ciclo Abade de Baçal, ao lado do Conselho Executivo, praticando o horário da função pública.

Resultante de processo concursal, foi homologada, no cargo de directora, a Dr.ª Elisete Afonso, por Despacho da DREN. Do

seu staff fazem parte um assessor informático, Dr. Rogério Fernandes e dois elementos do secretariado: Carla Fernandes e Henrique Alves. A parte financeira conta com o apoio da



técnica Guida Cândido.

Segundo a directora, este novo organismo tem como principal tarefa gerir a formação contínua dos agentes educativos, um dos processos fundamentais para a actualização científica e para uma mudança de mé-

todos, hábitos, atitudes e comportamentos, viabilizando a melhoria da qualidade da Educação. O Plano de Formação do Centro visa responder às necessidades de formação diagnos-

ticadas, ainda que seja necessário celebrar protocolos de cooperação com outros Centros de Formação e/ou com outras instituições de formação.

Cabe referir que, para além da oferta formativa proposta a financiamen-

to, o Plano Formativo do CFAEBN para 2009 compreende outras actividades, tais como:

- Seminários, através dos quais se pretende responder a necessidades sentidas pela generalidade dos professores e das escolas;
- Jornadas, em que se procurará privilegiar a abordagem de temas especialmente relacionados, com o desenvolvimento curricular e com a organização e funcionamento das instituições escolares;
- Workshops, nas escolas sobre temáticas identificadas nos respectivos projectos educativos.

O Centro dispõe de uma página web ([www.cfaebn.com](http://www.cfaebn.com)) onde estão divulgados os projectos, actividades e notícias relativas à instituição.

## Como utilizar extintores

Pelo segundo ano consecutivo, o órgão de gestão da Escola, desenvolve, em colaboração com os elementos da área disciplinar de Ciências Naturais, um simulacro de sismo seguido de incêndio.

Este ano, além de outras actividades de preparação do simulacro, decidiu-se dinamizar uma acção de formação sobre a utilização de extintores. Para o efeito, solicitou-se a colaboração dos Bombeiros Voluntários

de Bragança, que, como sempre, disponibilizaram os seus meios físicos e humanos para colaborar com a Escola. A acção, que constou de uma parte teórica sobre tipos de extintores e sua utilização e de uma parte prática de demonstração, foi dirigida à equipa de intervenção do simulacro, constituída por auxiliares de acção educativa e professores e decorreu no pretérito 27 de Março no espaço escolar.

## Dia Nacional da Holanda

Bruna Rodrigues - 12ªA

Foi no passado dia 30 de Abril que a cantina da nossa escola se vestiu de vermelho branco e azul para celebrar o Dia Nacional da Holanda, mais uma vez proporcionado pelo grupo "Escola Dinâmica" da disciplina Área de Projecto.

A cantina estava decorada como habitualmente: havia bandeiras penduradas e espalhadas pela cantina, curiosidades e ainda as bases de tabuleiro referentes a este país. Desta vez, a comunidade escolar pode desfrutar de uma sobremesa típica da Holanda cujo nome é Pudim Hopjes.

O resultado foi um Dia Especial que correu muito bem, graças à ajuda das funcionárias do refeitório. E, que deixou o grupo contente e orgulhoso.

Falta apenas um dia especial que se irá realizar dia 2 de Junho, o grupo espera uma grande adesão da comunidade escolar para que este subprojecto do seu trabalho seja um verdadeiro sucesso.



## Rui Garcia vence Concurso de Logótipo

No dia 24 de Abril, procedeu-se à entrega do prémio do Concurso para criação de um logótipo para o Centro de Formação da Associação de Escolas Bragança Norte, na Biblioteca da Escola-Sede - Escola Secundária c/3.º ciclo Abade de Baçal, tendo sido vencedor o Dr. Rui Manuel Gorgueira Garcia, docente do Grupo de Informática neste estabelecimento de ensino. A sessão foi formalizada na presença da Sr.ª Presidente do Conselho Executivo, docentes, pessoal não docente, alunos e os membros da equipa do

CFAE. A Directora do Centro, Dr.ª Elisete Afonso, usou da palavra para elogiar a criatividade do autor cujo trabalho vencedor faz eco ao labor e empenhamento dos professores, metaforizado na imagem do favo de mel, representando os seis hexágonos o número de concelhos da área de influência pedagógica do Centro e a cor verde apela à sensibilização ambiental e ecológica que deve nortear os cidadãos.

O contemplado foi laureado com um cheque simbólico de 100€ e uma obra literária de grande



valor artístico, patrocinada pela Caja Duero.

## Campanha de recolha de óleos alimentares usados

Habitualmente os óleos alimentares usados são lançados no esgoto ou colocados no lixo, provocando a poluição das águas e dos solos. Uma alternativa promissora passa pela reciclagem de óleos alimentares queimados. Trata-se da produção do chamado biodiesel, um combustível semelhante ao gasóleo. Os alunos de Química 12º ano e do Clube Ciência Viva deixam aqui um alerta para a necessidade de colocar os óleos resultantes de utilizações domésticas

em reservatórios destinados à sua recolha para posterior transformação em biodiesel. Os "Oleões" encontram-se no Bar dos alunos e na sala de professores à espera do óleo usado em tua casa. Colabora!... Convidamos-te a transformar um desperdício em energia.



## Dia Nacional da Grécia

Bruna Rodrigues - 12ªA

O grupo "Escola Dinâmica", no âmbito da disciplina de Área de Projecto, levou a cabo o segundo Dia Especial deste ano lectivo, depois de não ter conseguido realizar, por motivos alheios à sua vontade, o Dia Nacional da Lituânia.

De certo já sabem que o projecto "Dia Especial" pretende proporcionar à comunidade escolar o contacto com a gastronomia e, ao mesmo tempo alguma informação, de outros países, sendo levada a cabo uma decoração apropriada da cantina.

Assim, no passado dia 25 de Março, teve lugar no refeitório da escola o Dia Nacional da Grécia. O prato típico escolhido foi o "Pasticcio" que é uma espécie de lasanha. Esta actividade correu bastante bem,

pois contou, novamente, com a adesão de alunos, funcionários e professores que felicitaram o grupo.

O grupo está muito feliz com o resultado alcançado e, espera que os restantes "Dias Especiais" tenham, pelo menos, o mesmo sucesso e grau de aceitação.

Mais uma vez, lembramos que este dia só foi possível graças à colaboração das cozinheiras e da responsável da cantina, a D. Graça. Ficando aqui expresso, mais uma vez, o agradecimento do grupo.



# Concurso Nacional de Leitura - 2009

Joana Teixeira, da ESAB, e Ana Luísa Silva, da ESEG, vencem eliminatória distrital

Joana da Fonseca Piloto - 8ºB

No dia 27 de Março de 2009, decorreu a 2ª fase do Campeonato Nacional de Leitura, na Biblioteca Municipal de Bragança, na qual participei. que terminou com a selecção de Joana Teixeira, da ES Abade de Baçal (3º ciclo), e Ana Luísa Silva, ES Emídio Garcia (secundário), que representarão o distrito no dia 30 de Maio, em Lisboa.

Eram trinta e quatro os alunos de diversas escolas do distrito de Bragança que

disputavam a distrital deste concurso, depois de terem vencido a eliminatória da escola a que pertencem. A Biblioteca Municipal estava devidamente preparada para esta ocorrência. Havia várias mesas identificadas com os nomes dos participantes e, no final, foram distribuídos diplomas de participação.

A prova deste concurso consistia em perguntas de escolha múltipla, num texto para completar e numa pergunta de desenvolvi-

mento.

Gostei de participar neste concurso, pois foi uma actividade bastante interessante e enriquecedora a nível literário. Foi também divertida, pois conheci novas pessoas e fiz novas amizades! Os livros recomendados para leitura foram: "Casos do Beco das Sardinheiras", de Mário de Carvalho; "Novos Contos da Montanha", de Miguel Torga e "O Diário de Zlata" de Zlata Filipović.



Grupo de Finalistas da ESAB com Coordenadora da Biblioteca

## Em contagem decrescente... A Grande Final

Joana Teixeira foi a vencedora da fase distrital do Concurso Nacional de Leitura deste ano. Está por isso em contagem decrescente até 30 de Maio, dia em que representará o distrito na final, em Lisboa.



**Outra Presença:** O que te levou a participar no Concurso Nacional de Leitura?

**Joana Teixeira:** A minha participação no concurso deve-se ao gosto pela leitura e à vontade de avaliar a minha capacidade de interpretação da mesma com outros colegas. Fui também incentivada a participar pela professora de Português, que me deu a conhecer o concurso.

**O.P.:** Revelaste já o teu gosto pela leitura, por que tipo de obras te interessas mais?

**J.T.:** Leio todo o tipo de livros, as minhas escolhas são muito variadas, quando gosto de um título ou de uma capa, costumo ler o prefácio ou o texto da contracapa e se este me agrada, leio o livro.

**O.P.:** Gostaste dos livros que foram seleccionados para as provas?

**J.T.:** Ainda não tive oportunidade de ler as obras da terceira fase, mas os títulos são sugestivos. Em relação às obras das fases anteriores, não gostei do "Diário de Zlata", os restantes livros mostraram-se bastante interessantes.



**O.P.:** O que pensas deste tipo de iniciativas?

**J.T.:** - Penso que estas iniciativas são importantes, pois incentivam o gosto pela leitura bem como a cultura de que tanta gente se esquece e estimulam a competição saudável.

**O.P.:** - Confraterni-

zaste com os colegas que te acompanharam à fase distrital?

**J.T.:** - Sim, na fase distri-

com a mesma experiência literária que eu.

**O.P.:** - O que achas que te espera na final? Achas que vai ser mais difícil?

**J.T.:** - O nível de competição é muito diferente, agora estou a competir com os melhores de cada distrito do país.

desco- o que pode dificultar o meu raciocínio e pôr em causa o meu desempenho final.

**O.P.:** - Já conheces os alunos da cidade que te vão acompanhar?

**J.T.:** - Ainda não tive oportunidade de os conhecer, mas penso que nos vamos dar bem. Uma vez que participamos na mesma iniciativa, partilhamos os mesmos gostos.

**O.P.:** - Diz-nos quais as expectativas que tens para o grande dia.

**J.T.:** Ainda não me pus

Nome: Joana Maria Rodrigues Teixeira

Data de Nascimento: 20-06-1994

Local de nascimento: Bragança

Livro: "A Lua de Joana"; "Equador"

Escritor favorito: Maria Teresa Maia Gonzalez

Música: Várias, entre as quais "Hey there Delilah"; "Leva-me contigo"; "Leave out all the rest"

Cantor: Vários

Local de sonho: Nova Iorque

Lema de vida: "Saber falar e saber calar na hora certa"

Cor favorita: Amarelo

bem na situação, sei que vou estar num estado de nervosismo bastante grande o que pode dificultar o meu raciocínio, mas uma vez que a semana que antecede o dia da prova é de testes e entrega de trabalhos, a minha cabeça vai andar ocupada e não vai haver muito tempo para nervosismos até esse dia.

**O.P.:** - Consideras o tipo de prova adequada-

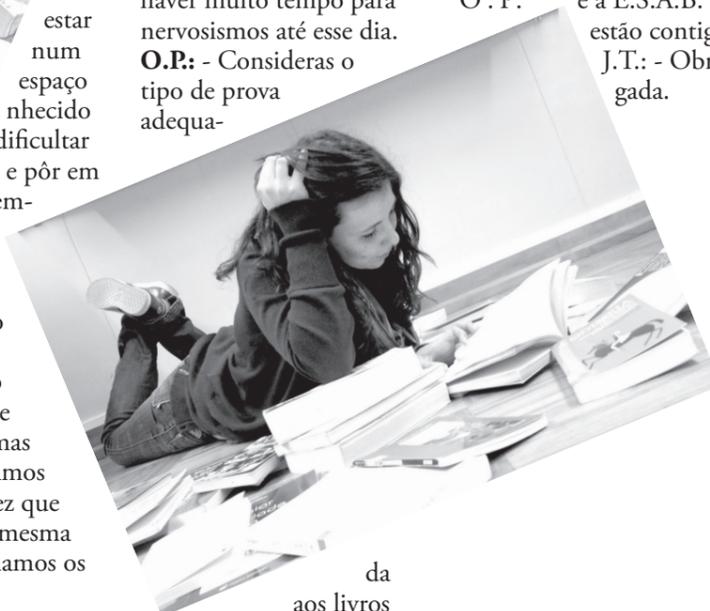
que devia haver algumas perguntas de desenvolvimento e não só de escolha múltipla.

**O.P.:** - Preparada?

**J.T.:** - Penso que, após a leitura das obras, me vou sentir apta para a prova. Sim, estou preparada!

**O.P.:** - Boa Sorte, Joana! O O.P. e a E.S.A.B.

estão contigo!  
**J.T.:** - Obrigada.



da aos livros escolhidos?

**J.T.:** - Apesar de ainda não ter um conhecimento vasto sobre todas as provas, acho

# Quiz Ciência Viva

## Ciência Challenger - 2009



Participantes na eliminatória do "Quiz" Ciência Viva

**Dus equipas da escola participantes na primeira eliminatória do Quiz Ciência Viva foram apuradas para a final, que terá lugar no Centro Ciência Viva, no dia 3 de Junho, às 15:30.**

Nos dias 4 e 18 de Fevereiro e 4 e 18 de Março 2009 realizou-se na nossa escola a 1.ª eliminatória do Quiz Ciência Viva – Ciência Challenger- 2009 promovido pelo Centro de Ciência Viva de Bragança em parceria com a Escola Secundária Abade de Baçal.

A acção foi dinamizada pelos professores da Área Disciplinar de Ciências Naturais e nela participaram vinte equipas, cada uma constituída por cinco alunos (dois do 3.º ciclo e três do ensino secundário). Decorreu na biblioteca da Escola, segundo um modelo do concurso

televisivo "Quem quer ser milionário", versando questões das áreas temáticas de Ciências Naturais, Biologia, Geologia, Física, Química e Matemática. As questões foram de escolha múltipla e com quatro alternativas. Os alunos dispunham de duas ajudas:

1ª Ajuda – 50:50 – elimina duas respostas erradas; 2ª Ajuda do público – o participante pede ajuda do público (alunos que não estão integrados nas equipas)

Cada sessão teve grande adesão por parte dos alunos e foi muito animada e interessante pelo feedback que se estabeleceu entre os participantes das equipas e o público.

Cada elemento de cada uma das equipas recebeu um certificado de participação.

A lista das pontuações atingidas pelas restantes equipas

encontra-se afixada no painel do bar dos alunos.

As duas equipas apuradas para participar na Grande Final que ocorrerá no Centro de Ciência Viva de Bragança, onde estarão presentes equipas de outras escolas, são assim constituídas: equipa 1 - Guilherme Sá Pires, Tiago Rolo, Ricardo Ferreira, Juliana Afonso e Leandro Monteiro; Equipa 2 - Andreia Diegues, Ana Raquel Fernandes, Maria Manuel Neiva, Nuno Fernandes e Pedro Vaz

Nas respectivas escolas, cada elemento da equipa vencedora receberá um Bilhete Família correspondente a uma Entrada Familiar no Centro de Ciência Viva de Bragança e, na final, cada elemento da equipa vencedora será contemplado com um prémio, a designar pelo referido Centro.

### Equipas da escola apuradas para a final

	Nome do aluno	Ano	Turma	Classificação
Equipa Q	Guilherme Sá Pires	12.º	A	38 pontos
	Tiago Rolo	12.º	A	
	Ricardo Ferreira	10.º	B	
	Juliana Afonso	7.º	A	
	Leandro Monteiro	7.º	A	
Equipa Q	Andreia Diegues	11.º	A	35 pontos
	Ana Raquel Fern.	11.º	A	
	Mº Manuel Neiva	11.º	A	
	Nuno Fernandes	9.º	B	
	Pedro Vaz	8.º	A	

### Ecopontos no Bufete

**O bar dos alunos está mais ecológico**

No dia 9 de Fevereiro, no âmbito da disciplina de Área Projecto, do 12º ano, o grupo "Escola Dinâmica" colocou no bar dos alunos dois ecopontos.

A sua intenção é promover a reciclagem e consciencia-

lizar para a necessidade de preservar o ambiente.

Tal como os promotores da iniciativa esperavam, os alunos aderiram positivamente à ideia e todos os dias separam o lixo. Nem sempre o fazem de forma correcta, mas, com o tempo, com certeza criarão hábitos de separação e re-

ciclagem e agirão correctamente.

O bar dos alunos foi o espaço escolhido por ser um espaço de convívio onde se produz lixo diferenciado, sendo por isso um local importante na aprendizagem de hábitos mais ecológicos e, como tal, mais saudáveis.



Grupo "Escola Dinâmica" (Cristiano, Bruna, Isabel, Vera e Lígia) junto aos ecopontos

### Mais saúde na escola

Noémia Teles e Marisa Domingues – 12ºC

No dia 20 de Fevereiro de 2009, três grupos de Área Projecto ("Genética" e "Escola Dinâmica" do 12ªA e "Problemas da Adolescência" do 12ºC), em colaboração com o grupo da Saúde Escolar, organizaram um pequeno-almoço saudável no bar da escola. O objectivo dos organizadores desta actividade era sensibilizar os estudantes para a necessidade de uma alimentação mais saudável

no dia-a-dia e para o facto de esta não tornar o pequeno-almoço menos saboroso nem implicar sacrifício.

Tostas, pão caseiro, compotas de variadíssimos sabores, queijo fresco e batidos de frutas esperavam aqueles que, chamados pelos cartazes de divulgação do evento, percorressem o percurso assinalado com frutas que os conduziria do rés-do-chão ao bufete, onde decorria o lanche.

A avaliar pelo número de alunos mas também de professores e funcionários que passaram pela mesa, pode-se concluir que houve uma boa adesão a esta iniciativa, que se realiza pelo segundo ano consecutivo, tendo, no ano anterior, também sido dinamizada por um dos grupos de Área de Projecto e pelos responsáveis pela Saúde Escolar.



Grupos responsáveis pela organização do pequeno-almoço saudável

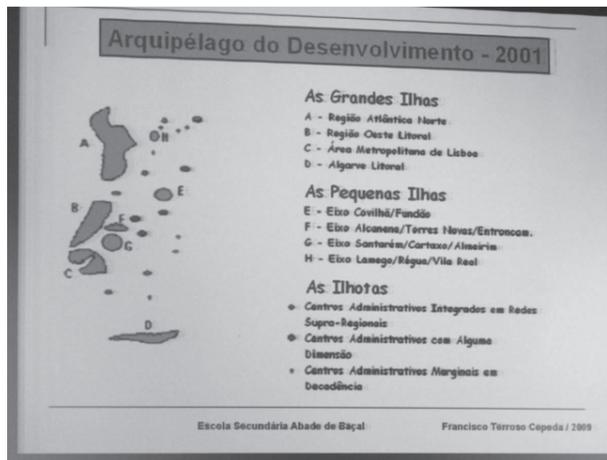
# Desertificação e Desenvolvimento Regional

Guilherme Sá Pires - 12ªA

Desertificação e Desenvolvimento Regional foi o tema que o Professor Francisco Cepeda trouxe à Escola no dia 16 de Março, a convite do grupo que na disciplina de Área de Projecto desenvolve o projecto “Bragança, o Interior e a Desertificação”.

O orador convidado é actualmente professor na Universidade Católica e antigo Governador-Civil do nosso distrito.

O professor Cepeda começou por definir desertificação e as suas formas de ocorrência, fazendo a distinção entre desertificação demográfica e ambiental. Prosseguiu depois com a análise histórica da evolução económica do nosso distrito desde o século XVIII, demonstrando a influência das vias de comunicação na desertificação que hoje se encontra latente em Trás-os-Montes. Observando o plano rodoviário de 1880 e a rede de 1945, facilmente se constata que a diferença entre os quilómetros de estrada construídos no



Grandes Ilhas (Atlântico Norte, Região Oeste Litoral, Região Metropolitana de Lisboa Algarve Litoral), Pequenas Ilhas (Eixos Covilhã-Fundão, Entroncamento –Torres Novas, Santarém-Cartaxo-Almeirim, Lamego-Régua-Vila Real) e Ilhotas, nos quais se incluem centros de alguma dimensão e outros em decadência.

Seguiu-se um período de diálogo com o orador, durante o qual se questionou o modelo de desenvolvimento que hoje se pratica em Portugal (“ao Interior tira um milhão, ao litoral não tires um tostão”).

A palestra contou com a adesão de alunos do secundário e professores, que se mostraram bastante interessados e receptivos à discussão de um assunto essencial na compreensão da situação e na consciencialização da necessidade de inverter a tendência de desertificação do interior que hoje se verifica.

*“ao Interior tira um milhão, ao litoral não tires um tostão”*

interior e no resto do país é responsável pelo maior isolamento da região, pela

emigração e despovoamento. Alheia a esta situação não ficam também os flu-

xos migratórios para o litoral que cresceram desde 1891. Estes factos condu-

ziram à definição de zonas de maior ou menor desenvolvimento designadas de

## Ninguém protege o que não ama e ninguém ama o que não conhece...

A extinção de espécies não é um fenómeno dos nossos dias. Nos 4600 milhões de anos de existência estimada para o nosso planeta contam-se várias extinções em massa (desaparecimento simultâneo de várias espécies). No entanto, se no passado estes fenómenos eram esporádicos, muito distanciados no tempo e causados por catástrofes naturais, desde que o Homem, devido à sua suposta maior inteligência, assumiu o comando, estes fenómenos são cada vez mais frequentes. As actividades humanas através da alteração do habitat, pesca excessiva, desflorestação, caça furtiva, etc colocam em sérios riscos de extinção várias espécies diminuindo drasticamente a biodiversidade.

Em termos de conservação das espécies, segundo a IUCN podemos considerar

várias categorias de organismos:

- Extinto - quando não existe dúvida razoável que o último animal da categoria taxonómica morreu;
- Extinto na natureza - a categoria taxonómica apenas sobrevive através de animais em cativeiro ou em populações reintroduzidas na natureza, por vezes fora do antigo habitat natural;
- Criticamente ameaçado - a categoria taxonómica enfrenta um risco extremamente elevado de extinção na natureza, num futuro imediato;
- Ameaçado - a categoria taxonómica enfrenta um risco elevado de extinção na natureza, num futuro próximo;
- Vulnerável - a categoria taxonómica enfrenta risco de extinção na natureza, a médio prazo;
- Baixo risco - a

categoria taxonómica foi avaliada e não preenche os critérios necessários para integrar as categorias anteriores. Esta categoria ainda é subdividida em:

- Dependente de conservação - a categoria taxonómica é alvo de um programa específico de conservação (dos animais ou do habitat), sem o qual preencheria os critérios para a integração nas categorias em perigo no prazo máximo de 5 anos;
  - Quase ameaçado - categoria taxonómica muito próxima do preenchimento dos critérios necessários à integração na categoria anterior;
  - Baixa preocupação - categorias taxonómicas que não preenchem os critérios necessários à integração nas categorias anteriores.
- Infelizmente a cada minuto que passa as listas de organismos de cada

uma destas categorias engrossam, pois milhares de km<sup>2</sup> de floresta estão a ser queimados ou cortados e milhares de animais morrem muitas vezes apenas para satisfazer o ego de alguns seres humanos. O mais dramático desta situação é que será a espécie humana a sofrer as consequências, pois se é verdade que a Terra continuará a existir, as condições de vida que nos permitem sobreviver no planeta não.

Não se pode voltar atrás no que diz respeito às espécies extintas mas podemos tentar impedir que as espécies actualmente ameaçadas integrem a lista das extintas. Um dos primeiros passos será conhecer as características de algumas destas espécies, pois “ninguém protege o que não ama e ninguém ama o que não conhece...” Dá uma ajuda, pesquisa

e acrescenta uma espécie à lista que se encontra na

nossa edição online.

### Rolhas por Quercus

Carvalho, Azinheira e Sobreiro são nomes comuns dados a plantas que pertencem ao género *Quercus*. São árvores características do nosso país que foram sistematicamente abatidas e trocadas por espécies de crescimento mais rápido. Esta situação ameaça gravemente o nosso equilíbrio natural, a biodiversidade e o ciclo da água. É necessário plantar árvores, as nossas árvores, para aumentar a biodiversidade, a absorção de CO<sub>2</sub>, e preservar o clima. Elas são a garantia do futuro do nosso país.

**Coloque as rolhas no Rollintins.**

A reciclagem das rolhas vai permitir:

- Reduzir resíduos;
- Defender a rolha de cortiça como produto ecológico;
- Angariar verbas para a plantação de árvores do género *Quercus*.

# A grande final



**Terminou a terceira edição do Campeonato de Literatura e da Língua Portuguesa. Na grande final, que decorreu no dia 21 de Abril, a partir das 17 horas, e na qual participaram cerca de 40 alunos.**

**Os vencedores foram os seguintes:**

**3º ciclo:**

1º lugar - Nuno Fernandes - 9ºB

2º lugar - Diana Malhão - 9ºB

3º lugar - Ana Margarida Fernandes - 7ºC

**Secundário:**

1º lugar - Carolina Pa-drão - 11ºA

2º lugar - Inês Ruivo - 11ºA

3º lugar - Ana Raquel Teixeira - 11ºA

Os prémios foram entregues durante o Sarau de poesia, que decorreu no Dia da Escola.

## Ana Saldanha

Dando início às actividades da Semana da Leitura, a autora de obras como “Uma questão de Cor” e “Dentro de mim” criou uma divertida sessão na Biblioteca da Escola. Logo pela manhã do dia 16 de Março, Ana Saldanha “sobressaltou” todos os presentes com uma leitura mais do que dramatizada de extractos de algumas das suas obras. Divertida, desafiadora e irresistível, Ana Saldanha mostrou que a leitura é um excelente meio de se conhecer os outros e de reflectir sobre tudo aquilo que nos rodeia. A sessão teve início com a

apresentação da escritora, a cargo do coordenador do Departamento de Línguas, Prof. Manuel Ferro. De seguida, um grupo de alunos do 8º B leu, com grande expressividade, vários excertos da obra “Uma Questão de Cor”, onde se alude às causas e consequências do racismo. A propósito desta obra, Ana Saldanha fez saber que as referências a Nelson Mandela têm origem na tradução que ela própria fez de uma biografia deste grande político sul-africano.



## Fernando Mascarenhas no Dia Mundial do Livro

Lurdes Bento

No passado dia 23 de Abril, pelas 10 horas e trinta minutos, o escritor Fernando Mascarenhas deslocou-se à nossa escola para conversar acerca do seu primeiro livro: “O Sabor da Marmelada Fresca”.

O autor, natural de Macedo de Cavaleiros, trabalhou durante muitos anos na Banca e no Ensino Superior, pelo que só após a aposentação encontrou tempo para escrever. Actualmente, vive repartido entre Macedo de Cavaleiros e Vila Nova de Gaia.

O escritor foi apresentado com a leitura de excertos da sua obra por alguns alunos que leram os capítulos “A Escola” e “A Morte”, que serviram de mote para a apresentação do romance, cuja acção se desenrola, numa primeira fase, em Trás-Os-Montes – Macedo de Cavaleiros, Salselas, Bragança – e mais

tarde, na Póvoa de Varzim, Braga, Lisboa, Luanda e São Tomé. Nesses espaços, há quarenta anos, a personagem João vive a sua adolescência, rodeado de familiares e amigos e atento à miséria que obrigou o povo a emigrar, à morte e à sexualidade, passando pelas artes – cinema, pintura, música e literatura., pois segundo o autor, a adolescência caracteriza-se como sendo um período de inúmeras descobertas.

O autor, por sua vez, leu alguns extractos relativos ao tipo de ensino que era ministrado durante o Estado Novo, em que a memorização em todas as disciplinas imperava, mas a educação sexual era um tabu, e que ainda hoje essa matéria não é estudada convenientemente nas escolas.

Inquirido sobre se a sua obra é um livro de memó-

rias, respondeu que não o é no que diz respeito à personagem principal, mas sim no que concerne às personagens secundárias e a alguns espaços e situações, e o seu título deve-se à recordação de um episódio da sua infância, quando um dia provou e estragou todas as tigelas de marmelada da sua avó, facto que lhe valeu um castigo.

Questionado sobre as leituras que os jovens faziam no seu tempo de juventude, referiu que os rapazes (só teve irmãos e não irmãs) costumavam ler Júlio Verne, Emílio Salgari e Banda Desenhada. Quanto às raparigas, a Dra. Fernanda Moura dos Santos lembrou os seus tempos de Liceu dizendo que elas costumavam ler os “Caprichos”, que eram fotonovelas, hoje desaparecidas, e que muitas vezes, havia rusgas nas aulas para serem castigadas

pelo reitor. Para finalizar, recomendou aos jovens presentes que é possível conciliar os estudos e os passatempos com os computadores e o desporto, mas que é essencial

a leitura dos grandes clássicos da nossa literatura. Referiu, ainda, que o seu segundo livro tem por título “Cafeína” e que seria publicado no dia seguinte. Despediu-se com a pro-

messagem de, no próximo ano lectivo, voltar a visitar a nossa escola para dialogar com mais alunos e professores.



# A Poesia veio à escola

Joana Teixeira (9ºB) e Adriana Pires (8ºB)

Mais um ano a nossa escola realizou o Sarau de Poesia. Esta iniciativa teve lugar no dia da Escola, 24 de Abril, pelas vinte e uma horas e contou com a participação de alunos, professores, funcionários e pais, que encheram de cultura, cor e alegria o ginásio da escola.

A noite iniciou-se com a entrega de prémios dos concursos da área disciplinar de Língua Portuguesa, levados a cabo ao longo do ano lectivo. Seguiu-se a declamação de poemas por parte dos alunos com ordem crescente, iniciada pelos de sétimo ano e finda pelos leitores adoptados e adoptantes, precedidos pelos de décimo segundo ano. Contou-se também com a colaboração de alguns encarregados de educação que acompanharam os seus filhos na leitura, escolha e até mesmo escrita de poemas.

O Sarau continuou com a participação dos professores que mostraram interesse pela iniciativa e quiseram surpreender os presentes através das suas escolhas literárias que se revelaram bastante interessantes.

Os poemas foram lidos tanto individualmente como em pares ou mesmo em grupos alargados. Estes incidiram em diversos temas, como na Astronomia, uma vez que está a decorrer o ano dessa ciência, na Revolução dos Cravos, pois esta comemorava-se no dia seguinte, e ainda em temas presentes no nosso quotidiano.

**Terminados todos os agradecimentos e leituras, os presentes cantaram a "Pedra Filosofal" de Manuel Freire, cuja letra é adaptada do poema com o mesmo nome de António Gedeão.**



## Lanche literário

# A poética dos sentidos

Alice Pinheiro, coordenadora da Área disciplinar de Português

**No âmbito da Semana da Leitura, que decorreu de 16 a 20 de Março, teve lugar, na Biblioteca, um encontro de leitores e Lanche Literário, aberto a toda a comunidade educativa, no dia 18 de Março, a partir das 14.30**

O cartaz que anunciava este encontro despertava a curiosidade de todos nós! A frase apelativa "Vem e traz um livro também" suscitava, imediatamente, a vontade de partilhar com todos aqueles livros que havíamos lido ou estávamos lendo e cuja magia e segredos não cabiam dentro de nós.

E muitos de nós lá aparecemos com a nossa paixão literária mais recente, como acontece de cada vez

que lemos um novo livro e achamos que afinal é este o livro da nossa vida.

Mas, o cartaz que anunciava a festa do encontro continha umas frases misteriosas...que davam fome:

"O que têm em comum...

...uma fatia de pão e MEMORIAL DO CONVENTO?

...um prato de gomas e HARRY POTTER?

...chocolate com pimenta e ANA SALDANHA?

...uma taça de trufas e OS MAIAS?"

Acabámos por nos render : a partilha das leituras entusiasmava-nos, mas queríamos, gulosamente, descobrir o sabor desse território lexical e metafórico

que o cartaz prometia...

E lá estavam várias mesas com iguarias e livros! Lá estava o "Jardim das Delícias" de João Aguiar fazendo muro com um jardim de deliciosos e coloridos bolinhos de amêndoa de Freixo. Noutra mesa, o "pão de Blimunda", delicioso e negro! E porque "Não há em Portugal trigo que baste ao perpétuo apetite que os portugueses têm de pão(...)", aí estávamos nós com vontade de o saborear, na esperança de em nós sentir o mistério de poder "olhar por dentro das pessoas". Em outra mesa, D. QUIXOTE, o incansável batalhador de "moínhos e gigantes", campeava em meio de "tapas" e "morrões" ! E a



Lanche Literário

mesa do "Jantar no Hotel Central"?! Sim, lá estavam "OS MAIAS", "Chique a valer" com sua taça de trufas "à la Cohen", o que até nos emprestava um arzinho convencido de "soirée", uma vontadezinha de nos "Gouvarinhar"! E, mesmo ali ao lado, a magia de Harry Potter, o chocolate a tentar-nos, a despertar em nós gulodice, ou, dizendo mais literariamente, "a poética dos sentidos"!

Pois foi no meio desta literatura de comer e cho-

rar por mais que decorreu o encontro entre professores leitores que partilharam opiniões sobre livros acabados ou em meio de ler, do ensaio ao romance, terminando com a "lição" sobre Trindade Coelho, com que o nosso convidado e colega João Cabrita nos brindou, que as horas voaram. Foi um encontro saborosíssimo!

Recordando as palavras de Ana Saldanha que esteve na nossa Biblioteca no dia anterior, "UM livro é uma

caixa de chocolates" mas em versão "light"-devoramos-os mas não engordamos.

# Do laboratório para a mesa

Carina Esteves, Joana Carril - 12 B



Etapas do fabrico do queijo

São muitas as mesas onde o queijo tem lugar e frequentes as vezes em que isso acontece. No entanto poucos reflectem sobre a ciência que existe no processo que conduziu à transformação do leite em queijo e menos os que o conseguem explicar. Como se processa então esta transformação e que reacções são responsáveis por ela?

A fermentação láctica é um processo catabólico anaeróbico que visa degradar moléculas orgânicas para obtenção de energia química. Este processo é realizado por bactérias lácticas que produzem ácido. Este é responsável pela coagulação das proteínas do leite, formando o coalho.

Vários tipos de queijo são produzidos por fermentação levada a cabo por diferentes espécies de bactérias pertencentes aos géneros *Propionibacterium*, *Lactobacillus*, *Streptococcus* e *Leuconostoc* em culturas mistas ou puras. As bactérias produzem ácido láctico e outras substâncias que contribuem para o aroma. O aumento da acidez provoca a coagulação das proteínas do leite. A acção secundária de bactérias e fungos determina sabores e aromas característicos, por isso há diferentes variedades de queijos..

O único passo estritamente necessário para se fazer qualquer tipo de queijo é

separar o leite em coalhada sólida e soro líquido. Geralmente isso é feito pela acidificação do leite e adição da quimosina.

Alguns queijos frescos são coagulados apenas pela acidificação, mas a maioria deles utiliza também o coalho. A função do coalho é coagular a caseína presente no leite. A principal enzima responsável por essa acção é a renina, uma fosfoproteína de acção proteolítica (que quebra as proteínas). Ela actua hidrolisando ligações peptídicas da caseína, transformando-a em para-caseína que precipita em presença de iões  $Ca^{2+}$  formando, então a coalhada. Este processo é dependente da temperatura, do pH e do teor de cálcio do leite. A temperatura óptima de acção do coalho à volta de  $40\text{ }^{\circ}\text{C}$ , mas costuma-se utilizar temperaturas ligeiramente mais baixas (à volta de  $35\text{ }^{\circ}\text{C}$ ) para evitar que a coalhada fique muito dura (fig.1). O coalho dá uma consistência mais firme e gelatinosa ao queijo, se comparado com a frágil textura da coalhada produzida apenas pela coagulação ácida. Também permite ter um nível mais baixo de acidez, o que é muito importante, porque as bactérias que dão o sabor característico ao queijo são inibidas em meios altamente ácidos.

Neste ponto, o queijo adquiriu uma textura espessa

e húmida. Alguns queijos de massa mole estariam praticamente prontos, mas para a maioria, a coalhada é cortada em pequenos cubos e prensada em cinchos para extrair o soro (fig. 2).

Alguns queijos duros são, em seguida, aquecidos a uma temperatura na faixa dos  $35\text{ e }55\text{ }^{\circ}\text{C}$ . Isto faz com que o soro seja mais rapidamente filtrado e também se conseguem alterações no gosto final do queijo, afectando a cultura bacteriana existente e a estrutura química do leite. Nos queijos

que são aquecidos a temperaturas mais altas, são geralmente usadas bactérias que sobrevivem a esta etapa, como as *Lactobacillus* e *Streptococcus*.

O sal desempenha vários papéis importantes na produção do queijo. Além de lhe adicionar um sabor salgado, este preserva o queijo da deterioração, extrai a humidade da coalhada, e consolida a textura do queijo na interacção com suas proteínas.

**Do laboratório para a mesa**

**Achas que fungos e bactérias só causam doenças?**

**Grande engano !**

Aparece no laboratório de Biologia, Sexta-feira, às 11 e observa os alimentos que eles produzem.

**Podes provar**

## Peddy paper

Manuel Trindade

No dia 02 de Junho (terça-feira) de 2009, pelas 14 horas, vai realizar-se o já tradicional peddy-paper da nossa Escola. Como sabes, se quiseres participar estás dispensado das aulas. Por isso forma uma equipa de três elementos e atreve-te a ganhar um dos muitos prémios que te esperam. Par além da actividade lúdica e do espírito de participação tens, ainda, oportunidade de conhecer melhor o património histórico da cidade e a nossa cultura local e regional.

Senhor(a) funcionário ou senhor professor, não es-

queçam que esta actividade também vos é destinada. Por isso organizem-se e apareçam.

A partida realizar-se-á na antiga Estação de Caminho de Ferro.

ESCOLA SECUNDÁRIA / 3 ABADÉ DE BAÇAL

**Peddy Paper 2008/09**

Dia 2 de Junho de 2009 - 14 horas  
Duração: apx. 2 horas

**DESTINATÁRIOS:**  
Alunos, Professores e Funcionários

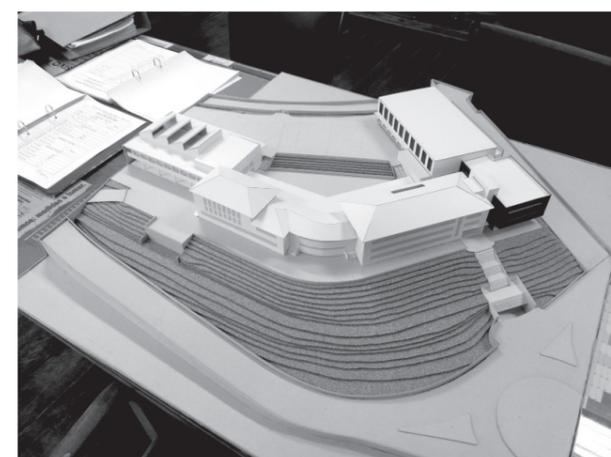
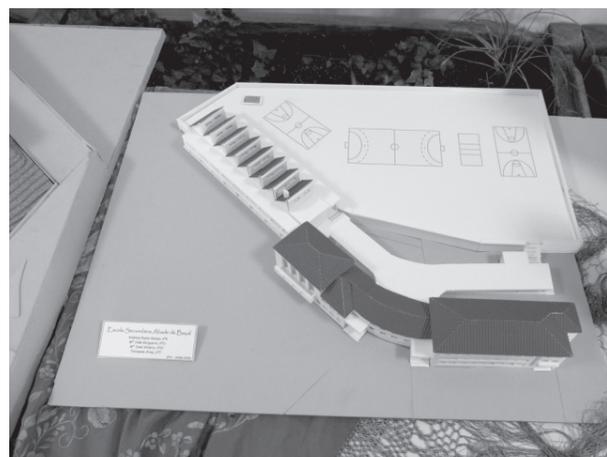
*Forma um grupo de três elementos e participa!*

**Local de Partida:**  
(antiga) Estação de Caminho de Ferro de Bragança

## A actual e a nova escola a três dimensões

Foi já exposta a maquete do novo projecto da Escola, que se encontra na entrada principal deste estabelecimento de ensino. Através desta maquete conseguimos visualizar o futuro da nossa escola e isto só nos faz entusiasmar mais. Esperamos que a mudança esteja para breve e que o tempo que vamos esperar valha a pena. Vai ser uma escola completamente remodelada, uma escola do século XXI.

Também os alunos do 8ºA se entusiasmarão e deitaram mãos à obra. De todos os trabalhos, destacamos este, que deixa para a história uma imagem tridimensional da actual escola.



**Apesar das obras, as aulas decorrerão com normalidade, de forma a não prejudicar as aprendizagens dos alunos.**

# O idoso – problemas e realidades

Ana Filipa, Telma e Catarina - 12ºA

A Biblioteca da escola, no dia 14 de Maio, acolheu uma palestra organizada pelo grupo de “ESAB + Solidária”, no âmbito das suas actividades na disciplina de Área de Projecto, que teve como tema “O idoso – problemas e realidades”, e como objectivo mostrar as situações que marcam esta fase da vida.

A palestrante, Andreia Cordeiro, começou por falar dos processos de envelhecimento, distinguindo envelhecimento normal e patológico. De seguida fez referência às consequências do aumento da população idosa e dos factores relacionados com o envelhecimento: pessoais - idade, perdas, adaptação, e situacionais - sócio - demográficos, sócio - económicos,

ambiente e institucionalização.

O momento de maior interacção com o público ocorreu quando foram abordados os mitos relacionados com os idosos, como “A maioria dos idosos é senil ou doente”, “A maior parte dos idosos é infeliz”, “Todos os idosos de assemelham”.

Depois deste pequeno debate, a sessão de esclarecimento continuou com a abordagem às respostas sociais: lares de idosos, centros de dia, centros de convívio, serviços de apoio domiciliário e acolhimento familiar.

Para finalizar referiu ainda as redes de apoio social necessárias para que uma instituição funcione devidamente e do apoio financeiro existente para a população idosa.



Grupo Esab + Solidária com palestrante

## 50 anos de Jornal escolar

### Encontro e exposição comemorativos

50 anos  
de jornal escolar  
30 | Maio

#### Programa

- 14:30** Recepção dos participantes e visita à exposição Narrativa “50 anos de Jornal escolar”
- 15:00** Abertura oficial pela Presidente do Conselho Executivo
- 15:15** Breve História do Jornal da Escola – Luísa Diz Lopes
- 15:30** “Ser Jornalista” – Daniel Catalão
- 16:00** “Educação para os media” – Eduardo Madureira
- 16:15** “A génese do Outra Presença” - Fernando Calado
- 16:30** “O Outra Presença como espaço de intervenção” – José Luís Gonçalves
- 17:00** Intervenções espontâneas
- 17:20** Entrega dos prémios do concurso de fotografia
- 18:00** Homenagem aos alunos jornalistas do “Outra Presença”  
Momento musical – encerramento da sessão
- 18:15** Porto de honra

Escola Secundária Abade de Baçal

## Uma jóia que faz jóias

A vida reserva-nos boas surpresas. E na nossa Escola elas acontecem. Acreditem. É o caso da professora Maria José Yanes Rodrigues, que está connosco desde o mês de Outubro. Colocada na Biblioteca da Escola Abade de Baçal – e apesar de se encontrar fisicamente condicionada devido a um acidente que lhe limitou o braço direito –, a “Zezinha” tem revelado a sua alegria contagiante e uma enorme generosidade na forma como se entrega diariamente aos trabalhos

que ela impõe a si própria e àqueles que a escola lhe propõe. É estimada por todos os utilizadores da Biblioteca. É solicitada por alunos que lhe pedem ajuda para trabalhos manuais. É procurada por todos aqueles que já lhe reconheceram as mãos de artista e lhe pedem mais uma das suas obras únicas e originais. Desde os arranjos de Natal e de Páscoa, passando por pulseiras, colares, brincos e flores em papel, até aos adereços da peça de teatro da Escola, a Maria José

revelou-se uma preciosidade. Generosa, simpática, sempre disponível e incansável!

Obrigada,  
Zezinha!



## William Shakespeare, pelo grupo de teatro da ESAB



### Sonho de uma noite (musical) de Verão

Paula Romão

O Teatro é das Artes mais completas. Nele se unem, como elementos de uma família, as mais diversas manifestações artísticas: a música, a dança, a pintura, a literatura, a representação...

“Sonho de uma Noite de Verão”, de William Shakespeare, interpretado pelo Grupo de Teatro da Escola Secundária Abade de Baçal, prestou homenagem a algumas destas

artes. A música foi uma protagonista e a dança sua companheira...

Como preâmbulo da peça, as oito figurantes dos 7º e 8º anos dançaram ao som dos Abba. “Does your mother know?” foi uma forma simbólica de lhes dizer que elas ainda eram pequenas para estarem ali, mas que o seu lugar como atrizes haveria de chegar...

O pano abriu, as luzes acenderam e a magia começou com música e os passos de oito jovens. Era o mote para as próximas horas.

A peça que os grupo de teatro da Escola Abade de Baçal nos ofereceu foi um espectáculo de som, cor e magia, anunciado pelo trasgo logo na abertura. Amores e desgostos, enganar e desenganar, vinganças e recompensas foram as faces da história que mesclou a realidade com o sonho de uma forma por vezes hilariante, sobretudo quando os mesteiros preparavam e faziam teatro, quando o Trasgo dava largas à sua imaginação e Canelas era abençoado com o amor de Titânia, rainha das fadas, apesar das enormes orelhas com que tinha sido presenteado por Oberon e Trasgo. São jovens os actores, mas

grande o talento que os fez subir ao palco e enchê-lo durante duas horas com a cor e delicadeza das fadas; a sensualidade de Titânia; a paixão e sofrimento das donzelas e dos galãs - Hérnia, Helena, Demétrio e Lisandro; a adoração de Teseu pela sua Hipólita; a ingenuidade cômica dos mesteiros (a graciosidade de Tisbe; o rugido amedrontado do Leão; a imponência da Parede que separa os amantes); a fidelidade de Filóstrata, a mordomia; o amor e a vingança de Oberon.

E música, muita música, a transmitir mais do que palavras.

Feliz e encantada noite esta. Parabéns actores! Parabéns Paula e Fernanda! Parabéns cenógrafos e luminotécnicos!

(Uma fã inconsolável por existirem apenas duas representações)

O Duque de Atenas e sua noiva Hipólita entraram em cena para as suas “faustosas núpcias” ao som de Mozart em “Pequena Noite Musical”, allegro. E os apaixonados Hérnia e Lisandro abraçaram-se pela primeira vez, ouvindo “Rhapsody in Blue” de George Gershwin.

Os divertidos e desajeitados Mesteiros empurraram-se, animados, saltitando por cima do tema dos Galandum Galundaina: “Nós tenemos muitos nabos”.

Mais adiante, as etéreas Fadas rodopiaram, pela primeira vez, ao som de música celta: “South by Sail” do duo Mychael e Jeff Danna. Nesse quadro, Titânia mostra a sua beleza a Oberon deslizando ao som de “Something” dos Beatles. O Trasgo sairá de cena saltando ao ritmo de Mendelssohn, Saltarello da Sinfonia nº 4...

Para adormecerem a sua Rainha, as Fadas dançam “Romance (Andante)” de “Pequena Noite Musical” de Mozart, lançando flores para fazerem a cama de Titânia. Ainda na floresta mágica, o mesteiro Canelas ver-se-á enfeitado e cantará “La donna é mobile”, da ópera “Rigoletto” de Verdi.

Isso fará com que a Rainha das Fadas se apaixone loucamente por ele, sob efeito de um feitiço lançado pelo seu despeitado marido, Oberon. Entre os avanços de Titânia, as fadas fazem mais uma entrada e mostrar-se-ão disponíveis para servirem o enfeitado e “burrificado” Canelas. Ao som de “Lovefool”, dos Cardigans, ele sairá em apoteose nos braços delas...

Como forma de homenagear os sentimentos amorosos de Helena, Hérnia, Lisandro e Demétrio, oito pombas dançam ao som da voz quente e mágica de Caetano Veloso. É a eterna canção “Cucurricucu Paloma” que as faz revoltar, enquanto os quatro apaixonados se deitam para acalmar o sofrimento de amor...

E, como forma de lembrar que a paixão também é causadora de grandes alegrias, o primeiro acto termina com “She loves you”, dos Beatles, que o Trasgo se encarrega de ritmar com a ajuda da cauda e dos seus saltos animados.

O segundo acto inicia-se com “Can you feel the love tonight”, cantado por Elton John. Titânia, num arroubo apaixonado, enfeitará Cane-

las com uma florida grinalda depositada sobre as suas belas orelhas de asno. Ambos adormecem, encostados um ao outro. Oberon regressa, já arrependido do feitiço lançado sobre a sua mulher e faz as pazes com ela. Esta, de volta ao seu estado de lucidez, compreende que tivera “um sonho extravagante, pois tomara um burro por amante”. Assim, para comemorarem a reconciliação conjugal, Titânia e Oberon dançam apaixonadamente, assumindo as vozes de Sérgio Godinho e Manuela Azevedo em “Dancemos no mundo”.

Em passeio pela floresta, o Duque Teseu e a sua noiva, Hipólita, encontram os quatro apaixonados a dormir após uma noite de desencontros e sofrimento. “Dizei logo à gente da caçada que os adorantes acorde ao som de uma alvorada” e Lisandro, Hérnia, Demétrio e Helena levantar-se-ão, ouvindo a Introdução de “Assim falou Zarathustra”, de Richard Strauss. Os amantes abraçar-se-ão apaixonadamente, reencontrando-se, após tantos equívocos e desgostos...

Para celebrarem as bodas

do Duque de Atenas, os seis Mesteiros prepararam um auto, em forma de cômica tragédia. O Prólogo, “espavorido e pouco mestre que lembrava um poldro silvestre”, entra em cena entontecido pela Abertura de “Holandês Voador” de Wagner. Apresenta as outras cinco personagens e o auto termina com a morte dos “amantes leais Píramo e Tisbe”, acompanhados pelo Luar, a Parede e o Leão...

Depois da saída dos seis mesteiros/actores improvisados, o Duque, a sua noiva, Hérnia, Lisandro, Demétrio e Helena festejam, com ritmo e alegria, as respectivas bodas ao som de “Ringa Ringa”, de A. R. Rahman.

De partida, também, Oberon, Titânia e as fadas dançam o “Rondo (Allegro)” Mozartiano, antes do Trasgo fazer a sua entrada... quase final. Porque todas as personagens regressarão, em grupos, ao som de “Honey, Honey”, dos Abba.

Mostrando que a última dança pertence ao amor e à alegria...



Marmelo – Temos no rol quantos artífices de Atenas pareceu que melhor dariam conta do auto famoso do Duque e da Duquesa. O caso é sério. Vai-se representar às barbas deles e no próprio palácio.



Trasgo – Por onde é o ir, ó Fadas?  
Fada – Por vales, por oiteiros, por sebes de espinheiros, matas e matagais. Trespasso o fogo, as águas...



Titânia – Cantai e adormecei-me. Em me vendo dormida, cada uma ao labor de que se acha incumbida.



Canelas – À protecção de Vossas Eminências humilde me encomendo.



(Cucurrucucu Paloma: enquanto os quatro apaixonados adormecem, cansados dos desencontros amorosos)



Egeu – Sim, Lisandro zombeteiro, tenho afecto verdadeiro a Demétrio. Cedo-lhe Hércia porque é minha...



Lisandro (a Hércia) – Se pois o teu amor é qual o julgo, sai na calada da noite, amanhã mesmo, e vai ter comigo ao bosque distante da cidade.



Píramo – Pela abertura do muro excomungado, venha um beijo!  
Tisbe – O que eu beijo não são lábios. É poeira e terraça...



Canelas (a Titânia) – Tive graça, não tive? Um remoquinho em vindo a pelo chia-me no papo.



Titânia (a Canelas) – Deixa-me acarinhar-te! Que lindo! Que loução!



Teseu – Para enterrar os finados resta o Luar e o Leão.  
Demétrio – Que podem ser ajudados pelo muro de divisão.



Prólogo – Se não gostardes do auto que trazemos... sim... não é nossa culpa, está sabido... sim... que a nossa tenção não foi moer-vos...



Teseu – Deixe o epílogo, repito; venha o baile bergamasco!



Teseu – Enfim, gentil Hipólita, já tardou mais a hora das nossas faustas núpcias; mais quatro dias foram e a Lua Nova entrou.

## Ficha Técnica

Esta é a história de uma noite de Verão sonhada na Primavera. Uma única noite onde os espíritos desafiam o sentido do verdadeiro amor, numa guerra mágica de fadas, poções e amores desencontrados. Numa noite de Verão – horas antes do casamento do Duque de Atenas – um mundo sereno e insuspeito está prestes a ser incendiado pela paixão...

Escrita, provavelmente, em 1595 e correspondendo a uma fase inicial da sua carreira, esta é a mais representada comédia de William Shakespeare. Aqui se denota a sua sensibilidade imaginativa, na forma como retrata as emoções humanas, cruzando-as com o humor e o sentido do fantástico que existem dentro de cada um de nós. Então como agora.

### Personagens - Intérpretes

Teseu, duque de Atenas - César Malinho  
Hipólita, noiva de Teseu - Daniela Gonçalves  
Filóstrata, a mordoma - Sónia Cova  
Egeu, pai de Hermia - Mário Geraldo  
Hércia, donzela bela - Marisa Martins  
Demétrio, garboso galá - Alexandre Morais  
Lisandro, galá garboso - Pedro Gonçalves  
Helena, bela donzela - Joana Seca

### Mestres/ Actores improvisados:

Marmelo (Prólogo) - David Afonso  
Canelas (Píramo) - Nuno Fernandes  
Gaitinhas (Tisbe) - Flávio Cipriano  
Trombas (Paredes) - Pedro Machado  
Rabote (Leão) - Filipe Sousa  
Esfomeado (Lua) - Nuno Guedes

### Seres Fantásticos:

Oberon, rei dos Génios - Guilherme Sá Pires  
Titânia, rainha das Fadas - Júlia Petrova  
Trasgo Robim - Tiago Rolo  
Primeira Fada - Ana Margarida Correia  
Segunda Fada - Vânia Martins  
Terceira Fada - Sara Santos  
Quarta Fada - Cátia Fernandes  
Quinta Fada - Ana Margarida Veleda  
Sexta Fada - Ana Raquel Teixeira  
Sétima Fada - Sara Alves  
Oitava Fada - Inês Ruivo

### Figurantes/bailarinas:

Cláudia Rodrigues, Diana Borges, Inês da Fonte, Margarida Fernandes, Mariana Lopes, Mariana Padrão, Patrícia Rodrigues, Vanessa Pires  
Encenação - Paula Romão  
Guarda-roupa - Fernanda Brás Alves  
Cenografia - João Ortega, António Sá, Carlos Vicente, Fernando Sá, Jorge Silva  
Adereços - Maria José Rodrigues  
Operação de Som - João Machado, Mário Geraldo

# Olimpíadas de Física 2009

**Paula Martins e Tiago Marabujo foram os representantes da escola na fase regional das Olimpíadas de Física deste ano, que decorreu no dia 19 de Maio, no Porto.**

Muitos foram os desafios que os concorrentes tiveram de resolver para justificar a posição que

adquiriram na fase distrital. Numa eliminatória que contou com cerca de 100 participantes, a vitória foi para um aluno de Vila Praia de Âncora.

Esta é uma iniciativa que a Sociedade Portuguesa de Física promove anualmente com o objectivo de incentivar e promover o gosto pela Física.

“Partimos de manhãzinha (nós e a nossa querida professora Teresa Pereira), pelas 6 horas do dia 19 de Maio para o Porto. A nossa longa viagem serviu, essencialmente, para dormir mas também para rever umas coisitas da matéria. A competição foi dura pois os concorrentes eram mais de 100, só de Bragança éramos quatro. O dia passou entre testes e momentos de descanso. Um dos mo-

mentos mais interessantes foi a palestra “Uma breve história do Universo” pelo Cosmólogo Pedro Avelino. Foi uma experiência produtiva, ficámos a conhecer as são as Olimpíadas, o tipo de testes, a faculdade de Ciências. Foi um sábado diferente, muito diferente.”

**Ana Paula Martins e Tiago Marabujo -11ºA**



## Dia Mundial do Teatro

*Paula Romão (Coordenadora da Biblioteca Escolar)*

Desde Ésquilo ou Eurípidas, passando por Gil Vicente e Shakespeare, o Teatro foi sempre muito mais do que uma forma de expressão ou de arte. E muito mais do que um local onde se contam histórias. O Teatro é, sobretudo, um lugar de encontro entre os homens, onde a existência humana se ultrapassa, testemunhando sobre si própria e o mundo. Procurando na arte aquilo que ela tem de

mais puro.

E porque também de pureza são feitos os melhores sentimentos, a Escola Abade de Baçal quis lembrar que 27 de Março é o Dia Mundial do Teatro, partilhando com os professores umas cenas da peça que o Grupo de Teatro da Escola apresentou no dia 15 de Maio.

“Sonho de uma Noite de Verão”, de William Shakespeare, é a peça que foi le-

vada ao palco do Teatro Municipal de Bragança. O texto, escrito provavelmente em 1595, aborda, de forma bastante humorística, as várias vertentes com que o amor altera a vida e a condição humana. “Tomara compreender como é que o amor opera metamorfoses tais”, diz o simpático Trasgo a Oberon, rei dos Génios e grande responsável pelos equívocos amorosos.

No Dia Mundial do Te-

atro, 27 de Março, que coincidiu com o final do segundo período, vários foram os alunos que levantaram o pano em relação a esta peça. As fadas, de tule e grinalda, esvoaçaram pelos corredores; Hipólita, Rainha das Amazonas e noiva do Duque de Atenas, passeou o seu porte altivo e o seu quase metro e noventa. E os dois pares de enamorados, vítimas das armadilhas do amor, levaram à sala dos

professores os tormentos da paixão infeliz. Helena, Hermia, Demétrio e Lisandro confrontaram-se entre palavras de encantamento e juras de ódio eterno. Como só o amor pode permitir. Já o dizia Shakespeare ...

“Ficai-vos, Lisandro, com a vossa Hermia. Eu agora já perdi dela o cuidado de todo em todo. O meu coração veio a Helena entregar-se para sempre”, “Se o cuidas, vamos ver sós como

deslindamos essa questão noutra parte”, “Quem vos trocou em selvagem, meu doce amor? Que mudança”, “Basta já de enfados, não me fio em vós; renego tão maldita companhia!”. (“Sonho de uma Noite de Verão”, de William Shakespeare)



Dia Mundial do Teatro - o grupo de teatro da escola apresentam excerto da peça “Sonho de uma noite de Verão”

Quando falamos da clonagem toda a gente pensa em pessoas iguais ou gémeos. No entanto, a clonagem não é apenas clonar pessoas. É muito mais do que isso, é salvar vidas, é ajudar o ser humano, é melhorar o nosso mundo. Esta nova forma artificial de produzir seres vivos é controversa. Algumas pessoas apoiam a clonagem, outras acham-na um absurdo, outras ainda são renitentes, mas admitem que se possa recorrer a ela para atingir determinados objectivos específicos para bem da humanidade.

Mas, na nossa modesta opinião, esta tem mais vantagens do que desvantagens. A clonagem pode vir a ser a cura para muitas das actuais doenças e pode melhorar a vida daqueles que poucas esperanças têm.

Existem dois tipos de clonagem: a clonagem terapêutica e a clonagem reprodutiva. A clonagem reprodutiva consiste na produção de organismos completos. Como o nome da técnica indica, esta implica a transferência de uma célula somática do dador. Esta célula somática é introduzida, então, numa célula retirada dum animal (ou humano), logo após a ovulação. Antes de in-

troduzir a célula somática, o cientista deve remover os cromossomas, que contêm os genes com a informação hereditária, da célula receptora. Após ter introduzido a célula somática, as duas células fundem-se. Ocasionalmente, a célula fundida começará a desenvolver-se como um embrião normal, que vai ser colocado no útero de uma "mãe-de-aluguer" para um desenvolvimento mais propício.

A clonagem terapêutica é a utilização da clonagem para produção de órgãos ou tecidos que serão posteriormente usados para tratar doenças ou deficiências. Esta técnica tem como objectivo produzir uma cópia saudável do tecido ou do órgão duma pessoa doente para transplante. As células-tronco embrionárias são particularmente importantes porque são multifuncionais, isto é, podem ser diferenciadas em diferentes tipos de células. Podem ser utilizadas no intuito de restaurar a função dum órgão ou tecido, transplantando novas células para substituir as células perdidas pela doença, ou substituir células que não funcionam adequadamente, devido a defeito genético (ex: doenças neurológicas, diabetes, problemas cardíacos, derrames, lesões da coluna cervical e doenças sanguíneas etc...).

Não concordamos com a clonagem de seres humanos

inteiros. Mas a clonagem de animais pode ser a resposta à cura da maioria das nossas doenças incuráveis. A hipótese de se criar gado

que produza medicamentos para uso humano já é uma realidade. Os cientistas criaram uma ovelha que produz leite com uma determinada proteína que ajuda ao tratamento da hemofilia (doença de sangue relacionada com a ausência de uma proteína que coagula o sangue).

A criação de animais com doenças humanas para se testar novos medicamentos e animais com características aproximadas dos humanos para se fazer transplantes com o mínimo de rejeição são também vantagens deste processo. Mas o facto mais maravilhoso é o facto de a ciência poder trazer de volta animais extintos ou em vias de extinção. Basta, para isso, ter células com um núcleo e ADN intactos. Não se consegue (ainda) clonar animais fossilizados como os dinossauros.

Também a criação de novas espécies de cereais e de produtos hortícolas resistentes às doenças, com uma qualidade superior, os chamados produtos transgénicos (planta, animal, bactéria ou outro organismo vivo em que tenha sido inserido um gene estranho por meio de engenharia genética) e a criação de gado com carne e leite de excelente qualidade, resistente a doenças são benefícios que podem ajudar a evitar a escassez de alimentos em certas partes do mundo.

Pondo as coisas desta forma não se pode dizer mal da clonagem, ela é a esperança de resolução dos maiores problemas da Humanidade. E quem sabe não conseguirão de futuro criar vacas que já produzam leite com chocolate e brócolos com sabor a gelado de morango. Aí todos vão concordar com a clonagem!

Contribuir para a saúde de toda a população, clonando células es-

taimais com vista a curar doenças era o principal

duzir uma cópia saudável do tecido ou do órgão de uma pessoa doente para transplante, de modo a substituí-lo. No que diz respeito à clonagem reprodutiva, esta é considerada um pouco mais complexa, pelo

facto de envolver a transferência de células somáticas

que é introduzida numa célula de um animal, depois da ovulação, da qual se retira o núcleo para que surja desse procedimento um embrião.

Sem dúvida que a clonagem terapêutica pode trazer muitas vantagens para a humanidade, mas quanto à clonagem reprodutiva não há tantas certezas.

Um dos casos que evidencia o perigo do uso da clonagem para outros fins é a experiência feita com a ovelha Dolly, que foi o primeiro animal a surgir deste procedimento. As esperanças aumentaram quando se percebeu que afinal era possível clonar mamíferos mas rapidamente surgiram desilusões ao ser constatado que Dolly sofria de múltiplas doenças, como problemas respiratórios e envelhecimento precoce, levando ao abate da ovelha. Estas doenças em humanos seriam catastróficas, já para não falar de muitas outras que apareceriam como consequência. Para clonar esta ovelha foram necessárias cerca de 277 tentativas e isto, realizado num ser humano, traduzir-se-ia em 277 mortes embrionárias, ou seja, 277 seres humanos.

Outro dos problemas levantados foi o facto de se poderem vir a esgotar os recursos naturais, visto que a população aumentaria drasticamente, já que a facilidade da clonagem seria muita e assim, a produção não seria suficiente para poder alimentar um elevado número de pessoas.

Por outro lado surgiu a questão ética, em que ao clonar um ser se comprometeria a sua individualidade e existência, para além de que poderia ser alvo de rejeição e discriminação por parte do resto da sociedade. Ainda dentro deste tema controverso aparece a perda de variabilidade genética que, caso se avance com a clonagem, fará com que a semelhança entre seres humanos seja ainda maior e nalguns casos não permita a sua distinção.

A possibilidade de se avançar com este novo processo científico tão polémico e complexo, gerou outro dilema: poder-se-ia fazer dos seres humanos aquilo que se pretendia, ou seja, estes iriam ser tratados como simples objectos já que, mesmo antes de serem gerados, se decidiam as suas características. A heterogeneidade humana desapareceria com a o aparecimento do Homem perfeito, aquele que é idealizado por todos como um modelo e deste modo, poderíamos designar ser humano como um ser geneticamente perfeito e modificado, o que vai contra a própria natureza humana.

# Clonagem verso e reverso

Ana Afonso, Rita Teixeira - 9ºB

Ana Beatriz, Diana Malbão - 9ºB

objectivo dos cientistas, quando descobriram um novo processo científico. A clonagem foi desenvolvida cuidadosamente e experimentada em animais; desta forma, quando muitos dados da investigação e das experiências foram divulgados em locais de livre acesso a todo o mundo, apareceram novas esperanças demasiado ambiciosas, como clonar humanos.

Sem dúvida que a clonagem de seres humanos nunca fez parte das ideias futuras dos cientistas que desenvolveram este processo, por isso surgiram três opiniões muito distintas acerca deste assunto: havia quem apoiasse por completo a clonagem; outros ignoravam-na completamente e consideravam-na uma ideia absurda; e os restantes não tinham opinião formada, mas acreditavam que, tal como tudo, a clonagem tinha aspectos positivos e negativos.

As opiniões mantêm-se ainda hoje e fala-se cada vez mais na hipótese de se virem a clonar seres humanos. Será um bem para a humanidade? Ou, por outro lado, modificará negativamente o nosso mundo? Estas são questões que vão sendo colocadas no ar e às quais, para já, ninguém tem resposta certa.

Chegou-se então, à conclusão de que clonar pessoas pode chegar a ser muito gratificante para a sociedade, mas, por outro lado, surgem os inconvenientes que abalam quase por completo as vantagens de iniciar este processo em humanos.

No entanto, é fundamental distinguir a clonagem em dois conceitos distintos: a clonagem terapêutica e a clonagem reprodutiva. Como o próprio nome indica, a clonagem terapêutica refere-se à terapia de doenças, sendo usada unicamente para garantir a saúde da população, isto é, tem como objectivo pro-



# Sá Moraes

**Sá Moraes & Paradinha**

*Lagar de Azeite*



"O azeite tem um extraordinário valor dietético e terapêutico. Previne o aparecimento de diversas doenças do sistema digestivo, a arteriosclerose e outras doenças do coração e dificulta a acumulação do colesterol do sangue, favorecendo a produção de HLD (bom colesterol)."

in *O azeite na saúde*

Lagar equipado com o software *LagarGest*



[www.azeite.com.pt](http://www.azeite.com.pt)

# Lá da Terra

**energlobo**  
energias renováveis

LIDER EM ENERGIAS RENOVÁVEIS E UTILIZAÇÃO RACIONAL DE ENERGIA  
Projectos de Engenharia e Instalação

- MICROPRODUÇÃO (Produção e Venda de Energia)
- INSTALAÇÕES AUTÓNOMAS
- CLIMATIZAÇÃO E ÁGUA QUENTE
- CASA SUSTENTÁVEL
- EFICIÊNCIA ENERGÉTICA

Transmita-nos as suas necessidades, nós encontramos a solução que procura, contacte-nos

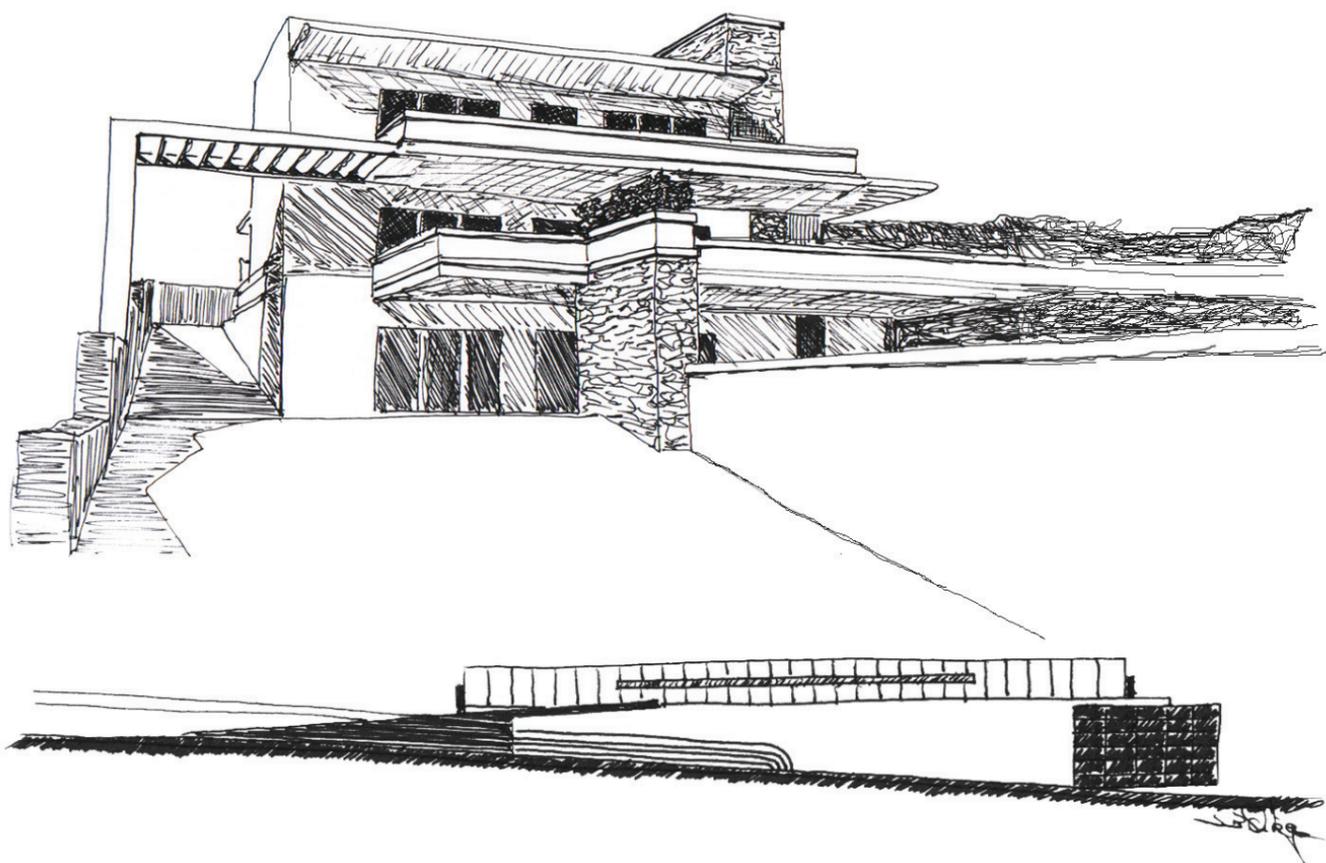
ENERGLOBO, ENERGIAS LIMPAS, Lda.  
[www.energlobo.pt](http://www.energlobo.pt)

Av. Sá Carneiro, 342 R/C • 5300-252 Bragança • Tel/Fax 273 333283 • e-mail: [geral@energlobo.pt](mailto:geral@energlobo.pt)



# MorphoPolis.com

Oficina de Arquitectura



# Simulacro de um sismo seguido de incêndio

Sónia Rodrigues - Área disciplinar de Ciências Naturais

No dia 23 de Abril de 2009 realizou-se na nossa Escola um simulacro de sismo seguido de incêndio.

Este foi o segundo ano consecutivo que o Conselho Executivo preparou, em colaboração com a área disciplinar de Ciências Naturais, um simulacro para testar o plano de evacuação da Escola.

O simulacro que decorreu no ano lectivo anterior cumpriu o desígnio e depois de identificadas algumas anomalias pelas entidades competentes, nomeadamente Bombeiros Voluntários e Serviço de Protecção Civil procedeu-se à preparação deste simulacro que pretendeu melhorar e aperfeiçoar o plano de evacuação.

Nesse sentido, a organização solicitou a colaboração de todos os Directores de Turma para que, numa das suas aulas, fizessem um exercício de preparação, procedendo à leitura das normas de evacuação, distribuídas previamente, e que também se encontram afixadas por toda a escola. Os Directores de Turma analisaram, inclusive, as plantas da escola e orientaram os alunos até ao ponto de concentração.

Decorreu também uma Acção de Formação sobre "Utilização de Extintores", dirigida aos auxiliares de acção Educativa, que têm um papel fundamental, pois são responsáveis por garantir uma orientação e organização perfeita na evacuação, nomeadamente no percurso que se deve seguir até ao ponto de concentração, assegurando uma evacuação rápida e serena.

Deve salientar-se, a dispo-

nibilidade e colaboração dos membros dos Bombeiros Voluntários de Bragança na preparação do simulacro.

Além da participação da equipa de intervenção da escola foram envolvidos no exercício veículos de combate a incêndio, ambulâncias, viaturas e pessoal da Polícia de Segurança Pública e membros do Serviço Municipal de Protecção Civil.

A escola tinha, então, as condições reunidas para que o simulacro acontecesse. Os alunos de 7º ano e os professores que, por volta das 10 horas e 50 minutos, leccionavam as suas disciplinas, foram surpreendidos por um "abanão" nos pavilhões. Alguns gritaram "é um sismo", pois estes alunos já tinham ouvido falar destes fenómenos naturais, na disciplina de Ciências Naturais, e sabiam que comportamentos deveriam adoptar durante um sismo. Assim o fizeram, colocando-se debaixo das mesas, nos cantos da sala de aula e afastados das

"quase real" o sinal de alerta. Começa a agitação, a equipa de intervenção foi accionada e em poucos segundos soou o sinal de alarme. Abriam-se as portas e, em fila, surgiram os alunos das salas, tendo sido orientados pelos respectivos professores e pelos coordenadores de piso, colocados em locais estratégicos para garantir uma evacuação rápida. Apareceram pessoas de todos os lados e, inevitavelmente, gerou-se alguma confusão. Porém, em poucos minutos o edifício era evacuado e todos se reuniram no ponto de concentração, à excepção de dois alunos que se disponibilizaram para serem os "sinistrados", dando maior realismo às acções de socorro a desenvolver face ao cenário criado. Estes alunos, o Gonçalo Frederico, do 8ºA, e Sérgio Fernandes, do EFA colaboraram com os Bombeiros Voluntários, encarnando os seus papéis de forma séria e responsável.

Bragança está localiza-

partilha de informação no seio familiar.

Decorrido o simulacro reuniu a equipa de intervenção com elementos dos Bombeiros Voluntários de Bragança e um elemento do Serviço Municipal de Protecção Civil para fazer o balanço. Os vários intervenientes concluíram que a actividade foi, globalmente, muito positiva. O Sr. Comandante dos Bombeiros Voluntários, José Fernandes, felicitou a comunidade escolar pela forma como ocorreu o simulacro. Acrescentou, ainda, que é muito importante a realização anual deste tipo de exercício para a comunidade escolar e para os Bombeiros, pois passam a conhecer as instalações da escola, realçando que a nossa escola revela essa preocupação, pois reúne, num curto espaço de tempo, três simulacros.

O Conselho Executivo pretende promover e assegurar a realização periódica destes exercícios, não só para testar os meios exteriores envolvidos, como fomentar uma maior consciencialização da segurança escolar e uma habituação aos planos de segurança.

Segundo o Conselho Executivo, pretende-se, não só desenvolver procedimentos de coordenação e conduta por parte de toda a comunidade escolar, mas também testar a eficácia dos planos de emergência existentes e treinar e avaliar a capacidade de intervenção dos agentes de Protecção Civil locais. Acrescentaram, ainda, que este tipo de exercício funciona como treino e meio de prevenção, desenvolvendo em toda a comunidade educativa procedimentos que minimizarão danos em futuras situações de emergência real.

"Antes da experiência começar, sentia-me um pouco receoso pois era uma nova experiência para mim. Com o passar do tempo fui-me acostumando até ter total confiança no trabalho dos bombeiros. Gostei muito da experiência, de agora em diante sei que o trabalho dos bombeiros é muito importante."  
Gonçalo Frederico - 8ºA

janelas, posições que ocuparam para se protegerem, e aguardaram orientações para evacuar em segurança. No caso de um sismo, a evacuação só deve ser feita quando se ouvir um sinal de alarme.

Entretanto, como acontece muitas vezes, quando ocorre um sismo, deflagrou um incêndio. Na sala de mecânica, cerca das 11 horas, é dado, de forma

da numa zona de baixo a moderado risco sísmico, revelado pelos registos históricos que indicam que o maior sismo sentido na região apresentava grau V, na escala de Mercalli. Contudo, os seus habitantes, devem ser sensibilizados para a importância dos comportamentos a ter antes, durante e após um sismo, pois podem deslocar-se para locais de elevado risco sísmico. O simulacro pode permitir a



Imagens de acontecimentos vividos em várias partes da escola

## Concurso "A Melhor Rosa-dos-ventos"

Fernanda Silva

No dia 24 de Abril, dia da Escola o Grupo disciplinar de Geografia procedeu à selecção e atribuição dos prémios do concurso a "Melhor Rosa-dos-Ventos" destinado aos alunos de 7º ano. A selecção dos trabalhos foi feita por votação na qual participaram alunos, funcionários e professores.

O concurso, integrado no plano anual de actividades, despertou nos alunos grande empenho e criatividade, o que ficou demonstrado pelo grande número e variedade de trabalhos apresentados, na sua elaboração, os alunos recorreram à reciclagem de vários tipos de materiais.

Premiando a grande participação e empenho dos alunos e a qualidade dos trabalhos, foram atribuídos 6 prémios e não 3 como inicialmente previsto.

Os alunos premiados foram: 1º prémio, Daniel Santos; 2º prémio, Luís Gonçalves (alunos do 7º B); 3º prémio, Ana Margarida e 4º prémio, Mariana Lopes (7º A). Foram ainda atribuídos dois 5º prémios.



1º lugar

Alunos da ESAB na estrada...

## Visita de estudo ao Porto



Casa da Música

**Nos dias vinte e seis e vinte e sete de Fevereiro, os alunos que frequentam o 11º ano da nossa escola rumaram à Invicta.**

A partida estava marcada para as sete da manhã, e quando os relógios rondavam essa hora, já nós havíamos partido, adormecidos pela madrugada mas despertos pela emoção da viagem.

Com alguns percalços pelo caminho, pois não é fácil chegar a um local que não se encontra no mapa, chegámos à hora prevista a Tormes, palco da obra "A Cidade e as Serras" de Eça de Queirós, onde visitámos a fundação com o nome do mesmo. Foi nesse local que entrámos na intimidade do escritor, conhecendo a sua vida e estando em contacto com os seus pertences. Foi também de total relevo desvendar que grande parte da sua vida originou os seus livros e que a casa descrita no livro mencionado foi, de facto, do escritor e acabou por ser também de Jacinto, a personagem principal do romance, apesar de tal acontecer por motivos distintos. Neste momento, a casa é ainda habitada por uma neta por afinidade de Eça, que abre todos os dias a porta da sua intimidade para que todos possam estar em contacto com aquela

realidade que vai para lá do escritor e entra no homem que foi Eça de Queirós, mantendo vivo o cenário que Eça conheceu.

Diante de uma paisagem tão bela chegou a hora de almoço que levou à partilha das merendas levadas.

Já de barriga cheia, ocupámos de novo o autocarro e seguimos para Gaia, onde os nossos queridos "Maiais" nos esperavam numa peça hilariante e muitíssimo fiel à obra, que reavivou a leitura de uns e deu a conhecer a obra a outros. Foi tão agradável que captou completamente a atenção de todas as escolas presentes.

Com o fim da tarde por perto, uma pausa para distrair da viagem era o mais apetecido. E lá se fizeram umas comprinhas pelo centro comercial que nos cansou a todos. Fartos e saturados de tantas montras, foi no autocarro que nos animámos de novo até chegar ao INATEL de Santa Maria da Feira. Porém, com o entusiasmo da música pimba com que o senhor condutor nos presenteou, ninguém foi capaz de dormir, aproveitando-se para conviver, talvez de mais até. Mas, apesar da noite atribulada, na manhã seguinte, todos estavam a horas para o pequeno-almoço e o autocarro rumou, sossegadamente,

para o Porto.

A Livraria Lello abriu-nos a porta por volta das dez e foi então que, ainda envoltos numa névoa de sono, nos deslumbrámos com o sonho que era aquela livraria, uma das mais belas da Europa. Este espaço é bastante antigo e de uma beleza indescritível, com imensos pormenores que o tornam muito especial. Após a aquisição e discussão sobre alguns livros, e com os olhos cheios de tanta beleza, seguimos pela baixa portuense até ao grande diamante da cidade.

Já na Casa da Música, onde fomos recebidos com grande simpatia, realizámos uma excelente visita a todos os recantos de tão magnífico local, que nos deixaram maravilhados com os pormenores da construção e as actividades que são levadas a cabo por aquele organismo. Foi, sem dúvida, muito agradável e enriquecedor.

O almoço foi no centro comercial da Boavista e às duas e meia, apesar da confusão do trânsito, ocupámos de novo os nossos lugares com destino ao Museu de Serralves, onde tivemos mais uma visita guiada que nos proporcionou a observação de diferentes obras bastante curiosas, acompanhadas de explicações muito importantes para a sua compreensão, principal-

mente no que diz respeito à pintura dita "abstracta".

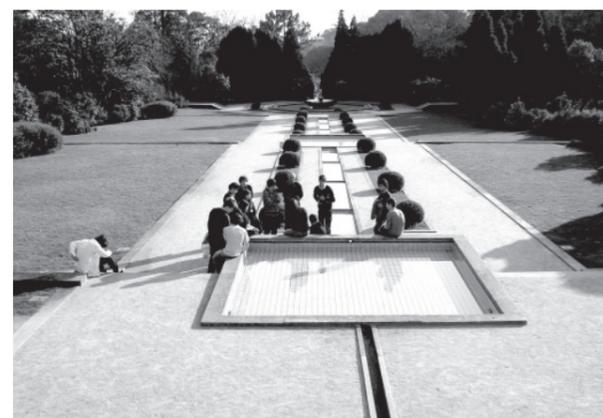
Visto o interior do museu, seguiu-se uma parte dos seus tão maravilhosos jardins, que nos propuseram um final de tarde bastante relaxante e calmo, apesar das dores nos pés e do cansaço.

O autocarro soube como um spa depois de tanto passeio ao longo do dia.

Estava terminada a visita, faltava o regresso a casa. Debatíamo-nos com um misto de sentimentos: a alegria de estarmos mais ricos culturalmente e como pessoas e tristeza por ter chegado ao fim este percurso pelo saber.

Após uma paragem em Paredes para "enganar o estômago", seguimos viagem para norte, de forma muito mais tranquila e sem os percalços da ida.

Eram cerca das oito e meia quando chegámos à nossa tão querida terrinha e, com os pais todos à espera, demos por terminadas as "mini férias" prolongadas que tão bem souberam.



Jardim de Serralves



Tormes - Fundação Eça de Queirós



Livraria Lello



Livraria Lello

# Descobrimos lugares Torguianos...

Turma A, 10º ano

Miguel Torga é um nome que merece apreço. É o nome de um poeta transmontano que é referência no mundo da literatura do século vinte. Um poeta a descobrir no décimo ano de escolaridade.

Transmontano, nasceu em S. Martinho de Anta e impunha-se, por isso, uma visita aos lugares por ele palmilhados e reverenciados. O dia 26 de Março foi escolhido para se fazer a referida deslocação.

Uma actividade como esta é sempre muito ansiada pelos alunos, pois permite-lhes espriar a vista, conviver, conhecer outras realidades, sair do espaço confinado da sala de aula, quebrar rotinas. S. Pedro proporcionou um dia agradável e as mochilas rechearam-se de iguarias para calar possíveis



re-  
cla-  
ma-  
ções  
esto-  
m a -  
cais.  
Cin-  
quen-  
ta co-  
rações  
palpi-  
t a v a m  
de an-  
siedade e euforia enquanto  
a hora da partida não era

deslumbrados, à proa dum navio de penedos”, contemplou socalcos e vinhedos e o olfacto sorveu “o cheiro a terra e a rosmarinho”.

Todos se sentiram ancorados e felizes naquele “cais humano” e ali permaneceriam muito mais tempo, não fosse o relógio despertar o grupo do seu embevecimento e chamá-lo a outras obrigações.

Pelas catorze horas, passou-se pelo Palácio de Mateus, sorvendo outros cheiros, contemplando uma natureza outra, mais disciplinada pela mão do homem e que rodeava um edifício soberbo que, por

anunciada. Eram serpenteando por um monte acima, desembocando em S. Leonardo de Galafura. Dali, “a menina dos olhos

sua vez, falou de outras eras, de outras arquitecturas, de outras vivências.

E de novo o relógio! Era preciso rumar para outros cais - S. Martinho de Anta - terra natal do nosso poeta. Percorreram-se as ruas que ele percorreu, entrou-se no café que ele frequentou, viu-se a casa onde cresceu, o negrilho a cuja sombra descansou e, finalmente, a tumba que o acolheu na “viagem de acabar”, colocada ao lado de um cipreste e abraçada por uma torga.

Declamaram-se dois dos seus poemas nesse local em sua homenagem e em jeito de despedida, para que em todos ficassem a ecoar as palavras que “da lei da morte o vão libertando”: “há uma rima que perdura / a dizer com brandura / Que um poeta não morre!”



Cátia lê um poema em homenagem a Miguel Torga, junto à sua campa, onde se encontra a planta que lhe deu o nome



S. Leonardo de Galafura - vista sobre o Douro e os vinhedos



São Martinho de Anta - o negrilho

## Passeio pedestre

Paula Vicente, professora do Ensino Especial

No dia 22 de Abril, realizou-se um percurso pedestre pelo Parque natural de Montesinho, organizado pelo Gabinete de Apoio ao Aluno.

A tarde adivinhava-se descontraída e divertida quando o grupo, formado por professores e alunos, entrou no autocarro que nos conduziria à aldeia de Vilarinho para dar início ao percurso pedestre de Ornal.

Durante o trajecto de autocarro, os técnicos do Parque Natural de Montesinho que nos acompanharam, brindaram-nos com informações relativas ao parque em questão, enaltecendo, em cada um de nós, o privilégio de estarmos

rodeados de uma das maiores áreas protegidas portuguesas e cujo símbolo é a flor do castanheiro.

Iniciámos o percurso com a forte convicção de que parecia estarmos a fundir-nos num quadro, salpicado numa paisagem de montanha, marcada pelo contraste entre os cumes mais elevados e os vales abertos pelas linhas de água.

O grupo estava animadíssimo e as brincadeiras foram uma constante durante o passeio.

O percurso está estruturado em função do curso da ribeira de Ornal, desenvolvendo-se ao longo da sua margem.

Os técnicos do parque que nos acompanharam, Telmo

Afonso e Susana Abrantes, iam fornecendo informações variadas acerca da fauna e flora locais, assim como, alertando-nos para aspectos mais práticos relativos à sinalização existente e respectivos significados.

Foi uma tarde divertida, pautada por momentos de descontração, sem dúvida reforçados pela beleza paisagística que nos rodeava.

Em alguns momentos quase ficávamos sem fôlego ao observar o contraste gritante e maravilhoso entre a água e a vegetação predominante nas encostas e no solo.

No final do percurso, e apesar de algum cansaço, partilhava-se o desejo de repetir a experiência.



Grupo de caminhantes subindo a serra

# Desporto - um dia em cheio

Área disciplinar de Educação Física



O grupo disciplinar de Educação Física realizou no dia 23 de Abril de 2009, uma manhã dedicada ao desporto que contou com a participação dos alunos do 3º ano do Curso de Ciências do Desporto da Escola Superior de Educação de Bragança sob a orientação do professor Miguel Monteiro, e do Grupo de Parkour, sob a orientação de Guilherme Costa.

Este evento teve como objectivo divulgar novas modalidades e sensibilizar os alunos para a prática de exercício físico, proporcionando uma manhã diferente e divertida a todos os participantes, pois é cada vez mais notória, por parte dos nossos alunos a procura de um conjunto de actividades novas ou renovadas.

A adesão a esta actividade foi excelente. Perante a atitude de todos os intervenientes, podemos concluir que houve uma grande predisposição para aprender, pois toda a gente participou de forma entusiasta nas modalidades apresentadas. Temos que agradecer à atitude dinamizadora dos nossos prelectores, que muito contribuíram para tal.

É de prever que com a remodelação das instalações desportivas da nossa escola, uma dinâmica ainda maior seja possível. Nessa altura, a escola contará com espaços dedicados ao exercício físico que estarão ao nível do que melhor existe em termos escolares no nosso país, criando a possibilidade de existirem novas modalidades desportivas.



Alguns momentos do dia do desporto

## Tragatampas

Alunos do 12º B e professora Paula Minhoto

Há já algum tempo que a Cruz Vermelha Portuguesa lançou uma campanha com o objectivo de recolher tampas plásticas para posteriormente serem trocadas por equipamento hospitalar (camas e cadeiras de rodas). Como o nosso programa de Biologia do 12º ano aborda conteúdos relativos a "Alimentação, Ambiente e Sustentabilidade", que passa entre outras coisas por poupar matérias-primas reutilizando e reciclando materiais, propusemo-nos, em conjunto com a nossa professora Paula Minhoto, a lançar essa campanha na escola.

Para tornar a recolha de

tampas mais aliciante resolvemos construir uns contentores muito especiais aos quais demos o nome de TRAGATAMPAS, estes recipientes resultam da sobreposição, num suporte adequado, de garrafas de água vazias que são posteriormente decorados. Assim, obtém-se um contentor visualmente atractivo e ainda se reutilizam os garrafas diminuindo a quantidade de lixo produzida. Foram construídos dois TRAGATAMPAS um para o bar dos alunos outro para o bar dos professores e foi com bastante alegria que verificámos que os dois se encheram rapidamente,

principalmente o do bar dos alunos. Já fizemos a entrega do primeiro saco de tampas e esperamos ainda maior adesão da comunidade escolar uma vez que é necessária uma tonelada de tampas para trocar por uma cadeira de rodas.



Alunos de Biologia, do 12ºB

## Copos, quem decide és tu!

José Alves, 12ºC

Com o objectivo de sensibilizar os jovens para os malefícios do consumo de álcool, dois voluntários da Cruz Vermelha promoveram uma sessão subordinada ao tema "Copos, quem decide és tu", no dia 5 de Maio, na biblioteca da escola, à qual assistiram duas turmas do ensino secundário.

Começaram por apresentar vários projectos nacionais e locais dinamizados pela Instituição e, seguidamente, entraram no tema propriamente dito, interpellando os jovens relativamente à sua atitude sobre o consumo de álcool.

Mostraram um vídeo que incitava ao consumo de álcool por parte dos jovens, uma estratégia de marketing como incentivo para que estes consumam bebi-

das alcoólicas, sugerindo que estas trazem bem-estar, alegria, prazer, felicidade. Apresentaram outro vídeo sobre os vários tipos de bebidas alcoólicas e desmontaram alguns mitos sobre o álcool, como, por exemplo, a ideia de que a bebida facilita o relacionamento entre as pessoas.

Finalmente, com o objectivo de dar a conhecer o trabalho da Cruz Vermelha e a importância de voluntariado divulgaram algumas das actividades desta instituição no mundo no combate às doenças, fome, epidemias e no apoio às vítimas da guerra, através de um excerto fílmico.

Esta actividade insere-se no plano de actividades nacional da Cruz Vermelha e desenvolve-se em todo o país.



Mélanie Silva, voluntária da Cruz Vermelha

## Língua e Cultura Inglesa em evidência

Ana Maria Ramalho

Durante o mês de Janeiro, as docentes da Área Disciplinar de Inglês levaram a cabo o concurso de Língua e Cultura de Países de Expressão Inglesa, assim como o concurso do Clube de Inglês para a elaboração do Logótipo para o Clube.

No dia 24 de Abril, na Biblioteca, decorreu a entrega dos prémios cujos vencedores passo a referir:

Concurso de Língua e cultura de países de expressão Ingles-

sa  
3º Ciclo – Joana Piloto (8º B) 1º lugar;

Cristina Rodrigues (8º D) e Diogo Vicente (9º CEF) 2º lugar

Ensino Secundário – Márcia Rodrigues (10º C) e Pedro Trindade (10º A) 1º lugar;

Cristiana Fernandes (10º A) 2º lugar.

Concurso do Clube de Inglês – Logótipo para o clube  
Paulo Jorge Granado (11º A)



Alunos premiados

# O que vêes quando te olhas ao espelho?

Alunos de Inglês, do 10ºB

Quando um adolescente se vê ao espelho, frequentemente pensa ver uma monstruosidade. Trava uma batalha com a doença chamada BDD, o grande problema de muitos adolescentes – a imagem.

A maioria das raparigas desejariam ser tão elegantes, formosas e com uma pele tão perfeita como Danielle Nulty. Desconhecem que sempre que esta se olhava ao espelho o que via reflectido aterrorizava-a. Ela imaginava-se com 80 anos, careca e repleta de rugas medonhas.

Um artigo do “The Daily Mail” de Londres conta a história marcante de uma jovem. Ela sofreu durante 11 anos antes de lhe ser diagnosticado uma doença rara chamada “Body Dysmorphic Disorder” ou BDD (Doença do Corpo Deformado). As pessoas que sofrem de BDD imaginam-se deformadas fisicamente – quando não o são de todo.

Quem sofre de BDD pode ser obcecado com a sua total aparência, ou apenas com algumas características físicas: 75% sentem-se obceados pela sua pele (como cicatrizes, acne e manchas de pele) e mais de 55% pela cabeça ou cabelo.

A BDD afecta uma em 50 pessoas de ambos os sexos. “A maior parte dos indivíduos do sexo masculino quer perder peso ou aumentar a massa muscular”, diz Leigh Cohn, autor de “Engordar: Conflitos dos Homens com a Alimentação, Peso, Forma e Aparência.”

Mudar o corpo e a mente Danielle Nutty, que agora tem 26 anos e mora em Stafford, Inglaterra, diz que teve uma infância feliz: “Mas quando chegou a puberdade, parecia que mudava todas as noites!” Aos 15, pensou que estava a perder cabelo, e que os olhos eram tão pequenos que usava maquilhagem para os ampliar. “Eu só saía à rua se tivesse absolutamente que o fazer,” disse.

Muitos adolescentes sofrem de BDD e estão convencidos que não são atraentes. Porquê? “Os jovens vivem num mundo que dá demasiada importância à aparência e à popularidade”, disse o pedopsiquiatra Dr George Layne. “Por isso, hoje, os adolescentes lutam contra

a sua imagem corporal e ficam com problemas de auto-estima, o que dificulta o seu desenvolvimento positivo e a aquisição de uma auto-imagem saudável. Para complicar”, acrescenta Layne, “os adolescentes dão demasiada atenção aos seus corpos, em parte porque eles estão a crescer mais rápido do que em qualquer momento desde a infância. As suas proporções mudam e os seus corpos amadurecem sexualmente. Tudo acontece ao mesmo tempo quando eles tentam descobrir quem são e quem querem ser”.

Como é que a maioria dos adolescentes se sente relativamente aos seus corpos? A revista “Bliss” fez um inquérito a 2000 raparigas, com idades compreendidas entre os 10 e os 19 anos, em que aborda esta questão. Nove em cada dez confessaram não estarem satisfeitas com a sua imagem. Dois terços pensavam que precisavam de perder peso, e 64% das raparigas com menos de 13 anos estavam a fazer dieta. Rachel Baughan, finalista do concurso Miss Inglaterra 2004,



ção e a publicidade têm uma enorme influência na forma como os adolescentes entendem a sua imagem e a palavra “beleza”. “A publicidade dá demasiada importância à sexualidade e à atracção física, numa tentativa de vender mais”, diz Harrison Pope, professor de Psiquiatria. “Os investigadores pensam que

vez mais homens tenham vergonha dos seus corpos”, diz Harrison Pope. Isto pode levar ao consumo de esteróides e outras drogas.

Para Danielle Nulty, enfrentar a sua imagem foi difícil e causou-lhe vários problemas, que só foram ultrapassados com aconselhamento profissional e acompanhamento mé-

les mais do que aquilo que aparentas.”.

Algumas destas queixas te parecem familiares? O Dr. George Layne, faz as seguintes recomendações;

1. Reprograma a forma como vêes o teu corpo. Defende-te dos comentários negativos, venham eles dos outros ou de ti

uma lista de coisas que te dão prazer, qualquer coisa que tenhas gostado na aula.

3. Reconhece que o teu corpo te pertence e que o que interessa é como te sentes em relação a ele.

Se estás demasiado preocupado com o teu peso e o teu crescimento fala com um conselheiro ou um profissional de saúde acerca das tuas preocupações.

4. Lembra-te que há coisas que não podes mudar em ti – como o tua altura e o teu tamanho.

Mas se existem coisas que tu podes e queres mudar estabelece objectivos realistas. Por exemplo, para teres uma melhor forma pratica exercício 3 vezes por semana e faz uma alimentação saudável e equilibrada. Conjugando estes objectivos podes aumentar a tua auto-estima.

Sou **alto**, sou **baixo**,  
sou **magro**, sou **gordo**,  
sou **bonito**, sou **feio**.

**SOU...**

diz: “Acho que sempre tive tendência para ser um pouco obsessiva. Depois, quando comecei a concentrar-me na minha cara e na minha aparência, odiei e quis mudar tudo.”

Os meios de comunicação e o teu corpo

De acordo com a organização “About Face”, somos bombardeados diariamente por 400 a 600 anúncios. A mensagem de muitos deles incide directamente sobre beleza.

Os meios de comunica-

esta atitude exerce grande pressão nas pessoas, vencendo-as a darem cada vez mais importância à sua aparência.”

Um estudo recente da “Teen People” revela que mais de 25% das raparigas se sente pressionada pelos meios de comunicação a terem um corpo perfeito. Os rapazes também se confrontam com imagens que idealizam o homem bem constituído. “A adoração do homem musculado por parte da nossa sociedade pode fazer como que cada

dico. Passado um tempo, ela começou a aperceber-se que afinal era bonita. “Finalmente estou a aprender a aceitar-me a mim mesma como verdadeiramente sou.”, diz ela.

Mas para os adolescentes que não sofrem de BDD não é difícil ganhar uma imagem realista do seu corpo. “Uma forma de desenvolver uma auto-imagem positiva é lembrar que a aparência não é a única coisa pela qual as pessoas se devem interessar, diz Katy Phillips, psicóloga. “Tu va-

próprio. Os que criticam o teu corpo provavelmente sentem-se inseguros com o seu próprio corpo e com as mudanças por que estão a passar

2. Quando ouves os teus próprios comentários negativos diz a ti mesmo para parar.

Tu podes conter as tuas próprias críticas interiores. Encontra três actividades todos os dias que te façam sentir orgulhosos. Tais como estudar, fazer desporto ou adoptar um passatempo. Todas as noites faz



## OS JOVENS E A POLÍTICA

Nas escolas fala-se pouco de política. Várias razões poderão justificar este facto, sendo que algumas delas têm origem nos próprios estabelecimentos de ensino enquanto outras resultam das limitações internas da sociedade portuguesa.

Os efeitos do 25 de Abril de 1974 ainda se fazem sentir no nosso país. Para o bem e para o mal. Com implicações claras no fenómeno político. Muitos dos portugueses confundem, 35 anos depois, actividade política e actividade partidária. Como se uma coisa esgotasse a outra.

A verdade é que o desempenho dos partidos fica muito aquém do alcance e da área de influência da política enquanto arte da governação e enquanto ciência.

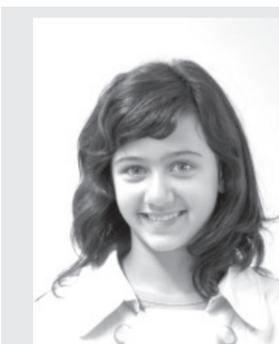
A somar a tudo isto há ainda uma evidência poucas vezes referida: as mais recentes gerações não enveredaram, em termos de escolha vocacional, pelo exercício político. Preferiram integrar-se na gestão das empresas ou na docência universitária.

Com prejuízos graves na renovação geracional dos agentes políticos. E, naturalmente, na qualidade cívica e intelectual dos homens e das mulheres que detêm actualmente o poder de criar uma sociedade melhor.

A política enquanto ciência dos objectivos comuns a definir tem de regressar à escola. Sem medos infundados ou ideários contaminados. Sensibilizando os jovens para o prosseguimento efectivo dos seus sonhos, dos seus anseios, através da mais nobre das funções possíveis: a política.

Os textos e o inquérito que a seguir se publicam são uma tentativa de solidificação periódica desse objectivo.

### A minha “jovem” visão sobre a crise



Ana Sofia Ferreira – 8ªA

As notícias apregoam que é o pior desastre económico desde 1929. Evocação da memória de um sistema económico que, oito décadas depois, se tornou mais complexo e agressivo.

Tudo isto deve-se a uma grave situação económica que o Mundo atravessa, a crise financeira. Vários economistas afirmam que o Mundo mergulhou na crise mais grave de sempre. As consequências desta crise estão a sentir-se em todos os países, até mesmo na mais poderosa economia

do Mundo, os Estados Unidos da América. Todos os dias milhares de pessoas ficam desempregadas, sem poderem dar às suas famílias o que precisam, aumentando assim o número de famílias carenciadas.

Portugal não escapa às ondas de choque de uma crise que é global. Actualmente, o nosso país atravessa a maior recessão económica desde 1975, atirando para o desemprego mais de 470 000 pessoas, provocando uma grave crise social e sem precedentes.

Esta crise de uma forma directa ou indirecta toca-nos a todos, portanto vamos ter que viver com ela e reagir de forma a combatê-la. Julgo que uma das formas de a combater será a consciencialização de que o Mundo mudou e que temos de alterar os nossos hábitos de vida, sobretudo ao nível do consumo. Nós

os adolescentes, vamos ter de nos mentalizar de que a obsessão pelos produtos de marca terá que atenuar, assim como no facilitismo da obtenção daquilo de que gostamos. Vamos ter de nos habituar a não mudar de calçado, vestuário e bens pessoais frequentemente, dando uma pausa às palavras “eu quero ter, eu posso, eu também tenho.” Talvez este tipo de procedimentos nos ajude a sermos menos materialistas e a evidenciarmos as nossas qualidades por aquilo que nós somos e não por aquilo que temos ou gostaríamos de ter.

Teremos que colaborar com os nossos pais, professores, amigos e sociedade em geral, porque sabemos como a crise começou, o que a provocou, não sabendo quando vai acabar. Nestes dias de incerteza as palavras de ordem são: resistir e confiança no futuro.

# Política

 - palavra de origem grega (politeía), que indicava todos os procedimentos relativos à pólis, ou cidade-estado. Por extensão, poderia significar tanto cidade-estado quanto sociedade, comunidade, colectividade e outras definições referentes à vida urbana.

## Mulheres na política

A participação das mulheres na política é de fundamental importância na sociedade portuguesa. A primeira pergunta que se impõe fazer é: O Porquê de mais mulheres na política? Em resposta a esta pergunta, atentemos no seguinte: há uma discrepância entre o número de homens e mulheres na política portuguesa. Creio que, no século XXI, isso é inadmissível, mas atenção, não estou a dizer, que este problema é uma questão de números, como explicarei mais adiante. Segundo Ana Gomes, uma eurodeputada do Partido Socialista( PS), autora de um relatório onde defendia uma maior presença de mulheres na cena política, ela escreve que: “...dos 43.961 parlamentares de todo o mundo, apenas 7.195 são mulheres, ou seja, 16,4%.” No que diz respeito aos cargos mais relevantes, de maior responsabilidade, esta eurodeputada afirma que: “ Nos países membros das Nações Unidas, sete mulheres ocupam o cargo de Chefe de Estado e oito o cargo de Presidente do Governo ou Primeiro Ministro.” Um dos factores que apontam para este número reduzido das mulheres na política é a dificuldade de conciliação entre a vida privada e profissional. Ana Gomes, considera que cabe “ aos estados membros, porem em prática medidas destinadas a conciliar a vida social, familiar e a vida profissional...” Em relação ao nosso país, as mulheres já representam 52% do total da população, mas a participação política ainda é e apesar de algumas( poucas) mudanças que se vêm verificando, um campo de difícil acesso para as mulheres, onde elas representam apenas 21,3% dos deputados.

Nas próximas eleições legislativas, vai ser imposto

um sistema de quotas que impõe que em cada três deputados um deles tem de ser mulher.

Voemos agora para fora do nosso país. Como é que estão as mulheres na política fora de Portugal?

Na Noruega, as mulheres tiveram um grande sucesso na obtenção de influência política. Há trinta anos, não havia muitas mulheres no parlamento norueguês, constituíam apenas quinze por cento do parlamento. Mas mais recentemente o número de mulheres aumentou e estas constituíam já cerca de quarenta por cento. Mas as mulheres e os homens são considerados já iguais e isto só trouxe oportunidades de educação e emprego para as mulheres. No entanto, aquilo que sabemos é que a proporção de mulheres nas instituições políticas não aumentará, a não ser que grandes medidas direccionadas, como campanhas especiais e quotas para igualdade entre o sexo feminino e masculino sejam utilizadas.

Na Noruega, nos anos setenta, foi adoptado um sistema de quotas para a igualdade entre os diferentes géneros por dois partidos. Actualmente, praticamente todos os principais partidos noruegueses aplicam este sistema, conseguindo-se assim a igualdade entre sexos nas nomeações para as eleições, assim como para constituir os órgãos dirigentes dos partidos a todos os níveis.

Foi igualmente introduzido um sistema de quotas nas comissões, conselhos directivos e nos conselhos de nomeação estatal. E assim, as mulheres ganharam poder na Noruega e estas que participavam tão pouco na política começaram a ter uma opinião mais forte sobre este assunto. E com todas as medidas tomadas para a igualdade entre os homens e as mulheres na política em 1997



Mariana Lopes – 7ªA

as mulheres já constituíam quarenta por cento do parlamento norueguês.

E então, com tantas mulheres na política, em 1986 houve uma Primeira-Ministra norueguesa Gro Harlem Brundtland. Esta senhora nomeou um Governo com um número recorde de mulheres. Desde aí, nenhum governo norueguês foi constituído com menos de 40 por cento de mulheres.

As mulheres sempre foram discriminadas, mas a sociedade evoluiu. E evoluiu para melhor. Foram tomadas medidas e impostas quotas e as mulheres passaram a ser um elemento importante na política. Afinal porque haviam elas de ser discriminadas? Está provado cientificamente que as mulheres têm mais capacidades do que os homens e devem é aproveitá-las. E ainda bem que os maus tempos, os tempos de discriminação foram ultrapassados. Vivemos agora num mundo melhor.

Mulheres na política? SIM, que venham mais!

Bibliografia:

<http://www.noruega.org.pt/policy/gender/politics/politics.htm>

<http://www.lxxl.pt/babel/biblioteca/mulheres1.html>

# Alunos respondem a inquérito sobre política

Francisco Barros e Clube de Jornalismo

É voz corrente que os jovens não se interessam por política. Não conhecem os seus meandros nem os seus protagonistas e, muito menos, o estatuto de cidadãos que o exercício político lhes confere.

Será que a realidade confirma as convicções formatadas pelo senso comum? Ou, para surpresa de muitos, estarão os jovens identificados com uma outra forma de fazer política sem que disso tenham consciência?

Foi para tentar esclarecer algumas destas matérias que realizamos o inquérito que se segue.

O trabalho é modesto, mas fornece-nos pistas interessantes sobre uma temática incontornável neste ano de 2009, marcado por vários actos eleitorais.

## Análise dos resultados

Em termos globais descobrimos que foram os alunos do 9º ano que mais perguntas acertaram no inquérito: 11 respostas correctas num total de 16, o que perfaz uma taxa de sucesso nas inquirições de quase 69%.

Este valor destaca-se dos restantes níveis de ensino em análise. No caso do 8º e do 10º ano, as respostas certas foram tantas como as erradas: oito.

Sobre o reconhecimento das figuras do Estado português percebe-se que a ge-

neralidade dos alunos sabe quem é o Presidente da República (questão nº 8), sabe que Cavaco Silva já foi primeiro-ministro (questão nº 6), que José Sócrates, o actual chefe do governo, pertence ao Partido Socialista (questão nº 11).

Perante estas duas figuras, Presidente da República e primeiro-ministro, apenas alguns alunos do 9º Ano demonstraram saber que o cargo de primeiro-ministro confere mais poderes de governação no país (questão nº 1). Quase todos desconhecem que o presidente da Assembleia da República é, em termos hierárquicos, a segunda figura de referência do Estado português.

São poucas as dúvidas quando se pergunta quem é a ministra da Educação. Os alunos não têm dificuldades em apontar o nome de Maria de Lurdes Rodrigues (questão nº 7).

Globalmente mostram também saber que Fátima Felgueiras não é a ministra do Ambiente (questão nº 9), mas recuando no tempo, desconhecem por exemplo que Maria de Lurdes Pintassilgo, uma mulher, ocupou já o cargo de primeiro-ministro (questão nº 10).

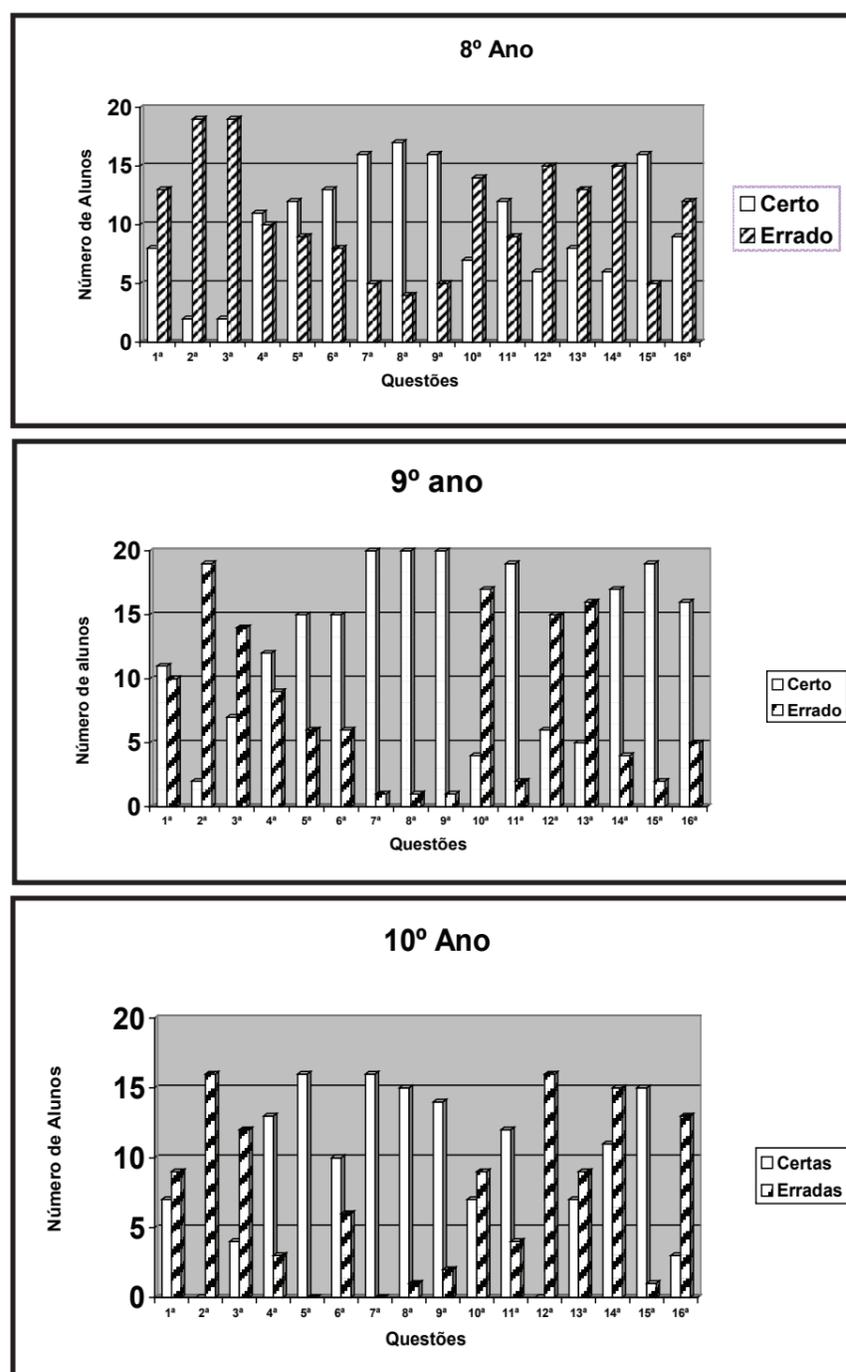
Existem também muitos equívocos sobre quem é

que os cidadãos escolhem nas eleições legislativas (questão nº 12). Poucos mostram saber que são os deputados. Muitos crêem que os votos destinam-se a escolher o primeiro-ministro ou até mesmo o presidente da câmara municipal.

Ora, neste domínio das autarquias há ainda demasiados alunos que julgam que Jorge Nunes, presidente da câmara municipal, é deputado pelo círculo de Bragança (questão nº 13). Nem todos sabem que o governador civil é nomeado (questão nº 14), mas são mesmo muitos os que associam correctamente o nome de Paulo Xavier ao de presidente da Junta de Freguesia da Sé (questão nº 15).

Os inquiridos revelaram também saber que são 27 os países que integram a União Europeia (questão nº 4) e que o 25 de Abril aconteceu em 1974 (questão nº 5).

Foram mais os que erraram a localização do Parlamento Europeu do que aqueles que acertaram (questão nº 3) e são ainda muitos os que pensam que o cargo de presidente da associação de estudantes não está associado à política (questão nº 16).



## Porque é que a política também é para os jovens?



Ana Lúcia – 9ºB

Tendo em conta que ainda não podemos votar, pois ainda somos menores de idade, por que razão os mais velhos tentam ensinar-nos o gosto pela política?

Talvez pelo facto de sermos os homens e mulheres do futuro devamos, por isso, interessar-nos em alcançar o bem comum, ou seja, tentar alcançar os objectivos maiores de toda a sociedade.

A política, enquanto ciência, pretende também ensinar-nos a ter o comportamento cívico adequado.

Provavelmente os jovens não se preocupam com este assunto porque não sabem o que significa. Quando se ouve falar de política geralmente fala-se somente em presidentes, ministros

e partidos, dando estas palavras a ideia errada da definição de política, pois a política é mais do que isto, é a arte de governação e também uma ciência.

Eu própria, no meu futuro, espero conseguir ajudar os que me rodeiam, sendo isto também uma forma de política, sem que as pessoas se apercebam.

## Bragança... assim de repente



Inês Veiga – 7ªA

Como outras cidades, Bragança apresenta vantagens e desvantagens.

Comparada com Lisboa, parece muito mais segura. Por ser uma cidade pequena tem menos população que as grandes cidades, logo é mais calma e as pessoas conhecem-se melhor,



Ana Margarida – 7ªA

o que é óptimo, pois não se sentem tão sós e, se algum acto de crime acontecer na rua, socorrem as vítimas, o que nas grandes cidades nem sempre acontece. Há muitos polícias, que estão, principalmente, nas zonas mais frequentadas, mas talvez devesse existir mais vigilância nou-

tros locais mais desertos e menos iluminados para que pudéssemos sentir-nos mais à vontade lá.

Bragança tem poucas fábricas, o que é mau para o desenvolvimento económico pois com menos postos de trabalho, menos pessoas escolherão viver nesta cidade, o que justifica a crescente desertificação que aqui se sente. Por outro lado tem menos poluição, o que representa mais qualidade do ar e de vida.

E assim, de repente são os aspectos que merecem uma reflexão.

# Sim, senhor Director

Lúcia Diz Lopes

Terminou o concurso para a eleição pelo Conselho Geral do cargo unipessoal de Director, última etapa da reorganização que vem sendo implementada na gestão escolar. Regulamentado pela portaria nº 604/2008 de 9 de Julho, que dá sequência ao estipulado no Decreto-Lei nº 75/2008 de 22 de Abril, que estabeleceu o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos educativos, este concurso cujo prazo termina no final do mês estabelece o perfil dos opositores a concurso (que sejam docentes do ensino público ou profissionalizados com contrato por tempo indeterminado do ensino particular ou cooperativo, que possuam pelo menos cinco anos de serviço e qualificação para o exercício de funções de gestão – obtida através de um curso de formação especializada nesta área, do grau de mestre ou doutor, de um mandato completo no órgão de gestão – como director, presidente, adjunto, vice-presidente ou membro.). A portaria determina ainda que os can-

didatos apresentem o seu currículo e que o façam acompanhar do projecto com o qual se comprometem no desenvolvimento das suas funções à frente do estabelecimento de ensino a que se candidatam. Estes dois documentos são submetidos à apreciação do Conselho Geral Transitório – órgão formado por professores, funcionários, alunos, encarregados de educação e representantes da sociedade civil – que seleccionará o futuro director da escola.

Parece um processo transparente, aberto e claro na implementação da autonomia das escolas e, portanto, à partida esta mudança na estrutura organizativa – a última de muitas, mas também a primeira de outras decorrentes desta – será vantajosa para o funcionamento dos estabelecimentos de ensino.

Mas será que a transparência e a seriedade são mesmo os objectivos perseguidos pela política de educação que criou o cargo de director e regulamentou o modo de o “eleger”? Não encerrará este procedimento riscos de

instrumentalização que colocam em risco o ambiente democrático que caracterizou até agora as escolas? Haverá alguém que melhor conheça os candidatos e tenha capacidade para avaliar a sua competência, a sua entrega à escola, o seu dinamismo na procura de novos projectos, a sua capacidade de liderança, a sua seriedade do que os professores que com eles lidam diariamente e assistem à forma como resolvem os problemas e lidam com as vitórias? Que vantagens traz, então, a redução do número de “eleitores”? Que garantias têm as escolas da isenção desses “eleitores” e da apreciação objectiva do currículo, do projecto e do perfil do candidato? Não poderá acontecer que um candidato com um excelente currículo e um projecto igualmente excelente não tenha capacidade para o implementar? Que ganham as escolas com estas incertezas? E se o sentido de voto mudar? Não deveriam os representantes ouvir aqueles que os elegeram? Representarão eles realmente o sentido de voto do grupo que representam? Serão capazes de agir em consciência e libertos da pressão que sobre eles pode ser exercida?

Face a estas dúvidas que não se circunscrevem a nenhum estabelecimento de ensino em particular, mas que são legítimas se observarmos a forma como o poder se exerce ao nível das estruturas partidárias nacionais e locais, a forma como o voto é pedido porta a porta nos meios mais pequenos, com promessas de emprego para os filhos, arruamentos no bairro, que confiança depositamos neste processo? Como foi possível que ele não gerasse mega-manifestações e protestos? Onde estávamos quando substituíram um processo que era democrático e funcionava bem? Por

que motivo não questionamos esta mudança? Parece-me que mais uma vez acordamos tarde de mais – já começa a ser um hábito e é próprio de quem está de boa fé e confia, ou confiava, naqueles que ocupam cargos ministeriais.

E agora? Agora é preciso agir em conformidade com a situação em que nos encontramos. É necessário acautelar situações que possam deteriorar o ambiente democrático que deve caracterizar espaços educativos, que são locais de aprendizagem e exercício de cidadania. É essencial assegurar que ao poder se associe o bom senso, a capacidade de liderança, o apreço pela escola e educação em geral, a vontade e capacidade de dar ao projecto que se submeteu a apreciação, fruto de uma acção individual, uma dimensão colectiva. Restamos confiar nos elementos que constituem o Conselho Geral e confrontá-los com a sua escolha, se ela não se revelar a mais adequada, sempre em defesa daquela que é a escola que desejamos para os nossos filhos, alunos e país.

Resta, então, que não esqueçamos que somos cidadãos e que temos obrigação de evitar os riscos do excesso de poder e assegurar a manutenção de uma democracia saudável que tanto custou a conquistar e que pode estar ameaçada.



Se a reflexão sobre o sistema político deve ser feita à escala nacional, mais se justifica no interior, que a maior parte das vezes parece ser ignorado pelas políticas defendidas e implementadas. Esse é o desafio que o Outra Presença lançou aos jovens desta escola. Algumas das reflexões são aqui publicadas, as outras na edição electrónica.



É necessário observar, registar para poder mudar. É este exercício de cidadania que esta secção propõe. Toca a participar! as fotografias podem ser enviadas para [outrapresencagmail.com](mailto:outrapresencagmail.com) e as fotos serão publicadas na nossa edição online.



## AS SOLUÇÕES FAZEM PARTE DA VIDA. NÓS OFERECEMOS AS MELHORES PARA SI.

O Crédito Agrícola é um grupo financeiro global, em permanente evolução para oferecer as melhores soluções aos seus Clientes. Aqui encontra uma vasta oferta de soluções.

POUPANÇAS • CRÉDITO HABITAÇÃO • CRÉDITO PESSOAL • SEGUROS • CARTÕES • INTERNET BANKING • LEASING • FUNDOS

**CA**  
Crédito Agrícola  
Um grupo ao seu lado.

linha directa 808 20 60 60 [www.creditagricola.pt](http://www.creditagricola.pt)



# SUPLEMENTO

Escola Secundária 7.º Abade de Baçal - Bragança  
Junho 2009 | Ano 20 nº 46  
www.opbraganca.com

**O Futuro da Escola**  
O projecto está aí e a sua elaboração é uma tarefa árdua e muito formulada. O que muda na Escola Abade de Baçal?

**Pelas mãos de Ana Andrade**  
É uma jovem talentosa, sensível, simpática, na sua timidez, e profundamente generosa. Ana Andrade soube criar uma narrativa envolvente e cheia de realismo, sobre a realidade sobre o mundo interior dos personagens sob uma projecção da forma como estes encaram a sua própria realidade. "Ela começa a morrer realmente quando se perde o gosto pela vida", escreve.

**Objectos com história**  
Domenico de eletrodomésticos, alguns muito antigos, estiveram presentes na biblioteca da Escola Secundária Abade de Baçal, numa iniciativa dos alunos da...

**Luta dos professores**  
Os últimos dois anos foram conturbados. O que se passa milhares de professores do Ministério da Educação?

**Escola mais viva**  
Construção, biblioteca, espaços, desafios são algumas das actividades que animam a escola.

**Genética em debate**  
Investigação genética e partilha com Hércules, ferramentas e técnicas para mais um café cultural.

**A hora de João Aguiar**  
De novo de Sertão ao Alentejo, de novo das montanhas, que no fim das contas foram as montanhas que o levaram a escrever "A hora de João Aguiar".

**Tema em Debate**  
O que pensam os jovens de política ou arte por que razão este assunto não entra nos seus programas? Ou seja, o que os jovens pensam? Onde nasceu este conceito? Onde nasceu este conceito? Onde nasceu este conceito?

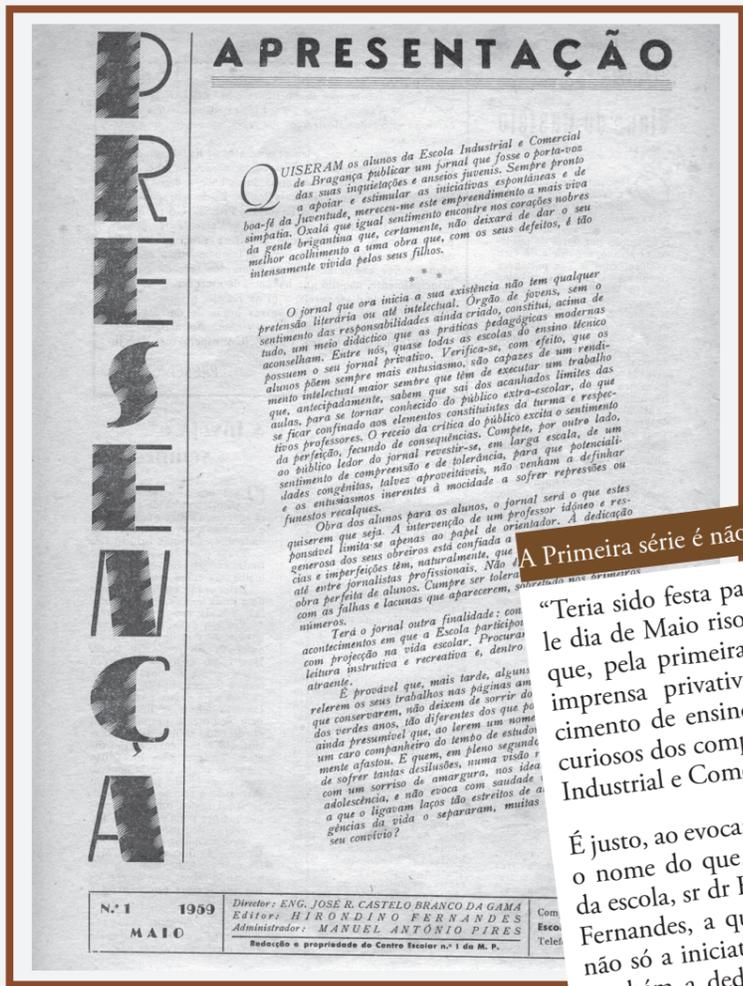
**Porque é que a política também é para nós?**

**Guerra dos Sexos**  
A "guerra dos sexos" é tão antiga como a humanidade, e se é irrefutável que os homens são atraídos pelas mulheres, os homens também são atraídos pelo poder. A diferença não é de natureza, é de natureza. A diferença não é de natureza, é de natureza. A diferença não é de natureza, é de natureza.

1959 | 2009

# 50 anos de jornal escolar

30 | Maio



Maio de 1959



Junho de 1959



Março de 1960



Eng. José R. Castelo Branco da Gama  
(director da escola)

Quiseram os alunos da Escola Industrial e Comercial de Bragança publicar um jornal que fosse o porta-voz das suas inquietações e anseios juvenis. Sempre pronto a apoiar e estimular as iniciativas espontâneas e de boa-fé da Juventude, mereceu-me este empreendimento a mais viva simpatia. Oxalá que igual sentimento encontre nos corações nobres da gente brigantina que, certamente, não deixará de dar o seu melhor acolhimento a uma obra que, com os seus defeitos, é tão intensamente vivida pelos seus filhos.

O jornal que ora inicia a sua existência não tem qualquer pretensão literária ou até intelectual. Órgão de jovens, sem o sentimento de responsabilidade ainda criado, constitui, acima de tudo, um meio didático que as práticas pedagógicas modernas aconselham. Entre nós, quase todas as escolas do Ensino Técnico possuem o seu jornal privado. Verifica-se, com efeito, que os alunos põem sempre mais entusiasmo, são capazes de um

rendimento intelectual maior sempre que têm de executar um trabalho que, antecipadamente, sabem que sai dos acanhados limites das aulas, para se tornar conhecido do público extra-escolar, do que se ficar confinado aos elementos constituintes da turma e respectivos professores. O receio da crítica do público escolar excita o sentimento da perfeição, fecundo de consequências. Compete, por outro lado, ao público leitor do jornal revestir-se, em larga escala, de um sentimento de compreensão e tolerância, para que potencialidades congénitas, talvez aproveitáveis, não venham a definir-se em funestos recalques.

Obra dos alunos para os alunos, o jornal será o que estes quiserem que seja. A intervenção de um professor idóneo e responsável limita-se apenas ao papel de orientador. A dedicação generosa dos seus obreiros, está confiada a sua duração. Deficiências e imperfeições têm, naturalmente, que surgir, pois aparecem até entre jornalistas profissionais. Não é, portanto, de esperar obra perfeita de alunos. Cumpra ser tolerante e compassivo para com as falhas e lacunas que aparecerem, sobretudo nos primeiros números.

Terá o jornal outra finalidade: constituir um arquivo dos acontecimentos em que a escola participou e dos factos cívicos com projecção na vida escolar.

A Primeira série é não só uma promessa, mas também já uma realidade

“Teria sido festa para a escola aquele dia de Maio risonho de 1959 em que, pela primeira vez, o órgão de imprensa privativo deste estabelecimento de ensino surgia aos olhos curiosos dos componentes da Escola Industrial e Comercial de Bragança.

É justo, ao evocar aquela data, referir o nome do que era então professor da escola, sr dr Hirondino da Paixão Fernandes, a quem se fica devendo não só a iniciativa da fundação mas também a dedicada orientação durante vários anos, o grande carinho, principalmente como director da escola.

No nº 1 é impressionante ler o artigo de <<Apresentação>> pelo director, ao tempo, da Escola e do jornal, sr. Engº José R. Castelo Branco da Gama. Aí se afirma <<Quiseram os alunos da escola industrial e comercial de Bragança publicar um jornal que fosse o porta-voz das suas inquietações e anseios juvenis>>.

(...) <<Obra dos alunos para os alunos será o que estes quiserem que seja>>

(...) <<Terá o jornal outra finalidade: construir um arquivo dos acontecimentos em que a Escola parti-

cipou e dos factos cívicos com projecção na vida escolar. Procurará, ainda, facilitar uma leitura instrutiva e recreativa e, dentro do possível variada e atraente>>.

Refere, seguidamente, o sentimento de saudade que os alunos não deixaram de ter ao relerem <<os seus trabalhos nas páginas amareladas dos números que conservarem>>.

E, logo, o 1º número do jornal, com a direcção do sr. Eng. José R. Castelo Branco da Gama, sob a responsabilidade como editor do sr. Dr. Hirondino da Paixão Fernandes, a administração do aluno Manuel António Pires, a redacção e propriedade do Centro Escolar nº 1 da M. P., composto e impresso na escola tipográfica da cidade oferece aos seus leitores entusiasmo e vida: <<Presença>> há-de ir mais longe, há-de ultrapassar as barreiras dos anos. Lançaremos PRESENÇA no futuro.

(...)É de salientar, pelo interesse de história para a Escola o artigo <<A nossa Escola>>.

Em Junho, aparece o nº2 com colaboração do Sr. Hirondino Fernandes, intitulado <<Nomes de lugar>> do trabalho de <<Guadramil>>.

Procurará ainda facilitar uma leitura instrutiva e recreativa e, dentro do possível, variada e atraente.

É provável que, mais tarde, alguns destes adolescentes, ao relerem os seus trabalhos nas páginas amareladas dos números que conservarem, não deixem de sorrir dos entusiasmos e anseios dos verdes anos, tão diferentes dos que possuem nessa idade. É ainda presumível que, ao lerem um nome, não deixem de evocar um caro companheiro do tempo de estudos que a vida implacavelmente afastou. E quem, em pelo segundo quartel da vida, depois de sofrer tantas desilusões, numa visão retrospectiva, não pensa, com um sorriso de amargura, nos ideais que o animaram na adolescência, e não evoca com saudade um antigo companheiro a que o ligavam laços tão estreitos de amizade e que as contingências da vida o separaram, muitas vezes para sempre, do seu convívio?”

O Director

que, nessa ocasião, tinha entre mãos. Um ar de cultura perpassa pelas 8 páginas que o compõem: A Nossa Biblioteca, Concurso Leitura, Os nossos Contos, Notas Etnográficas, o Castelo de Bragança. Aí vemos os alunos de 1959 numa grandiosa excursão à vizinha Espanha. Depois, vêm os Desportos, Campeonatos e, a finalizar, As comemorações de 10 de Junho.

O entusiasmo, que despertou o primeiro ano de publicação, lançou <<Presença>> no segundo ano. O nº 3 de Março de 1960, é, em grande parte, dedicado ao tema que era não só de interesse escolar mas também nacional e internacional: Comemorações Henriquinas. O ciclo das comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique foi bem solenizado na Escola. Esse número de <<Presença>> afirma-o bem alto para a história: <<A lenda da Senhora da Ribeira>>, poesias, desportos, etc. completam a matéria do nosso terceiro jornal que se apresenta sob a direcção do sr director da Escola e a chefia de redacção do Aluno António Carlos Zilhão.

(...) **Presença, nº 5 e 6 (Série III), 1960**

“RAPAZES, custa apenas começar. Depois, é marchar em frente, que só em frente é marchar.

Vamos, vamos pois. Firmemente prossigamos no caminho encetado. Mostremos depressa, mas bem, que estamos presentes.

Estar presente, eis o lema: presentes na Escola, presentes na Cidade, presentes... Rapazes, a nossa presença pode ultrapassar as limitadas barreiras duma escola, duma cidade. Pode. E há-de. Há-de ir mais longe, há-de ultrapassar as próprias barreiras dos anos. Lancemos PRESENÇA no futuro.

Basta trabalhar. E nós queremos. Vamos então pensar, para já, num cabeçalho que substitua este, que a falta de tempo nos fez utilizar; para já também numa série de vinhetas que hão-de encimar as diferentes secções; para já, principalmente, naquilo que havemos de escrever.

Dentro de dias, vereis, aqui na Escola, o Concurso que PRESENÇA vai abrir. Nas vossas horas de descanso, ide esboçando pois um cabeçalho, uma vinheta, um artigo.

PRESENÇA é vosso. PRESENÇA espera-vos. Até Junho, diz o PRESENÇA”

Hirondino da Paixão Fernandes

(Presença, nº1 - Maio de 1959, Editorial)

# Hirondino da Paixão Fernandes

## Reviver o Presença com o seu criador



Numa conversa circular, com início e fim na Avenida Doutor Dias da Silva (Coimbra), recuperaram-se momentos vividos na Escola Secundária Abade de Baçal, então Industrial e Comercial de Bragança, reviveu-se o surgimento do jornal Presença, antecessor deste que agora se edita, e ficou claro que se a geração e o contexto político separaram o Presença do Outra Presença, a vontade de que este seja veículo de tudo quanto se faz na escola e que ajude os jovens a crescer enquanto cidadãos se mantém. Embora a linguagem seja outra.

Hirondino da Paixão Fernandes nasceu no Parâmio, estudou no Liceu Nacional de Bragança, onde, cedo iniciado nas lides do jornalismo, fundou — em parceria com Fernando Subtil (com quem tem em comum, entre outras coisas, a carreira de professor, o gosto pelo jornalismo, a defesa do português correctamente escrito e pontuado recusando-se a aceitar a inovação escrita saramaguiana, e a alegria da sua origem transmontana) —, fundou, dizíamos, o jornal de parede Alvorada (que teve as honras de se ver afixado no átrio do Liceu, em lugar bem central), tempos depois transformado, mantendo obviamente o título, em jornal a valer, saído dos pelos da Escola Tipográfica da referida cidade, Bragança.

Iniciou a sua actividade docente como professor provisório na Escola Industrial e Comercial de Leiria, logo no ano seguinte trocada pela de Bragança, estabelecendo, desde o primeiro instante, uma forte relação de camaradagem com os alunos visível na participação em algumas actividades, como é o caso de certo torneio de ping-pong, em que surge como único professor participante.

**Outra Presença (OP)** – Podemos considerar o momento da publicação do jornal Alvorada a alvorada do jornalismo em si?

**Hirondino da Paixão Fernandes (HPF)** – Não me recordo exactamente do motivo por que criámos esse jornal, e menos ainda do que pudesse estar na mente desses jovens de 15 ou 16 anos que então devíamos ter. É difícil explicar o que leva um rapaz de 15 ou 16 anos, por aí, a fazê-lo. Fora de dúvida é que nos lembrámos de fazer um jornal, como fazia a gente grande, e o fizemos. Uma situação sem consequências. Mera amostra de algum gosto por tal área.

OP – E da criação do Presença, da Escola Industrial e Comercial de Bragança, em Maio de 1959, recorda-se?

HPF – Eu era na altura profes-

sor provisório e lembrei-me de iniciar uma publicação que fosse o fruto dos trabalhos produzidos pelos alunos. Pretendia que a divulgação de um trabalho os motivasse para a criação de outros. Era certamente que por este motivo, que a construção de jornais se tornara uma prática habitual, mas eram jornais de turma e de parede. Procurámos ultrapassar este nível lançando-nos num projecto mais ambicioso. Não imaginávamos que tivesse a duração e divulgação que teve. Que, de certo modo, chegasse até hoje.

OP – E motivou-os?

HPF – Parece que sim: os alunos empenharam-se na venda de todos os exemplares do primeiro número e, a seguir, de muitos outros, que se venderam também, donde ... E isto é o que mais me importava: as aulas eram parti-

cipadas, tinham vida, julgo que alguma coisa se aprendia.

OP – O nome surge por influência da Presença, revista literária editada em Coimbra?

HPF – Não, quando me apercebi da situação, já tinha saído um número e era demasiado tarde para voltar atrás. Mas, se tal tivesse acontecido ... que fazer se nós queríamos, se nós precisávamos de dizer e de mostrar que não estávamos ausentes, mas sim, de corpo e alma, bem presentes?!...

OP – Como foi produzido esse primeiro número, tendo em conta os escassos recursos que existiam na altura?

HPF – O jornal foi, todo ele, produzido na Escola, com excepção, naturalmente, da impressão, que ficou a cargo de uma tipografia, sob total orientação nossa, desde, por exemplo, a implanta-

ção do texto da primeira página. Reparou que está na diagonal ... Quanto ao necessário para fazer as morcelas ... o Director da Escola até disse gostar da ideia (de publicação do jornal), simplesmente ... não se responsabilizava pelos custos — nem um vintém — da sua concretização.

A juventude tem destas temeridades: assumimo-los nós/assumi-os eu.

Felizmente o jornal vendeu-se, tendo o resultado da venda bastado para pagar a impressão. E com outra coisa ninguém sonhava.

Um abraço de gratidão, de amizade, de profunda admiração para com os alunos que foram simultaneamente jornalistas e ardinas. Por onde andarão eles?! A fazerem o quê?! Porventura jornalismo?!...

OP – Do primeiro para o segundo número foi um pequeno passo — um mês. Recorda-se da reacção dos colegas ao nascimento do jornal?

HPF – Não, de nada mesmo. Presumo até que, no início, o jornal possa ter sido visto como mais um jornaleco de turma, embora sob uma roupagem não habitual. Mas que a adesão foi grande comprovam-no os números que se venderam, face ao que a Direcção da Escola dá o dito por não dito, assumindo os custos da sua publicação. E o Presença ficou, a partir de então, com a sua presença assegurada.

Mais tarde, bem mais tarde, só quando nos instalámos no edifício novo, começou a organizar-se um arquivo, incipiente, embora: tudo o que existia relacionado com o Presença passou a guardar-se no gabinete/sala da MP (Mocidade Portuguesa, masculina), um dos dois gabinetes [o outro era o da MPF (Mocidade Portuguesa Feminina)] que formavam/formam o bloco central que une os dois pavilhões da Escola, o das aulas tradicionais e o das, então, (saudosas) oficinas.

OP — Tendo em conta o contexto político em que se vivia, os textos eram censurados, havia indicações relativamente aos temas a escolher ou a evitar e às mensagens a transmitir?

HPF – Os alunos recebiam indicações relativamente à forma correcta, delicada e oportuna como deviam escrever — penso que ainda hoje isso acontece, em todo e qualquer jornal. Mas escolhiam, em total liberdade, os assuntos de que queriam falar. E naturalmente que havia assuntos para os quais era necessário ...

que houvesse 'voluntários' que os tratassem.

No mais, os jornais escolares não estavam sujeitos a qualquer censura prévia para além da censura da Escola, toda ela assente na oportunidade e na qualidade. Se tinham outra censura para além desta, e porventura a tinham, era sempre a posteriori.

Nunca tivemos qualquer problema com esta última Censura, certamente porque sempre todos soubemos que a Escola, formando Homens e Mulheres, sabe cumprir a Lei.

OP – Depois de crescer e sair do contexto de turma, o Presença integra-se nas actividades circum-escolares e é da responsabilidade do Clube de Jornalismo.

HPF – O Presença evoluiu do grupo turma para jornal de escola logo que as Actividades Circum-Escolares da Mocidade Portuguesa (tantas vezes tão acintosamente tão mal vistas) o permitiram. Havia agora um grupo de alunos, específico, orientados por um professor, que eram os responsáveis directos pela sua elaboração. Era, evidentemente, um grupo aberto à entrada e saída de todos os que desejassem frequentá-lo.

O responsável primeiro — das Actividades, do jornal ... da Escola, enfim — continuava sendo, naturalmente, o director da Escola.

OP – Os alunos aderiam bem a esta iniciativa?

HPF – Não me recordo de nenhuma situação em que a falta de alunos ou de material inviabilizasse a publicação de qualquer número de jornal ou de revista. Aliás números houve, sobretudo da revista, bastante grandes que espelham à evidência a elevada participação da Escola neste projecto.

OP – Na Escola havia também um Clube de Fotografia e Cinema...

HPF – Lembrei-me um dia da sua criação — tarefa que não foi nada fácil, já que não havia, na Escola, professor nenhum que se sentisse capaz de orientar o Clube. Apercebera-me de que a fotografia tinha interesse para a Escola. Até podíamos usar as suas fotos no jornal...

Eu estava, na altura, na Assembleia Nacional (deputado) e aproveitei para estudar Fotografia e Cinema. E quando regresssei, avançámos com o projecto.

Comprámos, por sugestão de um profissional cá do burgo, uma máquina, uns tanques de reve-

História



No 4 - Junho, 1961

# A Nossa Escola

Sobranceiro à cidade há um majestoso edifício que se ergue imponentemente semi-circular a coroar o alto do Trinta. Dum lado domina a velha estação e do outro estende a sua silhueta em direcção à cidade e deixa um braço teimoso a apontar para o Loreto. É sólido a valer. Cimento e Cantaria, aglomerados pela mão laboriosa do homem, construíram esta maravilha.

Cavados os seus alicerces na dura pedra, perfuradas as rochas pelo martelo automático, ele aí foi plantado pouco a pouco e hoje ergue-se em toda a sua magnificência. O interior é confortável e tem todos os requisitos modernos de um estabelecimento de ensino. Tem salas bem mobiladas, arejadas no verão e aquecidas no Inverno, espelhado asseio e limpeza. Ampla campos de jogos, servem para distração nas horas recreativas.

Só falta uma piscina!...

Resta agora que correspondamos à confiança que a Nação em nós deposita, dando-nos um ambiente intelectual e físico tão necessário aos estudantes de hoje.

Fernando David Fernandes  
1º Ano G.C  
Nº 6 - Dezembro 1962

## 1962-1964

(Cont.pág. IV)  
"De formato maior (22,5 cm por 33 cm eram as medidas dos três primeiros) o nº4, ano III, Junho de 1961, domina todo o ano lectivo, como o anterior era o fruto do ano de 1960. Com 33cm. Por 44,5 cm, ele faz uma síntese, com << Assim vai a escola >>, dos acontecimentos mais relevantes ocorridos durante o ano lectivo. Sobressai a visita, além de outras individualidades, à nossa escola, de sua excelência o senhor subsecretário de estado da Educação Nacional, Dr. Baltasar Rebelo de Sousa, e do nosso Director Geral, Sr. Dr. Carlos Proença, os quais apreciaram, também, as obras do edifício novo da Escola que decorriam a bom ritmo. O tema patriótico, ultramarino e missionário (...) é ainda, uma nota característica neste << Presença >> da direcção do Director da Escola, Dr. Leonel Augusto de Almeida Abrantes, orientação do Sr. Dr. Hironoldo da Paixão Fernandes, redacção, administração e propriedade do Centro Escolar nº 1 da M.P. Chegamos a 1962 e, neste ano IV de publicação em Junho, sob a mesma responsabilidade

que presidiu ao anterior, vem à luz do dia o nº 5. Grande e com pretensões, << Presença >> sai para a cidade, entrevista o Presidente da Câmara, ao tempo, o Sr. Adriano Augusto Pires, regista com arte a visita de Suas Ex.as os Srs Subsecretário da Educação Nacional e Comissário Nacional da M.P. à cidade e à Escola. Visitas de estudo, etnografia, poesia e vasto noticiário encerram mais um belo exemplar do nosso periódico. É de sublinhar o artigo que elucida acerca << Da duração dos Cursos, da sua utilidade, da sequência dos mesmos para efeito de continuação de estudos em cursos Médios e Superiores >>. Com Dezembro de 1962, vem o nº 6 ano IV. O sr. Presidente da Câmara é novamente entrevistado, principalmente sobre problemas ligados directamente aos interesses da nossa Escola. Presta-se sentida homenagem ao novo Ministro da Educação Nacional, sr. Prof. Doutor Inocêncio Galvão Teles, e ao subsecretário da mesma pasta, sr. prof. doutor Alberto Carlos de Brito. Descreve-se a Escola e... tudo bem, << só falta uma piscina!... >> (...) No

nº 7, ano V, Março de 1963, << Presença >> quer estar bem presente debruçando-se sobre figuras de grande importância para a cidade e distrito, como o Padre Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal criador de << uma das maiores obras de vulto da região nortenha >>, um dos mais ricos de Portugal em epigrafia luso-romana, ou melhor, o mais rico depois do Museu Etnográfico de Lisboa-o Museu Regional do Abade de Baçal >>. Também, Bragança, Cidade Histórica, é bem descrita em extensão e profundidade. Não falta a etnografia e folclore. (...) No ano V, surgem, ainda, os n.os 8 e 9. O nº << Presença >> 8, Junho de 1963, tem um precioso elenco: << A nossa Padroeira >>, << Consagração >>, << Camões, Cantor da Nacionalidade >>, << Os Monumentos Portugueses e os feitos que simbolizam >>, << A minha Terra >>, visitas de estudo, colunas de história e etnografia com belas linogravuras. Contém uma substancial descrição sobre os cursos ministrados, então, na Escola: introduzidos pelo ciclo Preparatório, os cursos de Electricista, Electromecânico,

Carpinteiro-Marceneiro, Formação Feminina, Geral do Comércio, Tecelagem Doméstica, Encarregado de Obras, Secção Preparatória para os Institutos Industriais e Comerciais. O Ultramar e a sua semana não são esquecidos. No nº 9, Dezembro de 1963, << Presença >> continua atento ao que se passa dentro e fora da Escola. (...) Em Março de 1964, vem à luz do dia o nº 10, ano VI. Não quis << Presença >> ficar indiferente ao acontecimento de maior vulto para Bragança: Comemorações Centenárias da Cidade de Bragança: Assim, com o devido relevo, se transcreve a carta de Foro de Cidade concedida, em 20 de Fevereiro de 1464, por D. Afonso V a D. Fernando, II Duque de Bragança, pelos seus nobilitantes serviços nas campanhas africanas. << Bragança, vetusta cidade >>, << A Casa de Bragança e a Restauração de Portugal >> completam a homenagem ao 5º Centenário de Bragança como Cidade. Um estudo bastante completo sobre o Curso de Formação Feminina, das suas vantagens e preparação para a vida prática, ocupa uma boa parte daquele número. (...)

As comemorações do V Centenário de Bragança como Cidade ocupam lugar de maior relevo, ainda, no nº 11 de << Presença >>, ano VI, Julho de 1964. O Chefe de Estado, Contra-Almirante Américo de Deus Rodrigues Thomaz, visitaria a nossa Cidade, nos próximos dias 29 e 30 de Agosto. Por isso, em primeiro plano, vem uma vibrante saudação ao Venerando Chefe de Estado. A seguir, << Bragança, a nossa linda cidade >>, visita de estudo ao Castelo, Domus, Igreja de Santa Maria; os grandes de Bragança, Abade de Baçal, Guerra Junqueiro, Trindade Coelho. A semana do Ultramar, a Exposição Escolar, << Para um Portugal melhor >>, de homenagem à M. P., são completados pelo mais variado noticiário escolar. Com o presente número termina a 1ª Série de << Presença >>. A primeira fase da vida do nosso jornal encontra-se em 11 números, bons quanto ao conteúdo e quanto à forma. Dois amores principais se entrecruzam nestas páginas: O amor à escola e o amor à sua Terra. (...)

(...) continua na página VIII



No 5 - Junho, 1962



No 6 - Dezembro, 1962



No 7 - Março, 1963



No 8 - Junho, 1963



No 9 - Julho, 1964

lação, em aço — muito grandes, industriais mesmo, que acabámos por nunca usar. Erro de primeiros passos, pois o movimento não justificava a enorme despesa do ácido para os encher. Mais tarde, comprámos um marginador electrónico... que os próprios profissionais não tinham ...

OP - Algum desses entusiastas seguiu o ramos da fotografia?

HPF - Há em Bragança um fotógrafo profissional que se formou no Clube de Fotografia e Cinema da Escola.

OP - E o teatro? Eram também frequentes as dramatizações na altura...

HPF - Em Bragança o teatro estava no cerne dos estudantes da cidade. Os alunos do Liceu todos os anos faziam a sua récita no Primeiro de Dezembro...

OP - A Escola não tinha essa tradição?

HPF - Não, a Escola esteve bastante apagada durante muito tempo. Sem tradição nenhuma, portanto. Mas uma vez tomado alento, e para não colidir com a data em que o Liceu tinha por hábito apresentar a sua peça, resolveu levar à cena as suas representações na Festa de Finalistas. Os alunos mostravam vontade de representar, sentiam-se mesmo orgulhosos com o trabalho.

Depois ... havia uma certa rivalidade com o Liceu: impunha-se dar razão ao velho "Nos quoque gens sumus". (E foi essa a principal razão por que, a certa altura, aceitei o cargo de Delegado Distrital da Mocidade Portuguesa: achei que era uma forma de conferir mais alguma importância à Escola que, assim, deixava de estar sujeita a certos ditames dimanados de outrem ...).

OP - Na Biblioteca da Escola existe um quadro a óleo de gran-

des dimensões, da autoria de Henrique Tavares, que retrata o Ministro da Instrução, Artur Lopes Cardoso. Sabe contar-nos a sua história?

HPF - Quando entrei para a Escola, já o quadro lá estava. Achei que um quadro como aquele ... devia estar noutra parte, necessitava de cuidados que a Escola não podia dar-lhe, para além de que devia ser acessível ao público, em geral. Intercedi junto do Museu para que transitasse para lá, mas em vão. Soube que mais tarde alguém repetira a diligência, mas concluo, agora, ter sido também em vão, pois, como diz, a tela continua na Escola. Eu penso que, em primeiro lugar, o quadro é do País, não compreendo estas capelinhas — o quadro é da Escola, sim, mas também é do Museu... e é, acima de tudo, de todos nós — deve estar no local que melhor poderá servir tal desiderato.

Quanto à sua história ... Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal) diz-nos que Henrique Tavares foi director da Escola Industrial de Bragança, que ... mas não lembramos se fala especificamente deste quadro.

OP - Neste momento está na Biblioteca...

HPF - Parece-me estar melhor, pelo menos está mais visível. Vi-o, "in illo tempore", no Gabinete da Direcção, já me disseram ter estado na Sala de Professores, pelo que me diz, está agora ...

OP - Relativamente ao cargo de director, que poderes tinha?

HPF - Aqueles que o seu Estatuto lhe conferia, como, por exemplo, o de contratar os professores que lhe parecessem mais aptos a um cabal desempenho do lugar a que concorriam. Esquecido há muito tal Estatuto, julgamos ser essa uma das grandes diferenças relativamente à situação de hoje. Claro está que o director tinha

de ouvir previamente o Conselho Escolar, constituído pelos professores efectivos — por vezes nulo ou quase, como no caso de Bragança.

OP - O que recorda dos últimos dias de director? Como foi vivida a situação em 74?

HPF - Tranquilamente. Eu estava a sair do País, com uns amigos, e, chegados à fronteira, deparámos com um "check-in" muitíssimo mais apertado que de costume, que nos não justificaram devidamente, embora nos tivessem aberto uma pista, ao perguntar-nos o que se havia

Em Bragança o teatro estava no cerne dos estudantes da cidade. Os alunos do Liceu todos os anos faziam a sua récita no Primeiro de Dezembro...

passado em Portugal. Algo intrigados, continuámos, no entanto, viagem ... mas agora em sintonia permanente com todas as emisoras, nacionais e estrangeiras possíveis. Só tarde, ao fim do dia, já estávamos nos Pirinéus, nos foi dado tomar conhecimento da situação. Quisemos voltar, de imediato, para trás, mas tivemos que dormir essa noite em Espanha, por se encontrarem fechadas as fronteiras.

No dia seguinte, já em Bragança, e retomado o meu lugar, procurei saber o que se havia passado, na Escola, durante os dois dias da minha ausência. E, de imediato, pus o meu lugar à disposição do representante, na dita Escola, do Movimento das Forças Armadas. E tudo continuou, como vinha sendo uso e costume.

Meia dúzia de dias depois, é que pessoa amiga nos deu telefonicamente conta de que um Colega estava organizando uma manifestação contra o Director. Comparei junto deste presumível or-

ganizador e ofereci-lhe o meu incondicional apoio. Assim, como lhe digo, sem tirar nem pôr.

A manifestação não se realizou, se é que, efectivamente, a projectava.

E ainda que ansioso de voltar à Lusa Atenas, lá continuei por Bragança, em funções, até meados de Agosto, altura em que, respirando fundo, pude finalmente abrir os braços e saudar a Liberdade.

Adeus, direcção da Escola Industrial e Comercial de Bragança. Vou ... ser eu.

Um mês depois, reentrava na Escola da qual era, de há vários anos, professor efectivo.

Com a tranquilidade de sempre. Com uma alegria redobrada.

OP - É nessa altura que regressa, então, a Coimbra, onde estava efectivo...

HPF - Exactamente. A partir de determinado momento, apercebi-me de que Bragança não era a cidade onde eu precisava de estar. Tinha voltado para lá por duas razões: estar perto da família e estar naquele exacto terreno que havia escolhido para trabalhar além das aulas. Havia começado há muito a fazer o respectivo levantamento de campo imprescindível a certo trabalho — lexicologia transmuntana — , tarefa que não podia realizar em Coimbra. Tive possibilidades de ir para Bragança e fui para Bragança. Mas cedo me apercebi de que as funções que em Bragança passara a desempenhar não me permitiam continuar, de forma alguma, tal trabalho. Nem sequer fazer outros ... do tipo que queria. Havia efectivado em Coimbra há anos. Regressei, então, a Coimbra. Para fazer estes.

O 25 de Abril foi a feliz mola propulsora.

OP - Coimbra parece ter gozado sempre de um estatuto especial

durante o Estado Novo, como se aqui houvesse mais liberdade.

HPF - O que distinguiu sempre a cidade foi a sua vertente académica. Havia muitos estudantes, e estudava-se mesmo. Tínhamos de ir para casa ... mal a cabra tocava, enquanto caloiros, naturalmente — ninguém nos obrigando a estudar, é óbvio, mas fazendo com que isso acontecesse, obrigando-nos a recolher. À medida que avançávamos nos estudos ganhávamos mais tempo de rua, até chegarmos a ter ... a noite toda por nossa conta. Não sei se isso ainda acontece hoje, mas parece-me que a cidade está a perder algo da projecção e glória académicas que teve.

Quanto ao estatuto especial ... A juventude é, por vezes, irreverente. Porque não conceder-lhe um pouco mais de compreensão?!

OP - A sua mulher também era professora na Escola Industrial. Também estava efectiva em Coimbra?

HPF - Sim, e por isso é que quando cessei as funções de director, ela regressou também a Coimbra. E cá ficámos até hoje, numa cidade onde é mais fácil desenvolver a actividade que sempre me interessou: a investigação.

OP - Como é o dia-a-dia de um investigador?

HPF - Simplicíssimo, o meu. Apenas isto: levantar cedo, e cedo ir para este ou aquele arquivo, para esta ou aquela biblioteca, ora aqui, em Coimbra, tantas outras vezes, em Lisboa. E num arquivo ou numa biblioteca, em Coimbra ou em Lisboa, raramente noutros lados: pesquisar, copiar, fotocopiar, recolher informação, em suma. Ao fim do dia, regressar a casa, ordenar a informação recolhida e preparar a pesquisa do dia seguinte. E depois, o que é que há-de ser depois?! ...



Hirondino Fernandes, Lúcia Diz Lopes (actual coordenadora do OP)

Presença e a professora da E.I.A.B.

História



Nº 1 - Dezembro, 1964

A nossa Biblioteca

O tempo que nos prepara para a vida, que nos torna aptos a enfrentar, a combater todos os obstáculos é o nosso tempo de estudo. Precisamos pois de nos instruir solidamente. Há que trabalhar, há que ler muito, porque os livros são o único meio de o fazermos convenientemente. Sempre foi a melhor prática, mas agora temos necessidade de teoria.

Mas... ler o quê!... Todos os estabelecimentos de ensino têm a sua biblioteca onde estão livros sempre prontos a dar, a transmitir a sua ciência. Nós, porém... nós não o podemos dizer porque a nossa escola não pode ajudar-nos. A nossa escola é pobre, oh! quanto!... Contém uma meia dúzia de livros que mesmo nada nos interessam...

Vamos, pois, caros colegas procurar formá-la. Um volumezito qualquer por ano, que já tenhas posto de lado... Assim, ao fim de algum tempo, nós que apenas oferecemos um livro ou dois, podemos dispor de centenas, se não milhares. Caro Colega, esta coluna há-de registar o teu nome, no próximo número já. PRESENÇA conta contigo, e com... com a Direcção Geral do nosso Ensino, que de certo, nos vai proporcionar a aquisição de algumas obras - dicionários, um atlas, alguns pelo menos dos nossos clássicos, etc. - que nos ajudem a preparar as nossas lições, que nos ajudem a preparar para a vida.

Fica posto este nosso problema. Maria Alice Cordeiro (2º ano de F. Feminina)



Nº 2 - Março, 1965



Nº 3 - Junho, 1965

2.ª SÉRIE DE <<PRESENÇA>> - UMA VIDA QUE CONTINUA

(cont. da pág. VI) O Nº 12 (Nº1 da 2ª Série), ano VI (por lapso, ano VII), Dezembro de 1964, (formato 22,5 cm. por 34 cm., com 8 páginas coloridas.) festeja dois acontecimentos notáveis: de ordem distrital, a recepção pela cidade do novo Governador Civil, sr. Dr. José Damasceno Campos; de interesse escolar interno, a nomeação do sr. Dr. Hirondino da Paixão Fernandes para Director da nossa Escola. No ano VII, 2ª Série, Março de 1965, o n.º 2, sob a orientação do sr. Dr. Daniel Augusto Fernandes, professor da Escola, continua a ser um repositório atento e fiel nas suas 10 bem apresentadas páginas. Abre-o uma bela carta, repleta de saudade do primeiro director de <<Presença>> sr. eng. José Rebelo Castro Branco da Gama. Segue-se uma evocação do grande amigo da Escola, Sua Ex.a Rev.ma o Senhor

D. Abílio Augusto Vaz das Neves, que, por falta de saúde, acaba de resignar do lugar de Bispo da nossa Diocese. Da autoria do sr. Director e como homenagem ao centário natalício do Grande Sábio, publicava-se então, em anexo, a separata, 5 <<Cartas inéditas do Abade de Baçal>>. Também, o nº 3, ano VII, Junho de 1965 é fiel intérprete dos sentimentos de todos perante os acontecimentos mais importantes. Assim, vêm em 1ª página: <<A chegada do novo Prelado da Diocese>>, Sua Ex.a Ver.ma o Senhor D. Manuel de Jesus Pereira, no dia 4 de Maio de 1965, carta do Director aos Encarregados de Educação. De valor são ainda, as seguintes secções: a página <<A nossa Terra>>, com <<Bragança e o seu Turismo>>, <<As ruínas históricas de Castro de Avelãs>>, <<Do sonho à realidade>>, <<Página do Ciclo>>, <<Acti-

vidades da M.P.>>, <<Semana do Ultramar>>, <<Exposição escolar>>, <<Passatempo>>, <<Visita de estudo às Termas de Chaves>>. A terminar o ano VII, 2ª Série, aparece o nº 4 de Dezembro de 1965. De maior interesse lêem-se os seguintes títulos, na 1ª página: <<O Novo ano escolar>>, <<O V Centenário do Criador do Teatro Português, Gil Vicente>>, <<A nossa homenagem>> do sr. Director da Escola, que havia sido eleito deputado à Assembleia Nacional do círculo de Bragança. Inicia-se o ano VIII, 2ª Série, com o número 5, de Março de 1966. Sempre o nosso jornal esteve presente nos acontecimentos de toda a ordem mas verifica-se que os da ordem literária o impressionam vivamente. A farsa <<O Velho da Horta>> foi levada à cena, nesse ano, na Festa dos Finalistas. Os nossos poetas enchem uma bela

página, <<A nossa Poesia>> que é, logo, seguida de conto, lenda, passatempo, página de desporto, moimentos de apostolado e caridade exercidos pelos alunos. E o ano VIII, em Junho de 1966, apresenta o n.º 6 da 2ª Série. Mais uma excursão a Espanha com belas <<Impressões da Viagem>> é evocada com entusiasmo na 1ª página daquele sugestivo número do jornal. A Semana do Ultramar continua a ser patrioticamente celebrada na Escola. A etnografia e folclore não faltam <<As romarias da nossa Terra>> e <<Fantasmas>>. Em anexo, foi publicada, também, neste número, <<Carta do Director aos Encarregados de Educação>>, chamando estes ao exercício dos seus deveres para com os alunos que, no ano de 1965-66, eram mais de 1300. <<Presença>>, em seu n.º 7, ano VIII, de Dezembro

de 1966, festeja o dobrar do oitavo ano da sua existência. Porque <<heroísmo e amor de <<Presença>> se concentram numa direcção- o engrandecimento da sua Escola e da sua Cidade e Distrito- o nosso jornal associa-se a Bragança que saudou efusivamente o regresso do seu glorioso Batalhão de Caçadores n.º3>>. <<Torre e Torres erguendo>> é um hino de juventude à grande organização que é a M. P. Atento ao que na Cidade se passava, <<Presença>> regista a homenagem que aquela soube prestar ao seu dedicado presidente da Câmara, sr. Adriano Augusto Pires, ao findar o seu mandato. Com o n.º8, Junho de 1967, ano IX, termina a 2ª Série de <<Presença>>. (...)

Continua na pág. X



Nº 4 - Dezembro, 1965



Nº 5 - Março, 1966



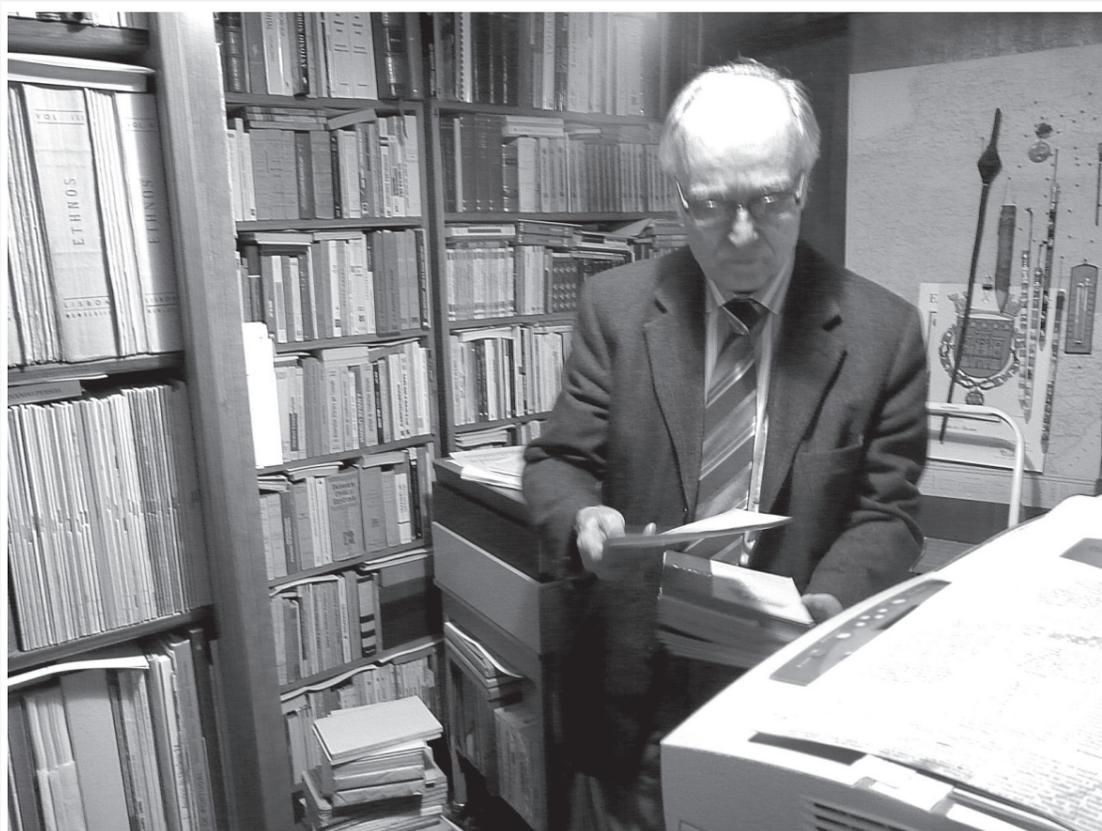
Nº 6 - Junho, 1966



Nº 7 - Dezembro, 1966



Nº 8 - Junho, 1967



Híronidino da Paixão Fernandes, no seu escritório, com boletins da Presença, que doou à escola, ajudando a completar o arquivo.

Assim, sempre.

OP – É possível fazer uma investigação completa fora das grandes cidades?

HPF – De uma maneira geral, isto é, no caso de temas não estritamente locais, parece-me bem que não. Mas mesmo nos temas locais, a investigação local, imprescindível, ficará sempre incompleta sem a consulta dos grandes arquivos e das grandes bibliotecas das “grandes cidades”. Quando e onde menos se espera está um documento do mais alto valor.

A Internet tem muita informação da maior utilidade — podemos dizer que ela deverá ser o ponto de partida para todo e qualquer trabalho —, mas ... há algum joio pelo meio e muitíssimas coisas são-nos praticamente inúteis por mais que restrinjamos a pesquisa, fazendo-nos perder tempo esta navegação no vazio. Precisava de uma boa triagem. Por enquanto, pelo menos, uma verdadeira investigação não se compadece com consultas apenas na Internet.

OP – O que é necessário para se ser um bom investigador?

HPF – Ter gosto pela investigação.

OP – Tem em mãos uma obra que iniciou há bastante tempo.

HPF – Há...

OP – Quando será publicada?

HPF – Dentro de um mês, segundo espero.

OP – Porquê Trindade Coelho?

HPF — Trindade Coelho é ... apenas um — se bem que especial — dos três ou quatro mil, não sei exactamente quantos autores refiro na Bibliografia do Distrito de Bragança. Mas porque faz parte da lista dos especiais e porque estamos no centenário do seu fale-

cimento ...

OP – Há alguma obra sua que ache que pode ser destacada?

HPF – Gostava que o leitor me indicasse, a falarmos pela positiva pois, de contrário, ser-me-ia fácil responder à sua pergunta.

OP – Qual a que lhe foi mais difícil de produzir?

HPF – Esta última está a ser bastante complicada, em parte devido a contingências familiares que me impedem de dar ao trabalho o ritmo que ele requeria/requer e eu não tenho podido dar-lhe. Mas houve outros factores que (também) me ultrapassaram: trabalhos do género são para grandes equipas ou para se fazerem ao longo dos anos. Queis fazê-lo só eu, em meia dúzia de dias ou meses ... Já lá vão quase dois anos e agora é que, finalmente, devo parar por aqui porque, entretanto, veio em minha ajuda uma vasta plêiade de distintíssimos investigadores e bons Amigos — de que é justo destacar o comprovinciano Professor Doutor Telmo Verdelho —, que vão/têm ido um à procura de uma carta, outro de uma gravura, um terceiro ...

OP – É uma actividade economicamente gratificante?

HPF – Não me posso pronunciar em relação à actividade de uma maneira geral. Mas, no meu caso particular — deixe-me rir! —, de forma nenhuma. Aliás, excepção feita aos livros escolares, nunca escrevi uma linha, rigorosamente uma linha, com a intenção de economicamente ganhar um vin-

tém. Só uma vez me pagaram um artigo que já havia sido publicado, gratuitamente, em dois lados! Que tinha de receber ... eram ainda uns bons contos de réis, de contrário o dinheiro ia parar ... E disseram ... sei lá onde é que ele ia. E por isso o recebi ... por (quase) não saber para onde ia.

OP – E a próxima obra de Trindade Coelho? HPF – Naturalmente que também não. É a homenagem que ao escritor e à terra (distrito de Bragança) posso prestar. E é com a maior satisfação que o faço. Gratuitamente, claríssimo está. Ou, se quiser, com um muitíssimo razoável desfalque nas miúdas pobres economias.

OP – Qual o escritor que mais admira?

HPF – Fernando Pessoa.

OP – E na prosa?

HPF – Não sei se Eça de Queirós.

OP – E na actualidade?

HPF – Uns três ou quatro. Mas, a ter de destacar algum, eu referiria A M. Pires Cabral — porque é um grande escritor, porque é um excelente amigo, porque é um devotadíssimo transmontano. Não quer que fale dos investigadores, pois não? Tinha alguns a referir-lhe!...

OP – Como sente a

mudança da região, mais propriamente da cidade de Bragança?

HPF – Jorge Nunes já devia ter aparecido há muito tempo. Renovou a imagem da cidade, impulsionou e concretizou muitas obras, globalmente penso que realizou um excelente trabalho. Claro que se fizermos uma análise particular, há obras com as quais não concordo, por exemplo o novo rosto (piso ou lá que é) da Avenida do Sabor/Avenida Cidade de Zamora. Só muitíssimo por alto conheço — se assim posso dizer — a Bragança dos últimos 20 ou mesmo mais anos.

OP – Foi uma obra bastante polémica, essa, da Avenida do Sabor/Avenida Cidade de Zamora, tal como o projecto de remodelação da Avenida João da Cruz.

HPF – Penso que, legitimamente, não podemos apagar a História, a menos que seja caso — que de forma nenhuma é (caso) — de vida ou de morte. No entanto ... Mas gosto da Praça da Sé, da zona do Fervença, do Conservatório ...

OP – E do Centro de Arte Contemporânea?

HPF – Não o conheço. Há dois anos que não vou a Bragança. Mas sei onde é, eu vivi na Rua Nova, junto ao Banco de Portugal, edifício onde foi contruído o Centro de Arte Contemporânea Graça Morais.

OP – Voltando ao principal motivo desta entrevista, que balanço faz de 30 anos de Presença?

HPF – Penso que é um balanço que deve/tem de ser feito pelos outros: mal vai ao pai que diz mal dos filhos e, segundo o Poeta, o louvor é vitupério quando saído ... Devo dizer, no entanto, que o Presença contribuiu, julgo, para aumentar o interesse dos alunos pela escrita, que mostrou a dinâmica da Escola, que ajudou a contar a história da cidade ...

OP – Ainda aluno da Faculdade,

o Híronidino participou num curso de férias em Santander...

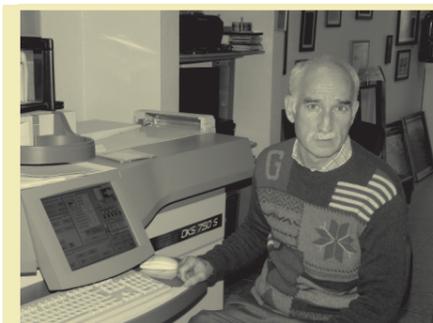
HPF – Foi o prémio pela assiduidade, pela participação, por um bocadinho mais de Espanhol que aprendi frequentando durante dois anos um Curso Livre (de Espanhol), na Faculdade. Com que saudade recorro esse mês passado em Santander, a cidade em si, os colegas, os Mestres! Talvez mais que tudo e todos, os Mestres — sobretudo se comparados com os que ia deixar de vez, de alguns dos quais cheguei, por vezes, a ter medo! Sim senhor, a ter medo! E não fui só eu!..., creio.

OP – Essa foi uma lição que colocou em prática cá? Num dos números do Presença surge o seu nome numa tabela classificativa de um torneio de ping-pong, e é o único professor que parece ter participado.

HPF – Ah sim?! Lembrava-me lá de semelhante coisa!... Devo ter ficado muito mal classificado. Eu jogava pouco, mas gostava de conviver com os alunos e acompanhá-los em todas as suas actividades.

OP – Como vê a educação hoje?

HPF – Presentemente, quase que apenas vejo o passado.



Armando Aníbal Pereira

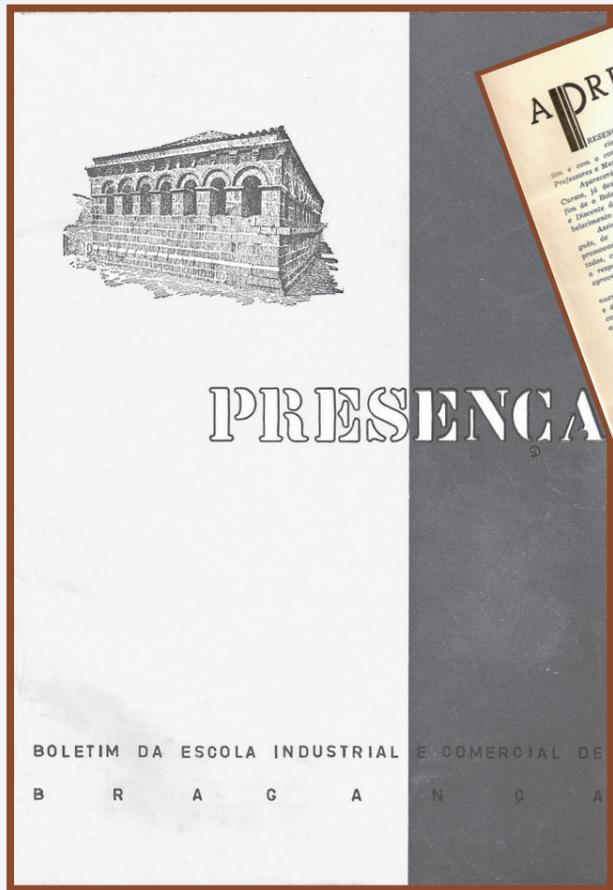
O Outra Presença contactou Armando Aníbal Pereira, que hoje tem um estúdio de fotografia, Foto Harper, no Loreto, onde alimenta como actividade secundária esse gosto que adquiriu há mais de 30 anos no Clube de Fotografia e Cinema, desta escola, orientado por Híronidino da Paixão Fernandes. Quisemos recolher o seu testemunho, recuperar mais alguns momentos desta história que queremos reconstruir.

“O Dr Híronidino gostava muito de fotografia, não descansava enquanto não sabia as coisas. Perguntava a profissionais, falava muito com o Sr Ricardo, na Praça da Sé, aconselhava-se com eles e trabalhava muito connosco. O Clube de fotografia e cinema funcionava aos sábados e estava muito bem equipado. Tínhamos um ampliador e um marginalizador de elevada qualidade, que na altura foram caríssimos. Também tínhamos uns tanques enormes, que não usávamos porque ficava muito caro enchê-los de ácido.

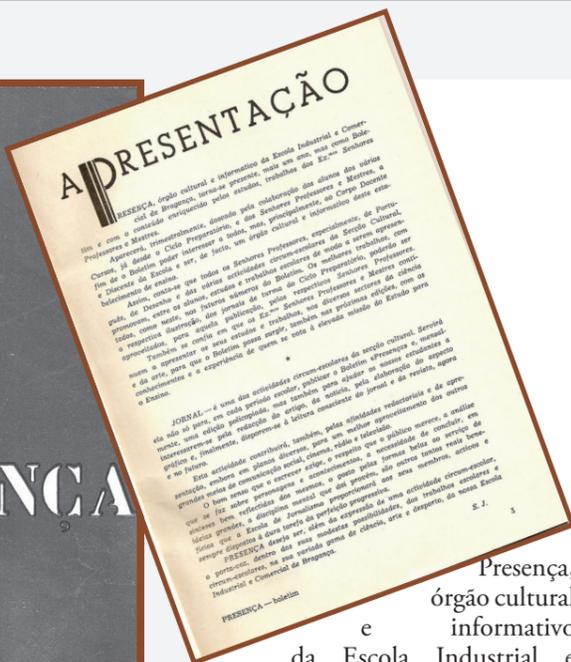
“Foi lá que nasceu o meu gosto pela fotografia. Às vezes ia para lá mesmo fora das horas do clube. O Dr Híronidino confiava em mim e deixava-me estar lá.”

“O trabalho mais representativo que fizemos foram as ilustrações do livro «Verde Pino», editado pelo Dr Híronidino”

## História



Nº 1 - Dezembro, 1967



Presença, órgão cultural e informativo da Escola Industrial e Comercial de Bragança, torna-se presente, mais um ano, mas como Boletim e com o conteúdo enriquecido pelos estudos, trabalhos dos Ex.<sup>mos</sup> Senhores Professores e Mestres.

A parecerá, tristemente, doseado pela colaboração dos alunos dos vários Cursos, já desde o Ciclo Preparatório, e dos Senhores Professores e Mestres, a fim de o Boletim poder interessar a todos, mas, principalmente, ao Corpo Docente e Discente da Escola e ser, de facto, um órgão cultural e informativo deste estabelecimento de ensino.

Assim, conta-se que todos

os Senhores professores, especialmente, de Português, de Desenho e das várias actividades circun-escolares da Secção Cultural, promovam, entre alunos, estudos e trabalhos escolares de modo a serem apresentados, como este, nos futuros números do Boletim.

Os melhores trabalhos, com a respectiva ilustração, dos jornais de turma do Ciclo Preparatório, poderão ser aproveitados, para aquela publicação, pelos respectivos Senhores Professores.

Também se confia em que os Ex.<sup>mos</sup> Senhores Professores e Mestres continuem a apresentar os seus estudos e trabalhos, nos diversos sectores da ciência e da arte, para que o Boletim possa surgir, também nas próximas edições, como os conhecimentos e a experiência de quem se vota à elevada missão do Estudo para o Ensino.

JORNAL – é uma das actividades circun-escolares da secção cultural. Servirá ela não só para, em cada período escolar, publicar o Boletim «Presenças» e, mensalmente, uma edição policopiada, mas também para ajudar os nossos estudantes a interessarem-se pela redacção do artigo, da notícia, pela colaboração do aspecto gráfico e, finalmente, disporem-se à leitura consciente do jornal e da revista, agora e no futuro.

Esta actividade contribuirá, também, pelas afinidades redactoriais e de apresentação, embora em planos diversos, para um melhor aproveitamento dos outros grandes meios de comunicação social, cinema, rádio e televisão.

O bom senso que o escrever exige, o respeito que o público merece, a análise que se faz sobre personagens e acontecimentos, a necessidade de concluir, em sínteses bem reflectidas dos mesmos, o gosto pelas formas belas ao serviço de ideias grandes, a disciplina mental que daí provém, são outros tantos reais benefícios que a Escola de Jornalismo proporcionará aos seus membros, activos e sempre dispostos à dura tarefa de perfeição progressiva.

PRESENCÇA deseja ser, além da expressão de uma actividade circun-escolar, o porta-voz, dentro das suas modestas possibilidades, dos trabalhos escolares e circun-escolares, na sua variada gama de ciência, arte e desporto, da nossa Escola Industrial e Comercial de Bragança.

S.J.  
PRESENCÇA – boletim – nº1  
Dez – 1967.

## Presença - boletim

(Cont. da pág. IX) «Presença» evolui e afirma-se, agora como boletim da Escola Industrial e Comercial de Bragança. É a passagem para a 3ª Série, formato de 16,5 cm. Por 22 cm., de capa sóbria preenchida com a Domus Municipalis, ex-libris da cidade, disposta com elegância sobre as cores do estandarte bragançano, azul e amarelo.

A publicação é do Centro de Actividades Circun-escolares da Escola Industrial e Comercial de Bragança, de que é director o sr. Dr. Hirondino da Paixão Fernandes. A redacção do Boletim é dos alunos Albino Monteiro, Angelina Teiga, Adérito Nunes, Delfina Fernandes e, em geral, dos alunos que pertencem ao núcleo «Jornal», sob orientação do sr. Padre Francisco da Silva João.

Em «Apresentação» o orientador traça os novos rumos de «Presença»: «Presença» órgão cultural e informativo da Escola Industrial e Comercial de Bragança, torna-se presente, mais um ano, mas como Boletim e com o conteúdo enriquecido pelos estudos e trabalhos dos EX.<sup>mos</sup> Senhores Professores. Nasceu esta série de «Presença», quando era criado

o Centro de Actividades Circun-escolares com as várias secções, entre as quais a Secção Cultural com numerosos Núcleos.

Afirma-se, ainda, em «Apresentação» «Jornal é uma das actividades circun-escolares da secção cultural. Servirá ela não só para, em cada período escolar, publicar o Boletim «Presença»..., mas também para ajudar os nossos estudantes a interessarem-se pela redacção do artigo, da notícia, pela elaboração do aspecto gráfico e, finalmente disporem-se à leitura consciente do jornal e da revista, agora e no futuro».

«Presença» deseja ser, além da expressão de uma actividade circun-escolar, o porta-voz... dos trabalhos escolares e circun-escolares, na sua variada gama de ciência, arte e desporto, da nossa Escola Industrial e Comercial de Bragança».

FOI ASSIM QUE ACONTECEU, por dr. Hirondino Fernandes, inicia a secção de colaboração dos senhores professores.

(...) Também o professor, sr. Dr. Eduardo Augusto Carvalho, contribuiu com um artigo «Disciplina».

Depois de ouvir a «Palavra

de ordem» do sr. Professor doutor Galvão Teles, então ministro da Educação Nacional, e uma saudação do sr. Director da Escola aos alunos, seguem-se as diversas secções: Somos jovens, Presença Literário, Elas, Página do Ciclo, Passatempo, Pela nossa Escola, de Antigos Alunos da nossa Escola, Pela cidade.

É a juventude a falar dos seus problemas e a entrevistar, a poetar e a cantar; são os literatos com o «Centenário do Nascimento de António Nobre» e «Grandes Obras e Grandes Escritores»; são as moças com a Culinária e as modas; são os infantis com a sua graça; é a Escola com números estatísticos, com os seus acontecimentos; são antigos alunos com a sua saudação; é a cidade a interessar os nossos repórteres incansáveis. Com a estrutura do n.º 1, foi preparado o n.º 2, 3.ª Série, Março de 1968, que oferece aos seus leitores 66 páginas (mais quatro que o anterior) de boa literatura.

Continua «Foi assim que aconteceu», a dar uma nota de cultura superior, de leitura útil, pois é uma experiência de ensino muito bem vivida. (...) Vê-se que o boletim, por que é o trabalho de muitos

e de todas as turmas, que as equipas de «Jornal» manobram, interessa a todos. (...) Em Junho de 1968, vem o n.º 3 que como o seguinte ainda estão nas mentes de todos. Termina o estudo «Foi assim que aconteceu».

Dois grandes acontecimentos preenchem e com toda a justiça bastantes páginas de «Presença»: A visita a esta cidade do sr. Comissário Nacional da M.P., tenente-coronel Carlos Gomes Bessa, e a posse do novo Delegado Distrital da M.P. o sr. Director da nossa Escola. Discursos históricos, fotografias alusivas, linhas de rumo para a M.P., para as Actividades Circun-escolares dos Centros, reuniões de trabalho – tudo aí ficou consignado.

Mais se lê no sumário: «Evolução histórica», com a colaboração da sr.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> D. Maria Luísa Moreira Pires – no 5.º Centenário de Pedro Álvares Cabral, «As origens e Expansão da Língua Portuguesa no mundo, principalmente no nosso Ultramar»; a beleza de «Somos Jovens»; a oportunidade de «Dadas e Factos»; «Bragança vista pelo Ciclo Preparatório» com belíssimas linogravuras. Surge, finalmente, o n.º 4,

Dezembro de 1968 com o qual se completam os 10 anos de vida do «Presença».

Porque se inicia, com o ano lectivo 1968-1969, um novo ciclo da actividade circun-escolar «Jornal», faz-se um balanço do que foi aquele Núcleo e a sua maior expressão, «Presença», e promete-se continuar mais e melhor.

Além da Direcção de Centro e Orientação do Boletim, como nos antecedentes, neste Boletim figuram os nomes da seguinte equipa de Redacção e Ilustração: Fernando Reis, Vítor Barata, Orlando Rodrigues, Carlos Paixão.

(...)  
O «Ultramar é Terra Portuguesa», «Elas», «Mensagem de Saudade», «Presença Desportivo», «Presença Artístico», «Pinceladas de Etnografia», com diversas fotografias do nosso Clube de Fotografia, linogravuras e xilogravuras – perfazem mais um número e, com ele, 10 anos de vida interessante, ao serviço da Escola e do ensino no Distrito.

Sob a orientação de P.e Francisco da Silva João, trabalhou uma equipa numerosa.



Nº 1 - Dezembro, 1989

**1989-1991**

Em 1989, o impulso jornalístico volta a agitar o espírito da ESAB e, na impossibilidade de continuar o enorme projecto que a revista Presença constituía, surge o Outra Presença, a herança possível. A sua construção e execução é coordenada por três professores da área das Humanidades – Alice Bravo e Manuel Ferro (professores de Português) e Fernando Calado (professor de Filosofia), na data também jornalista no quinzenário “Voz do Nordeste”, em parceria com César Urbino, ambos professores do quadro da escola. O grafismo estava então a cargo de Manuel Antão. Saem três números, que comprovam a visita de Manuel da Fonseca à escola e mostram a dramatização que a propósito os alunos fizeram, o V encontro dos antigos alunos da Escola Industrial e Comercial de Bragança (que se continua a realizar anualmente, em Maio), a primeira internacionalização da escola no âmbito do programa Euroescola, a história da escola “De escola de desenho à escola Secundária da Sé”, aqui reproduzida parcialmente. Os textos de opinião revelam a preocupação dos alunos com a recém criada Prova Geral de Acesso, a sua opinião sobre os anos 80 e o emergente computador. Espaço de informação administrativa, estes números revelam que a escola tinha em 1990-91, 1385 alunos (o dobro da sua capacidade máxima), distribuídos pelo regime diurno e nocturno, 105 professores e 32 auxiliares de acção educativa.



Nº 2 - Março,

*Um novo jornal escolar que pela primeira vez descobre os leitores possíveis e sempre uma aventura que vale a pena viver.*

*Outra Presença é um novo projecto que a Escola Secundária da Sé se propõe a realizar no presente ano lectivo.*

*O título só por si é uma homenagem à escola, ao que se tem realizado, a outros professores e a outros alunos que nos antecederam. Outra Presença é a herança possível da revista Presença, que durante tantos anos se editou nesta escola.*

*Um outro objectivo que a Escola se propõe atingir com este Jornal é criar um espaço para a comunicação, onde seja facultado o confronto de ideias e projectos. Um espaço onde alunos e professores coabitam na comunidade escolar, possam dizer de si, do seu mundo, da realidade concreta e multidireccional em que se vive na Escola.*

*Quando a Comunidade escolar e o meio dão as mãos, se encontram, então o sucesso educacional e científico, ganha sentido, o universo da Escola torna-se mais vasto e o processo ensino-aprendizagem torna-se vivo, actuante e verdadeiramente proveitoso.*

*O Conselho Directivo  
(Editorial, ano I, nº1,  
Dezembro de 1989)*



Nº 3 - Junho, 1985

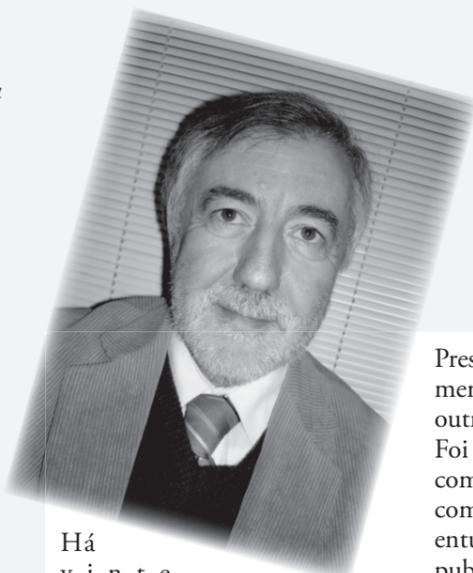


Nº 4 - Dezembro, 1985



Nº 5 - Junho, 1991

## Da Presença à Outra Presença



Fernando Calado

Há vinte anos a Escola era um lugar onde todos os sonhos eram possíveis e os recursos penosamente escassos. Estávamos no ano de 1989 e há três anos tinha-me efectivado como Professor de Filosofia na Escola Secundária Abade de Baçal. A dinâmica da Escola, o sentir das actividades extra-escolares, a vontade urgente de incentivar os alunos para o gosto de aprender a filosofar e pela emoção da escrita, levou o Conselho Directivo da Escola e alguns Professores a quererem mais Escola para além da Escola. Assim, nos intervalos falava-se com natural saudosismos na antiga Escola Industrial e Comercial, no seu Teatro, nas suas Artes e Ofícios e no Dr. Hironidino Fernandes fundador do Boletim “Presença” que se impôs à cidade e ao País como um património escolar no âmbito da Cultura. E a inquietação surgia pelo facto de em 1959 a Escola se ter projectado no meio com a publicação do seu Boletim “Presença” e passados 30 anos a

Presença ser tão-somente uma memória de outros tempos e outras vontades. Foi assim que em conversa com o Conselho Directivo, comentávamos, com recatado entusiasmo que era necessário publicar na Escola, um Jornal, uma Revista, enfim, uma Outra Presença. Outra Presença soou bem, era isso mesmo, o Jornal da Escola tinha acabado de nascer no momento preciso em que se pensou em uma “Outra Presença”. Da ideia nasceu a obra e os Professores, Manuel Ferro, Alice Bravo, Mário Antão, e eu próprio, coordenámos o Jornal “Outra Presença” que era publicado com a periodicidade possível mas com o entusiasmo de quem sabe que os alunos se reviam no nobre mister do Jornalismo que timidamente se começava a informatizar. Sem querer, nem nunca ter pensado e pouco ter feito para tal, fiquei ligado para sempre a um dos projectos mais importantes que hoje existe da comunidade escolar da Cidade de Bragança e mesmo do País e é um orgulho escrever para este Jornal. Sem dúvida é necessário estar no lugar certo na hora certa. O Jornal da Escola Secundária Abade de Baçal passou a ser Coordenado em 1993, com a maior competência e dedicação

pela actual Coordenadora, Dr.ª Luísa Fernandes Diz Lopes, coadjuvada pelas Professoras Esmeralda Pires e Paula Romão e mais tarde por outros, motivados pela mesma vontade de dar continuidade a um projecto e a um sonho. Assim, a Outra Presença cresceu, ganhou prémios a nível Nacional, entre outros, na 13ª edição do Concurso de Jornais Escolares e no Concurso promovido pelo Jornal Público. A Outra Presença projectou-se para além da Escola Secundária Abade de Baçal. Os alunos cumpriram-se no amor pela escrita, na dimensão crítica da Filosofia e no gosto pela arte e pela Cultura. A “Presença” cumpriu-se, faz este ano 50 anos, a “Outra Presença” cumpriu-se, faz este ano 20 anos e a Escola cumpriu-se em diversas gerações que sonharam e continuam a sonhar com um mundo melhor, mais culto e democrático.

Testemunhos

# No princípio era a ideia



Se o hábito de nos mirarmos todos os dias ao espelho pode iludir-nos, relativamente à passagem do tem-

po, a ficha técnica de Outra Presença, como o algodão, não engana: estão quase a completar-se vinte anos desde o aparecimento do primeiro número. A história do nome do nosso jornal conta-se em menos linhas do que as que a sua Directora me concedeu para esse efeito: o então Presidente do Conselho Directivo, Dr. Vítor Bravo, solicitou a minha colaboração na revitalização do jornal académico que esta Escola publicara em tempos idos e que se intitulava Presença - não sei se motivados os seus criadores pela revista homóloga que, entre 1927 e

1940 foi a voz oficial do Segundo Modernismo. Sugeriu o digníssimo Presidente a designação de Presença, II série; contrapôs o colega Dr. Fernando Calado, também, na altura, vogal do Conselho Executivo, que se chamasse Nova Presença - talvez numa aproximação à Seara Nova, que tanto alimentara os espíritos contestatários à Ditadura - o que, não rompendo com a publicação extinta, também não supunha qualquer seguidismo. Apesar dos argumentos aludidos, pareceu-me que ninguém nos tinha passado procuração para darmos continuidade

de a qualquer projecto e o mundo em permanente transformação exigia de todos, constantemente, "outra presença". A expressão, coloquialmente banal, pareceu interessante para baptizarmos o nosso boletim, que nasceu, enfezadito, cresceu, mudou de penteado e de roupa, emancipou-se e saltou os muros da Escola, para correr Mundo no premeir de uma tecla. Outra Presença é hoje um jornal escolar de referência no panorama educativo português. Os prémios com que já foi galardoado afastam qualquer

suspeita de coruja cega. Na elegância do formato, na qualidade dos textos e das imagens, na pertinência dos temas, na pluralidade das opiniões, na diversidade dos colaboradores, o jornal da Escola Secundária/3 Abade de Baçal diz presente em cada número, regularmente, há vinte anos! Parabéns, "Outra Presença"! Parabéns, Luísa! Parabéns, Rui Garcia! Parabéns a todos os membros do Clube de Jornalismo.

*Manuel Joaquim Ferro*

Foi-me pedido que escrevesse alguma coisa sobre a minha participação no Outra Presença. Admito que me senti perdida e sem saber muito bem o que dizer! Finalmente decide recordar alguns momentos que me ligam a essa participação.

O Outra Presença já é presença habitual na nossa escola há muitos anos. Não me recordo se lá estava quando eu cheguei à escola, mas ficou-me a ideia que a sua publicação tinha sido interrompida devido a um problema com a publicidade. O que me ficou na memória foi que um grupo de

professores, entre os quais eu me contava, ressuscitou-o.

Retomámo-lo e editámo-lo de forma muito artesanal. Isto é, os textos eram dactilografados em computador e impressos. Depois, vinha a melhor e mais divertida parte do trabalho: recortar os artigos, com uma simples tesoura, e colá-los ou seja fazer uma montagem manual não só dos artigos mas também das ilustrações. Este processo repetia-se até estar tudo pronto. Depois, seguia para a reprografia onde era fotocopiado. Isto aconteceu no primeiro ano. Costumávamos dizer que fazia-

mos o jornal escolar com tesoura e cola! E toda esta elaboração decorria num ambiente descontraído e de bom humor!

Posteriormente, passámos a utilizar um programa informático de paginação. A partir daí, a qualidade visual do jornal melhorou significativamente, até porque passou a ser reproduzido numa tipografia.

Desta minha colaboração ficaram recordações de muitas horas



de trabalho, mas também divertimento

divertidas ao Outra Presença

Esmeralda Pires Gonçalves

## 1994-1995

Em Dezembro de 1993, depois de uma experiência, fotocopiada na escola em Junho do mesmo ano, o OP é agarrado por novas mãos e retoma o seu percurso. É jovem, é pequeno, (tem um formato A4), cor só na capa e é o vermelho, dando continuidade aos cinco números anteriores.

Se o primeiro número é quase

apenas uma compilação de texto narrativo e lírico, nos cinco seguintes o género jornalístico começa a marcar presença como a entrevista à então directora do Museu Abade de Baçal - Alcina Santos - e as notícias de dentro e de fora da escola (a feira das cantarinhas; visitas de estudo; crónicas - o natal a doar órgãos - ; sondagens e inquéritos;

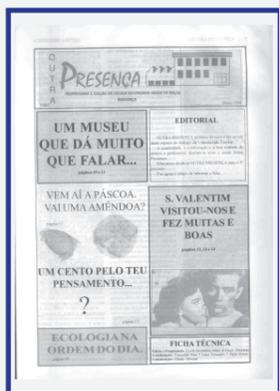
exposições de entrevistas; a criação da associação de pais tem destaque no número de Março de 1995, no qual entra também o cinema, o teatro, a feira da caça, a homenagem a Miguel Torga e a feira do fumeiro de Vinhais.

Em Junho do mesmo ano, o destaque foi para as visitas de estudo (León, Lisboa, Montouto) e para a ecologia.

No campo da imagem, a equipa contava com a preciosa ajuda de Mário Antão, professor de Educação Visual, que ilustrava alguns dos trabalhos, na linha daquele que crou para esta página, e de Manuel Gonçalves, dinamizador do Clube de Fotografia.

Desses momentos ficam os primeiros passos no

mundo da informático, com a preciosa ajuda do Sá Morais, o pânico de que o computador tivesse "uma branca" (e tinha tantas uma altura em que a opção gravar, não estava automatizada e o envolvimento no trabalho fazia com que fosse esquecida...)



No 8 - Março, 1994



No 9 - Junho, 1994



No 10 - Dezembro, 1994



No 11 - Março, 1995



No 12 - Junho, 1995

# Porquê um jornal na escola?

A missão da escola de hoje extravasa os limites dos programas e dos seus muros. Além do domínio de múltiplas competências plasmadas nos diferentes conteúdos programáticos das disciplinas que compõem o currículo, ela visa a criação de cidadãos activos conscientes da sua cidadania, responsabilidade e importância no mundo que os rodeia. Nem sempre é visível esta intenção nas políticas educativas, mas a escola faz-se com as pessoas que a integram. É a estas que cabe definir o perfil de cada estabelecimento de ensino.

Foi esta consciência que me levou há 16 anos a entrar de cabeça neste projecto. Era necessário que a escola tivesse um portavoiz, era essencial que os alunos vissem os seus escritos socializados, era importante que existisse um projecto que agitasse consciências.

Um jornal escolar é um elemento determinante na construção dessa escola democrática, dinâmica, pois é um espaço que contribui para a criação do espírito de cidadania desejado. O jovem de hoje deve ver-se à escala global, querer especializar-se

sem abandonar o conhecimento das outras áreas que contribuem para a sua formação integral. Numa era em que se estimula a interdisciplinaridade, o jornal é um espaço onde ela se exerce, fruto da interacção de alunos e professores que os torna corresponsáveis e cúmplices na sua construção.

Um jornal escolar permite potenciar competências diversas transversais a diferentes áreas do saber, abre a escola ao mundo e simultaneamente constrói o seu arquivo. É órgão de informação, espelho do dinamismo da escola, eco do meio e guardião de factos, tendências, reflexões, acontecimentos. Esta ligação do jornal escolar à realidade, ao tempo, à mudança, a diferentes perspectivas e ritmos faz dele um projecto a não perder, com forte impacto na comunidade em que se integra. Ao dinamismo que impulsiona a sua construção e evolução, alia-se a sua dimensão histórica – por ser órgão de informação, apesar da efemeridade inerente à sua condição, ajuda a construir a memória da escola que o alimenta. Através dele reconstitui-se o percurso de um

estabelecimento de ensino, revivem-se situações, recordam-se momentos e pessoas.

Que competências desenvolve um projecto deste género? Ler, escrever, ouvir e falar são grandes domínios permanentes e seguidas nos clubes de jornalismo. Simultaneamente, o aluno desenvolve outras capacidades, como a investigação e selecção de informação; a distinção entre essencial e acessório; a síntese, o aperfeiçoamento e reescrita de textos; a ordenação e textualização; a observação e análise; a argumentação; o tratamento estatístico de dados; a consulta de glossários, dicionários, jornais e revistas em suporte papel ou electrónico. Tudo isto contribui para o desenvolvimento de competências nestas áreas e enriquecem o seu conhecimento sobre os temas que estão a tratar.

Forte aliado da tecnologia, o jornal obriga a um desenvolvimento de competências no domínio da informática, área cada vez mais rica e mais exigente. O apuramento de técnicas de edição e paginação, selecção e tratamento de imagens, grafismo e composição vê-se enriquecido

com a entrada do jornal no universo digital, que exige uma adaptação significativa. Face às aprendizagens que potencia é determinante que na sua equipa os alunos tenham um papel verdadeiramente activo.

O espaço do clube é o de um laboratório de imprensa, no seu sentido mais abrangente: local de reflexão, discussão e decisão; definição de temas; pesquisa de informação; recolha, selecção e tratamento de texto, imagem e vídeo; paginação; recolha de depoimentos; construção de bandas desenhadas e cartoons; captação e produção de som e imagem.

Mas não se fica por aqui, integrado numa sociedade em permanente transformação social, política e económica, o jornal convida a uma reflexão sobre ela, sobre as polémicas que a agitam, os problemas que a incomodam, as políticas que a constroem, as tendências que a definem.

Espaço dinâmico, ele congrega diferentes tendências e espelha a identidade de um estabeleci-

mento de ensino.

Faço de todos participantes num projecto que, embora da responsabilidade de um grupo restrito, tem uma dimensão colectiva. Tem por isso também a vantagem de contribuir para que professores e alunos de diferentes áreas se mantenham próximos da escrita. Ele dá visibilidade às diferentes ocorrências que os diversos departamentos/áreas disciplinares incrementam na escola, transportando-as para fora dos muros da escola e colocando-as num arquivo onde a qualquer momento podem sair e ser recuperadas, como este especialmente importante, que agora vivemos.

Um jornal nasce dentro da escola e abraça-a, vive dentro e fora dela e esgotado o seu tempo nela e por ela permanece.

Lúcia Diz Lopes



Mário Antão, professor da escola e ilustrador dos primeiros números do Outra Presença

## Empiricamente amarrados, racionalmente libertos

Eis-me aqui, perante uma folha virgem, uma caneta como única companhia e uma preocupação desmesurada em, servindo-me apenas da minha modesta ignorância, tentar alertar-vos acerca da hedionda injustiça com a qual vitimais, consciente ou inconscientemente, sei lá, a vossa alma, escrava e prisioneira desse austero cárcere a que chamais corpo. Sois juizes e algozes sem vos coíbirdes disso! Exaltais uma ética absurda, camuflando os vossos deprimentes valores com uma hipocrisia ignóbil que chega a

Sandra Félix  
30 anos  
Psicologia

assustar-me! E, cientes de tudo, absolveis-vos das vossas culpas e preteris a única forma susceptível de vos extinguir o erro, ao declará-la utópica e inútil, obtusa e disparatada. Eu entendo os predicados, mas não os aceito, tal como não aceito a injustiça e o ilícito. Dizei, porque desconheceis a Filosofia e toda a sua

magnificência, ousais injuriá-la? Porque insistis em fortalecer as amarras que vos curvam ao empírico, ao invés de mergulhar na vossa verdadeira essência e estimular a intelectualidade em vós latente e que tão discriminatoriamente reprimis?

Filosofar é um viver deveras, é um renascer em nós próprios, é um conhecer-nos por dentro, é, enfim, o procurar inesgotavelmente um saber desinteressado, capaz de nos libertar de tudo o que nos oprime, de uns sentidos que nos sufocam, de um corpo que nos tortura. Refutar esta peregrina caminhada seria vedar-nos a vida e alentar uma morte precoce, suicida e infame. Subordinar-nos às paixões e aos estímulos sensoriais torna-nos inebriados e provoca-nos uma inércia desmesurada, danificando-nos o ser e condenando-nos a alma ao eterno suplício da sujeição corpórea. Vamos permiti-lo? Vamos sujeitar-nos e autodestruir-nos? Eu digo não a tudo isso! Protesto contra tudo o que comporte em si a ideia de submissão do ser,

da renúncia às capacidades que nos libertam da maldição a que está tão iniquamente condenada a alma, e nos purificam a Razão das efémeras percepções sensíveis.

Filosofar não é viver passivamente, não é existir apenas: é intervir, é impor-nos à hipocrisia, é gritar BASTA!!! Basta de falsidade! Que terminem as adulações odiosas, a ganância sequiosa, o individualismo que nos devora as entranhas e nos obstrui a racionalidade! Vá, desafiem os convencionalismos, questionem os dogmas, destruam os falsos valores, as convicções impostas! Filosofem! Libertem-se das amarras! Chega de conformismo, acabem com os preconceitos, deixem cair a máscara, executem o corpo e liberem a alma oprimida e angustiada! Destruam tudo e reconstruam o mundo de acordo com a Razão e os verdadeiros valores: dissertem, especulem, indaguem, critiquem, revoltem-se... Venham conhecer a Filosofia de perto, sem preâmbulos ou imposições;



dispam o disfarce e sintam-se homens verdadeiramente.

Deambular no pensamento é enveredar pela senda do conhecimento da verdade incondicional, é, enfim, procurar desinteressadamente o saber uno, o único capaz de dar as respostas que tão exaustivamente buscamos. Tornem-se exploradores e personifiquem a Filosofia; ponham-se a caminho, tragam um amigo... Eu espero-vos, nunca é tarde para exercitar a mente, quanto mais não seja para satisfazer a curiosidade.

Pensem nisso!

## Testemunhos



Coimbra, 1 de Maio de 2009

Li há pouco a última edição do *Outra Presença* que, tanto quanto me vai chegando ao conhecimento, tem conhecido profundas transformações que reflectem, afinal, os tempos em que vivemos. Além de uma nova imagem o *Outra Presença* renovou-se essencialmente no suporte e, através do seu *site* na Internet, obtém duas características revolucionárias para um jornal escolar: a globalidade e a instantaneidade. Agora, este jornal, que há já tantos anos é feito com o empenho e dedicação de uns poucos, chega a todo o mundo! Mas mais importante é também a novidade que a instantaneidade proporciona, com a actualização das notícias que chegam ao público (em particular à comunidade escolar) em intervalos de tempo muito menores, de dias ou até horas! O OP ganha assim uma dimensão verdadeiramente informativa – a sua actualidade torna os seus conteúdos relevantes para a comunidade – enquanto que, há alguns anos, víamos o OP essencialmente como um álbum de recordações e um arquivo do passado, já que em Janeiro nos chegavam às mãos as efemérides de Outubro ou Novembro.

Esta inovação contínua e a qualidade a que nos habituámos têm feito do OP uma referência no que toca a Jornais Escolares, de que os vários prémios obtidos a nível nacional são testemunho.

Há distância de já alguns anos – poucos se comparados com a existência do *Outra Presença*, nas suas diversas etapas – mas mais relevantes se o panorama for o da minha vida – aprecio todas essas transformações que confronto com a minha própria experiência, que, recorde, coincidiu de forma regular com os seis anos em que frequentei a Escola Secundária Abade de Baçal.

Se é verdadeira a pequena relevância informativa que aponto às edições de então, isso em nada menoriza a importância do OP e a qualidade do trabalho apresentado: a intervenção que através dele tinha a particularidade de trazer para a Escola o que se passava no mundo exterior, não sob a forma de notícia mas de dis-

cussão. O *Outra Presença* assumia-se como espaço democrático de confrontação de opiniões do mais diverso cariz: social, político, ideológico ou humorístico, espaço que desconhecía barreiras, fossem elas os muros da escola ou outros limites.

Este período e esta forma de intervenção ficaram deste então patentes na rubrica “Verso e Reverso” que então inaugurámos e que veio complementar a “Juiz de Linhas”, previamente existente.

Não sei dizer se estes espaços eram um reflexo da atmosfera da escola ou se, ao invés, era a atmosfera da escola que reflectia a intervenção que se fazia no OP. O que é certo é que a ESAB conheceu então tempos de agitação e de uma invulgar actividade – Manifestações de Estudantes, Eleições e Actividades da Associação de Estudantes, participações relevantes em concursos e eventos (Hemiciclo, Assembleia na Escola, Olimpíadas...), Teatro, Espectáculos Musicais, Semanas Temáticas. Dei-me ao trabalho (e incentivo vivamente que todos o façam) de participar e integrar a maioria destas acções, o que, posso hoje garantir, se traduziu numa experiência útil e enriquecedora, permitindo o desabrochar de competências que hoje utilizo no meu dia-a-dia e que fazem parte da pessoa e do profissional que sou.

Enquanto Designer é-me pedido que vá mais além da criatividade. É essa a aposta da equipa que integro, onde procuramos mesmo “irreverência”, “inconformismo”. O nosso trabalho visa a comunicação eficaz, o que, a meu ver, só se consegue com objectividade e frontalidade. Julgo que esta visão estava já reflectida nos textos que na altura escrevia para o *Outra Presença* e que, não raras vezes, se traduziram em acesas polémicas. Lembro-me, por exemplo, de um artigo em que reflecti o estado e a atitude do Parque Natural de Montesinho que na altura me suscitou preocupação (julgo que se hoje o voltar a visitar – não o faço há anos – me suscitará idêntico sentimento. Oxalá me enganar!). Ora este artigo, chegando ao conhecimento dos responsáveis por esta entidade, suscitou então controvérsia, desmentidos e incómodo, o que me parece por si só uma vitória para um jovem de 14 anos e para um jornal escolar! Limito-me agora a imaginar a repercussão que o mesmo texto poderia ter tido se assinado por um adulto e publicado num jornal “regular”. Quero acredi-

tar que a crítica se traduziria em melhorias na gestão e na conservação desse património comum. Pois a isto eu chamo de participação cívica, que é (ou deveria ser) o pilar principal da democracia.

Para aqueles que acreditam que democracia é isto de podermos votar de 4 em 4 anos e colocar outro poleiro, tenho a dizer que estão muito enganados e que a esse pensamento se deve o actual estado da nossa vida social – a crise, o desemprego, a corrupção, o descrédito da classe política. Provavelmente na escola que frequentaram não havia um jornal como o OP ou, se havia, não souberam dele tirar o devido proveito. A democracia funcionaria certamente muito melhor se a nossa participação fosse regular, constante, numa vigilância e denúncia permanente das situações irregulares com que nos deparamos (e são tantas e tão aberrantes!). Mas não. Para todos (e aqui me incluo) é mais fácil ficar quieto e calado em frente à televisão. Quando muito lá vociferamos um impropério para a esposa, para os colegas, ou outros, “que assim não está bem”, “que devia ser desta ou daquela maneira”, numa lógica tão portuguesa do “treinador de bancada”. Claro que o Sistema (Sempre o Sistema! Que costas largas tem o desgraçado do sistema que leva com tudo! Já assim era quando eu escrevia regularmente no OP!), está feito para que seja mesmo assim, e para que todos vivamos assim desta forma mais “confortável”, comodista. Na vida adulta é talvez mesmo a melhor opção, não vá o Senhor Doutor Engenheiro Patrão Cliente ficar incomodado com esta ou aquela observação que o visa. E ainda que desta observação pudesse vir uma significativa mais-valia para nós mas principalmente para o Senhor Doutor Engenheiro Patrão Cliente, acabamos mesmo por ficar caladinhos e seguir o caminho aparentemente mais fácil. Mais tarde (pouco depois...), acabamos por sofrer as consequências destas opções que se acumulam e que nos martelam a cabeça e a consciência.

Outro trabalho que me ficou na memória da passagem pelo *Outra Presença* versou sobre o “25 de Novembro”. Na altura, e por fazer parte da equipa que construía o jornal, tive acesso antecipado a um texto sobre o mesmo tema da autoria da colega Ana Soares (que, ao que julgo saber, está hoje muito bem posicionada para carreiras de sucesso na “política” e no direito.) Ao texto, numa redacção clara e eloquente, nada havia a apontar. Eu seria incapaz de fazer melhor. Mas o conteúdo do mesmo era, para mim, clara-

mente enganador. Reescrevi-o com ligeiras rectificações e com maior precisão factual. O resultado final foi contrastante e foi esse contraste que o *Outra Presença* se atreveu a publicar, deixando aos leitores a possibilidade de optar pelo texto que melhor reflectia a verdade histórica. Na altura, pareceu-me uma opção revolucionária. Hoje, constato que é disso que vive a generalidade da imprensa dita de referência. Se duvidam, experimentem ler a mesma notícia em dois periódicos. Esta análise crítica e a procura da verdade, que não existe em absoluto em nenhuma das partes, bem como um cepticismo crónico, foram outros dos ensinamentos que retirei da minha passagem pelo OP a par do desenvolvimento da escrita e do discurso.

O meu trabalho passa hoje também por aí. Julgo aliás que todas a profissões e cargos exigem uma eficaz comunicação de intenções, objectivos, processos, causas. É impossível alcançar o sucesso sem que os outros compreendam o nosso trabalho e para isso é preciso que o saibamos comunicar. Por isso esqueço-me frequentemente que estudei para ser designer e me submerjo noutras tarefas: memórias descritivas, projectos, propostas comerciais, especificações técnicas, apresentações a clientes, apresentações públicas, reuniões, criação de marcas, guiões cinematográficos, *benchmarking*, produção de conteúdos, e-mails, cartas, telefonemas e explicações diversas. Sempre omnipresente a incontornável comunicação verbal – oral e escrita – ainda que o meu trabalho seja visto à partida como predominantemente visual. Tenho

dificuldade em perceber como é possível sobreviver num mercado de trabalho altamente competitivo sem o domínio básico desta competência. A verdade é que me parece ser esta uma lacuna generalizada – detecto-a nos meus alunos, em curricula que me chegam regularmente ao e-mail, ou mesmo em colegas. Há muitas pessoas que são incapazes de articular correctamente quatro palavras seguidas, de explicar uma ideia, por genial que ela seja. O fenómeno está bem identificado e até tem um nome: iliteracia. O *Outra Presença*, e os jornais escolares em abstracto são parte

José Luís Gonçalves  
24 anos  
Designer Multimedia

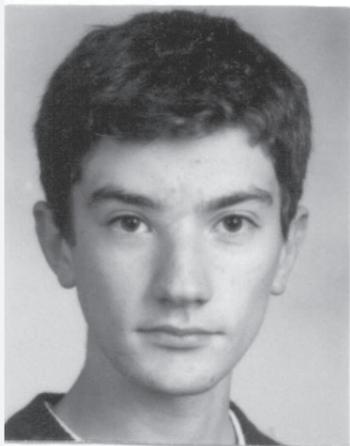
da solução para o problema, pelo poder que podem ter na motivação dos alunos para a escrita mas também para a leitura.

Coincidência ou não, julgo que a capacidade de comunicação dos colegas que comigo participaram no *Outra Presença*, se traduziu em resultados e em carreiras emergentes e promissoras, como é o caso da já citada Ana Soares, do Mário Sá, hoje assessor no Parlamento Europeu, do Tozé Rodrigues, hoje jornalista, do Pedro Morgado, médico que escreve regularmente no afamado blog “Avenida Central”, entre muitos outros [gostava de acrescentar muitos mais nomes, mas o espaço e a memória impedem-me...], cujo rastro perdi há já algum tempo, mas cuja passagem pelo OP ficou definitivamente registada.



Cartoon da autoria de Rui Garcia, publicado no OP, em Março de 2003

# Dois Dedos de Europa



Mário Sá

Recentemente, uma vaga de greves "selvagens" varreu a indústria petrolífera no Reino Unido. Correu a notícia de que a Total, multinacional sediada em França, se preparava para empregar centenas de estrangeiros na refinaria de Lindsey, Lincolnshire. Inflammados pela novidade, rapidamente disseminada por SMS, operários britânicos saíram às ruas em protesto, por todo o país, sem dar cavaco a sindicatos. Os estrangeiros em causa são, sobretudo, portugueses e italianos.

Uma trama rica em palcos e protagonistas típicos da História que vivemos, sempre com a globalização na ponta da língua. Uma trama de que podemos servir-nos, ilustrando uma dimensão concreta do processo de integração europeia.

O estádio de integração a que chegámos na Europa é comumente descrito como o fruto de uma estratégia gradualista e sectorial que engendrou uma dinâmica própria (visão encapsulada pela corrente Dteórica neo-funcionalista, elevada oficiosamente a mito fundador do projecto europeu), a lembrar:

No princípio era o carvão... e o aço... e o carvão e o aço estavam com Jean Monnet.

Pouco depois foram assinados os Tratados de Roma, fiat Uniao Aduaneira, a caminho do Mercado Interno, para que o livre movimento de bens, pessoas, serviços e capitais crescesse e se multiplicasse.

Isto ao quinquagésimo sétimo ano (do século passado), quando os pais fundadores da União se permitiram algum descanso, e viram que isto era bom, após algumas experiências de integração malogradas (que tombaram vítimas da própria ousadia política e federalizante).

Qual a relação desta génese com os emigrantes portugueses no Reino Unido de Gordon Brown, que prometeu British jobs for British workers em 2007, e a quem os operários britânicos quiseram agora cobrar a promessa?

Acabámos de recordar que, há meio século atrás, a génese das comunidades europeias se viu praticamente circunscrita ao âmbito económico, com quatro liberdades fundamentais, necessárias à consecução do Mercado Interno (livre movimento de bens, pessoas, serviços e capitais).

A abertura dos mercados levantou, necessariamente, dúvidas no respeitante à coesão entre Estados-Membros com níveis díspares de desenvolvimento económico-social. As respostas começaram por passar pelo reforço das competências comunitárias em matéria de política social operado pelo Acto Único Europeu (1986) e pela adopção, pelo Conselho Europeu em Estrasburgo, da Carta Social (1989), em que os Estados-Membros se comprometiam a acautelar uma série de direitos e condições laborais aos trabalhadores, entre as quais se contam um mínimo de protecção social, férias anuais e descanso semanal, ou a participação em sindicatos.

Embora não venha ao nosso caso, é de interesse assinalar que o Reino Unido, quintessência do modelo liberal anglo-saxónico, se eximiu da declaração, bem como do Acordo Social anexo ao Tratado de Maastricht, que conferiu valor jurídico aos direitos nela compreendidos. Esta "isenção" britânica veio a terminar em 1997, quando o Tratado de Amesterdão plasmou o Acordo no corpo do Tratado CE.

Qual o pomo da discórdia entre trabalhadores britânicos e a petrolífera que ofereceu trabalho aos portugueses? Uma norma comunitária, a Directiva 96/71/CE, relativa ao destacamento de trabalhadores no âmbito de uma prestação de serviços. A Directiva, adoptada em 1996, consagra o princípio do "país de destino" para efeitos das condições de trabalho aplicáveis aos trabalhadores destacados por uma empresa para outro Estado-Membro.

Este princípio visa evitar estratégias de "dumping social", impedindo as empresas de usar trabalhadores providos de um Estado-Membro cuja legislação laboral ofereça condições menos vantajosas no território de um Estado-Membro que contemple prestações laborais mais proveitosas aos trabalhadores, aplicando o direito laboral do primeiro.

O problema da Directiva, neste caso, prende-se com o sistema de negociação colectiva em uso no Reino Unido e nos países nórdicos onde, ao contrário da tradição continental europeia, os acordos colectivos de trabalho não gozam de força de lei, permitindo às em-

presas remunerar os seus trabalhadores destacados com o salário mínimo nacional (ainda que do país de destino), ignorando, em plena legalidade, as melhores condições negociadas pelos parceiros sociais para os trabalhadores autóctones, para além do salário mínimo.

Além disso, desde Dezembro de 2007, uma série de decisões do Tribunal de Justiça das Comunidades Europeias (Laval, Ruffert e Luxembourg) criou jurisprudência que não só considera exaustiva a lista de condições mínimas, previstas na Directiva, a aplicar aos trabalhadores destacados (privando os Estados-Membros e respectivos parceiros sociais de negociar melhores condições, para além das expressamente previstas para os destacados), como também interpreta o princípio da aplicação das condições de trabalho mais favoráveis por referência ao país de origem. Em consequência, o Tribunal deu razão a empresas que praticam salários mínimos inferiores aos estipulados nos países onde operam, e criou um precedente jurídico a aplicar doravante.

Da análise da evolução dos Tratados e das forcas que os moldaram, facilmente chegamos à mesma conclusão que Katz e Tarr, em *Federalism and Rights*: "a protecção dos direitos sociais pela Comunidade emergiu como um subproduto do estabelecimento do mercado interno" (p. 156) a propósito da necessidade de não minar os

padrões de protecção laboral vigentes nos Estados-Membros, sob pena de o projecto do mercado interno se tornar inaceitável.

Se estabelecermos um paralelo entre o direito interno de um Estado e o ordenamento jurídico comunitário, podemos encarar os Tratados comunitários como o Direito constitucional das Comunidades. Tal como as constituições nacionais, as prescrições e princípios fundamentais aí contidos carecem de legislação que os concretize e implemente.

Na esfera comunitária, como a nível nacional, acontece também que liberdades fundamentais esbarram e conflituam com direitos económico-sociais. A forma como se conciliam e contrabalançam pode resultar de soluções jurisdicionais, quando os tribunais interpretam e aplicam o Direito, ou de soluções políticas, quando o legislador entende mudar as leis em si mesmas (e, por vezes, as normas constitucionais), balizando a acção dos tribunais em função das prioridades consubstanciadas nas normas que criou e/ou alterou.

Ao Tribunal de Justiça das Comunidades Europeias cabe a aplicação do direito comunitário. Podemos sustentar que, ao subordinar às quatro liberdades fundamentais do mercado comum os direitos sociais, está a cumprir o seu papel (e a Carta dos Direitos Fundamentais aguarda a entrada em vigor do Tratado de Lisboa

para ver reconhecido o seu valor jurídico).

Mas é igualmente legítimo que questionemos se a classe política (ou, em rigor, quem, de entre ela, goza do direito de iniciativa legislativa a nível comunitário) está a cumprir o seu. Após os acordos do TEJ, a Comissão Europeia escusou-se a equacionar a revisão da Directiva, defendendo que, à luz das novas interpretações, se mantém adequada.

As greves no Reino Unido, habilmente exploradas pelo oportunismo da extrema-direita britânica, levaram a Comissão a anunciar que vai estudar o assunto "perante um mundo em mudança", sem deixar de sacudir alguma água do capote, apontando o dedo à transposição da directiva por parte dos Estados-Membros.

Agora que atravessamos a pior borrasca económica desde a Grande Depressão, será prudente não esquecer que o Tratado Constitucional não sobreviveu ao pé de vento que agitou a Directiva Bolkestein (sobre a liberalização da prestação de serviços), quando na sua aprovação se jogou o princípio do país de origem.



Cartoon da autoria de Rui Garcia, publicado no Outra Presença, em Março de 2003

## Testemunhos

## A “Outra” das nossas vidas

Há 50 anos, televisão só a preto e branco, Salazar ainda não tinha caído da cadeira e o Benfica ganhava campeonatos. Há 50 anos um Mini saía da linha de montagem pela primeira vez. Há 50 anos a memória era difusa, mas já havia uma Presença forte a zelar por todos nós... Há vinte anos havia só dois canais na televisão, o Festival da Canção dominava a discussão na Praça da Sé ao longo da semana e a Alemanha estava dividida em duas. Os números de telefone (sim, telefone) só tinham cinco algarismos e o comboio ainda apitava pela linha de Bragança. Há vinte anos a gripe ainda era uma simples constipação, nada que um leite quente com mel e limão não curasse. Há vinte anos os Xutos e Pontapés demoravam mais de dez horas a chegar a Bragança e a Europa era a CEE.

Foi por essa altura que (re)nasceu a OP, que não era um programa de televisão. A Presença reforçou-se, ganhou Outra auréola. Há 20 anos o jornalismo não era uma profissão, com horários de entrada e saída, sistema industrial de produção de conteúdos. Pela madrugada dentro, era uma causa, uma missão ao alcance de uns poucos eleitos. Foi esse lado romântico que sempre me apaixonou. Mais do que assistir ao Mundo a acontecer à frente dos olhos, embaciados pelo ecrã da televisão, é a emoção de tomar o pulso à realidade e cheirar a vida que nos envolve num abraço inesquecível. Em pleno sétimo ano, mais do que ensinar a escrever uma notícia – nessa altura não passam de “composições” –, um jornal de escola permite um primeiro mergulho nesta realidade. Falar

com pessoas, fazer perguntas, abrir os olhos para o que nos envolve... Hoje a internet já nasce na ponta dos dedos, a vida sem telemóvel, iPod ou PSP não seria possível [ndr.: sinal da evolução dos tempos, à memória dos mais novos não vem um senhor de farda azul mas um ecrãzinho negro onde se passam os tempos mortos das aulas mais chatas. Essa é a PSP de hoje em dia, ou melhor, a Play Station Portable]. Hoje, temos uma presença que se impôs na vida de todos quantos passaram por estas linhas. Hoje temos uma Outra Presença... Dezasseis anos depois do início de um ciclo pessoal por estas colunas da Abade de Baçal, guardo ainda, com um misto de saudosismo e orgulho (inc) confessado, o último exemplar “vivo” onde consta o meu

nome. Não raras vezes dou por mim a recordar aqueles textos, a folhear aquelas páginas que foram de despedida de um ciclo de seis anos. Hoje, dou por mim do lado de lá do ecrã da televisão, ao lado das câmaras, dos flashes, embrenhado na crueza dos “factos”, do outro lado do microfone. Hoje sei ao que cheira uma redacção, o que custa escrever com limites... de espaço, de tempo, de vontade... Mas hoje o orgulho é grande e indisfarçável à medida que os prémios do Público se avolumam. O sorriso triunfante é inevitável. Afinal, esta é a Outra Presença que ainda me acompanha nas vivências, no gosto pelo



jornalismo que comecei a moldar nestas páginas, que agora se estendem à internet, aos jornais do futuro. Hoje, o Outra Presença está de parabéns. Sem rugas, sem ca-

**Tozé Rodrigues**  
28 anos  
Jornalista

belos brancos, sem botox nem silicone. Mas de cara lavada e sempre no coração de todos os que por aqui passaram. Obrigado a todos!

De épocas diferentes, mas o mesmo gosto pelo jornalismo, que os levou a abraçar esta área como profissão

**“Os cínicos não servem para este ofício”,  
Ryszard Kapuscinski**

Aqui, de onde vos escrevo, há muito para contar. Mas, ao mesmo tempo, há o medo de que as palavras não sejam as certas nem suficientes. Não pensei que, depois do muito que tenho escrito e do muito que este ofício de (quase) jornalista me tem obrigado a contar, me fosse tão difícil falar-vos. Deixem-me começar por um “era uma vez...” uma menina da Escola Secundária Abade de Baçal. Um dia, não se lembra muito bem como nem porquê, teve pela primeira vez o seu nome nas páginas do *Outra Presença*. E foi bom. Desde então aven-

**Cristiana Afonso**  
20 anos  
Jornalismo

turou-se como contadora de histórias e descobridora do mundo. Hoje, três intensos anos depois, alcançou parte do sonho e da vontade, e escreve, entrevista, fala e conhece o espaço e o tempo num olhar de (quase) jornalista. E é bom.

Poder-vos-ia contar muito, dizer-vos como foi entusiasmante entrevistar o Daniel Serrão ou o António Arnault, como foi “medonho” estar com o Valentim Loureiro, como foi encantador conversar sobre o primeiro livro infantil do Richard Zimler, ou como foi delicioso descobrir os engraxadores de sapatos da cidade do Porto. Poder-vos-ia fazer rir com as pessoas que fogem do microfone ou com aquelas que se apoderam dele para dizer tudo o que as revolta. Mas é demasiado e, agora, importa muito mais outra história. A do jornal que me fez apaixonar por tudo isto, a do jornal onde dei os meus primeiros passos, onde cresci e aprendi, onde me deixei invadir pela certeza, incontornável, de um “quero ser jornalista!”.

E lembro-me da peça que fiz sobre o arquivo distrital ou outra sobre a exposição do Nadir Afonso; e lembro-me da biblioteca nas reuniões do Clube de Jornalismo e da minha primeira “chefa de redacção”, a professora Luísa. Agora, que respiro jornalismo na redacção da TSE, tenho cada vez mais a certeza que nada teria sido assim sem o

*Outra Presença*. E, por isso, para o jornal que guarda as primeiras razões da minha escolha há um eterno obrigada e reconhecimento. Porque foi com ele e nele que construí a minha “vocação”, aquilo que Juan Luis Cebrián, jornalista espanhol, disse “parecer-se a uma dor de estômago, a uma certa tontura ou a um orgasmo. São, portanto, ganas.” Sim, tenho ganas, tenho um friozinho na barriga cada vez que gravo uma entrevista, cada vez que me ponho no lugar do outro para contar a sua história. Dou por mim ávida de saber, de curiosidade, de descobrir, de falar. Dou por mim a querer que este ofício “tome a minha vida.” E tudo, porque um dia, que para mim ainda se prolonga, entrei na porta lateral da escola, subi as escadas até aos laboratórios, me sentei na mesa do fundo do bar, ensaiei teatro à sexta à noite no “palco” de madeira do ginásio e li no sofá da biblioteca. Foi a minha Presença, registada em cada folha de jornal, e deixem-me ser egoísta...Meu.

Faltam pouco mais de dois meses de estágio para ser (mesmo) jornalista, e tenho tanto amor ao facto de ir sê-

lo. Um dia escrevi, e m a n t e n h o, que sou subjectiva, porque sou eu, p r o c u r o n ã o a

o b - jectividade plena, mas a honestidade comigo e com os outros. Porque ser jornalista não é o sonho da verdade absoluta, é o sonho das histórias que fazem o mundo e as pessoas, com tudo o que elas têm, até o falso, desde que não anunciado como verdadeiro.

Ser jornalista, acrescento agora, é observar e absorver o mundo e depois descrevê-lo aos outros, com rigor, mas com encanto e criatividade. É não perder o olhar que alcança a novidade, é encontrar e revelar os pormenores. E, ser jornalista, exige ainda um respeito profundo pelos outros, porque não somos donos das suas vidas, nem temos o direito de, por uma suposta verdade, atirá-los para um julga-



mento injusto e m praça pública. Tal como Ryszard Kapuscinski, “creio que para fazer bom jornalismo devemos ser, antes de mais, homens bons ou mulheres boas: seres humanos bons. Pessoas más não podem ser bons jornalistas.” Daqui, de onde vos escrevo, continuo a sentir-me tão pertinho de vós! E sou feliz porque posso celebrar o *Outra Presença* convosco, porque pude contar-vos o quão fantástico tem sido tornar-me jornalista, a partir daí, desse Outra Presença capaz de alimentar, construir e realizar sonhos.

## 50º Aniversário do Jornal da ES Abade de Baçal



sociedade tecnológica em que nos inserimos, através da edição on-line.

A promoção do conhecimento e da formação de qualidade estão intrinsecamente aliados aos recursos humanos e às infra-estruturas e equipamentos físicos e materiais, aspectos que a Escola, nunca dispôs em abundância.

Para que, no futuro, a Escola e "Outra Presença" possam continuar a formar cidadãos e a contribuir social e tecnologicamente para a comunidade, para a região e para o país, o Estado vai realizar investimentos de vulto, de ordem infra-estrutural, bem como no âmbito do plano tecnológico da educação, visando a modernização e a criação de condições de excelência para a consecução das finalidades da escolaridade básica e secundária.

Estas condições permitirão a continuidade dos sucessos educativos alcançados ao longo das últimas décadas e, por outro, no que concerne ao Programa Novas Oportuni-

dades desenvolver uma acção perene e sólida na promoção da igualdade de oportunidades, da democratização da formação e no acesso qualificado ao mundo do trabalho, desiderato preconizado pelo XVII Governo Constitucional.

Desejo a toda a comunidade educativa da Escola Secundária Abade de Baçal os melhores sucessos, ciente de que continuará a desenvolver estratégias de acção adequadas e assertivas em prol da educação e da formação.

Felicito pelo 50º aniversário de "Outra Presença" e pela pertinência cultural e científica do programa comemorativo.

Bragança, 13 de Maio de 2009

O Governador Civil

Jorge Manuel Nogueiro Gomes



Comemorar meio século de edição do jornal escolar é um feito notável, fazê-lo com o dinamismo e a envolvimento de toda a sua comunidade educativa, representa, seguramente, enorme orgulho para a Escola Secundária Abade de Baçal e para a Cidade de Bragança.

O jornal "Outra Presença", assim rebaptizado em Dezembro de 1989, deve a sua origem ao nosso Ilustre Conterrâneo Dr. Hirondino da Paixão Fernandes, que em Maio de 1959, se rodeou de um conjunto de jovens alunos, para dar à estampa o número um do jornal "Presença", tendo, certamente presente, que a escrita é o mais importante meio para libertar a consciência humana e transformar o mundo, criando, desde a escola, o gosto pela difusão das ideias e pela liberdade individual.

Cinquenta anos volvidos, es-

tes ideais continuam presentes nas mentes de alunos e professores da Escola Secundária Abade de Baçal, facilmente perceptível àqueles que, trimestralmente, têm a oportunidade de contactar com o jornal, quer em suporte papel, quer, desde 2006, na sua premiada versão on-line.

Na qualidade de Presidente da Câmara Municipal de Bragança, quero aproveitar a oportunidade para endereçar os parabéns, a todos os alunos e professores, que têm a responsabilidade de dinamizar o Clube de Jornalismo da escola, mas também, torná-los extensivos aos órgãos directivos da escola, aos funcionários, pais e encarregados de educação, pelas Bodas de Ouro do jornal "Outra Presença", não esquecendo de forma muito particular o seu fundador, académico que continua a dedicar a sua vida à escrita.

Que o ânimo dos professores e alunos, continue esta importante tarefa associada ao jornalismo e à informação, tendo presente que a escrita contribui, de forma fundamental, para estruturar o pensamento do homem, no sentido da cidadania, da identidade, da liberdade e da solidariedade da comunidade humana.

O Presidente da Câmara Municipal de Bragança

António Jorge Nunes



Corpo docente e não docente da ES Abade de Baçal

Testemunhos

# Venham mais 50



Esta é a madrugada que eu esperava / o dia inicial inteiro e limpo / onde emergimos da noite e do silêncio / e livre habitamos a substância do tempo.

Sophia M. B. Andresen

É um acaso tão feliz quanto simbólico que os 35 anos com que a Revolução de Abril atingiu a plenitude coincidam com o meio século de vida do Jornal da Escola Abade de Baçal.

Os primeiros jovens que, em 1959, contribuíram para o nascimento da publicação PRESENÇA, eram já adultos quando em Abril de 74 puderam viver as emoções de um dia único e por isso eterno.

Ocorreu-me esta ideia, quando, há dias, folheava um exemplar do primeiro número do PRESENÇA. E ao olhar para as páginas amareladas, pensei que também cada um daqueles textos estava ali de forma irrepitível, como marcas de uma época e de um espaço que fez crescer muita gente e que contribuiu, de alguma maneira, para a existência do tempo que hoje vivemos.

Os títulos dos textos desse primeiro número – notícias, relatos, poemas, pequenos comentários – quase

farão sorrir de espanto ou de incredulidade quem desconheça ou tenha esquecido que o tempo é como um filme cuja história pensamos conhecer. E quem não revê esse filme por considerar que já a conhece, não será capaz de se prender a outros sinais para além dessa mesma história. E a verdade é que o (OUTRA) PRESENÇA tem uma história feita de muitas histórias, de diferentes tempos com muitos autores e personagens.

Exposição de Berços e Enxovais organizada pela delegação da Mocidade Portuguesa é um título que merece destaque e direito a fotografia, a par com um poema sobre a Imaculada Conceição. A Semana do Ultramar parece namoriscar com uma informação sobre a Formação Feminina e Magistério Primário. E imponente, avança reverencialmente a saudação a “Sua Excelência, o Senhor Professor Doutor Inocêncio Galvão Teles, novo Ministro da Educação Nacional”. Uma reflexão sobre A inveja é sempre má anuncia-se como preâmbulo da beleza explícita dos Bordados de Viana do Castelo cuja confecção surge primorosamente

detalhada. Desportos na Escola e na Cidade e Vamos fazer Teatro (sobre uma récita realizada na Escola) são dois temas onde se trabalha o estilo e a vontade. O Mosteiro de Castro de Avelás e Entrevista com o Exmo. Senhor Presidente da Câmara mostram o desejo de olhar o concelho, numa atitude cívica de envolvimento com a comunidade.

Como escrevia na apresentação desse primeiro número o director da então Escola Industrial e Comercial de Bragança, “Quiseram os alunos publicar um jornal que fosse o porta-voz das suas inquietações e anseios juvenis [...]. Verificasse, com efeito, que os alunos põem sempre mais entusiasmo, são capazes de um rendimento intelectual maior sempre que têm de executar um trabalho que, antecipadamente, sabem que sai dos acanhados limites das aulas, para se tornar conhecido do público extra-escolar. [...] Terá o jornal outra finalidade: constituir um arquivo dos acontecimentos em que a Escola participou e dos factos citadinos com projecção na vida escolar. Procurará ainda facultar uma leitura instrutiva e recreativa e, dentro do possível, variada e atraente”.

O actual jornal, OUTRA PRESENÇA, é por isso um fiel herdeiro que soube

respeitar as premissas desses jovens de há cinquenta anos. Porque desenvolveu ideias, meios, estratégias, recursos e deu a conhecer a comunidade escolar e concelhia através do seu próprio valor, que o levou a ser reconhecido como um dos melhores jornais escolares nacionais. Mantendo o entusiasmo e a vontade que há cinco décadas fizeram nascer o PRESENÇA, num tempo que hoje vemos como cinzento.

E lendo os textos desse primeiro número de há cinquenta anos, revisitando essas histórias, é inevitável que se olhe

para as marcas da época. Mas é preciso fazê-lo com desassombro. Tentando ver para além dos sinais de um tempo datado. Procurando, sim, descobrir a intemporalidade da esperança e da alegria com que os jovens sempre desejam mudar o mundo. Sem olhar ao seu tamanho.

Paula Romão

Estimados leitores:

A partir de hoje o Jornal da Escola Secundária Abade de Baçal terá a honra de albergar uma página destinada à resposta de problemas sentimentais, existenciais e outros. Se pretendem um conselho amigo ou um ombro para desabafar, podem contar com a vossa amiga Rute Vanessa. O objectivo de desenvolver esta brilhante ideia, e criar este espaço, foi o de roubar a exclusividade de algumas revistas e aumentar o volume de vendas do jornal da escola. Colaborem e escrevam para: Querida Rute Vanessa e deixem as vossas mensagens.

a Francês, a Português e a Matemática e não sei como dizer aos meus pais.

Querido anónimo, o seu caso parece-me bastante simples. Para revelar a triste notícia aos seus pais basta utilizar a boca, rezar para que nada lhe aconteça e começar a estudar mais. Quanto às borbulhas, ou espera que passem, ou tenta deslocar as atenções para outro lado, por exemplo, dando respostas inteligentes na sala de aula, como forma de provar aos outros que a classe dos atacados pela acne são dotados de capacidades fora do comum.

Querida Rute Vanessa, Estou com um problema gravíssimo! As borbulhas invadem-me o rosto, quase não consigo ver os meus olhos e os meus colegas chama-me borbulhoso. Se isto não bastasse, tirei negativa

## 1996-1998

Mais cinco números que periodicamente dão conta do que se vai pensando e fazendo na escola. A Eutanásia, os duelos dos animais, as reflexões

filosóficas do “Clube de reflexão”, os hábitos musicais dos alunos são alguns dos temas que marcam os quatro primeiros números. Nestes números

há dois marcos: o nascimento de uma secção de grande sucesso junto dos alunos da escola – Rute Vanessa – da responsabilidade da professora

Paula Romão. (dois dos casos são reproduzidos nesta página); o artigo apresentado em duas partes – Dezembro de 96 e Maio de 97 – da autoria

do Cónego Ruivo sobre o Abade de Baçal – “Revelações singulares de um homem plural”. Entre a publicação de uma parte e outra fica a morte do seu

autor, que o Outra Pre-sença soube homenagear, nesse longo número, onde o cinema e a TV fazem suplemento.



Nº 13 - Janeiro, 1996



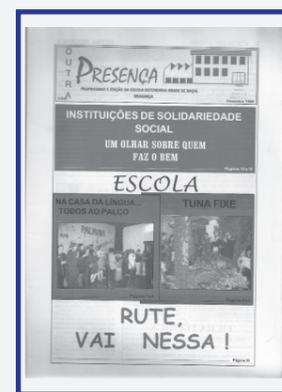
Nº 14 - Março, 1996



Nº 15 - Dezembro, 1996



Nº 16 - Maio, 1997



Nº 17 - Fevereiro, 1998

# Tudo ao molho e fé no “Outra Presença”

O nosso jornal faz 50 anos e honra a nossa região sendo como o vinho do Porto: quanto mais velho melhor!

O “Outra Presença” é mais que um jornal escolar. Além de surgir nas nossas vidas numa altura decisiva de formação de personalidade, hábitos de trabalho e consciência política, é, para muitos de nós, um dos primeiros projectos extra-curriculares que abraçamos, ensinando-nos a assumir as nossas posições, a res-

Ana Margarida Soares  
24 anos  
Direito  
Assessora na Assembleia da República

peitar as discordantes e a escrever de modo claro, lições que nos acompanharão sempre, fazendo do “Outra Presença” omnipresente na nossa vida.

O “Outra Presença” foi meu parceiro no aprofundar do gosto pela escrita em jornais (hábito que mantenho) e no aprender a exprimir as minhas opiniões sem o selo do politicamente correcto, rótulo que me acompanhou

enquanto redactora do jornal da faculdade e continua a marcar a minha vida política, profissional e pessoal.

O “Presença” e o “Outra Presença” acompanharam mudanças de paradigma no Ensino, alterações profundas nas Escolas e, mais recentemente, uma avaliação docente grotesca – que apenas permitiu o chumbo dos que ditam a política educativa do seu gabinete na 5 de Outubro. Superou ainda o nosso jornal, com distinção, o repto das novas tecnologias, prova de dinamismo, empenho e mérito.

Aproveito para comentar o novo Projecto de Lei, a que espero que o “Outra Presença” não assista, sobre a Educação Sexual nas Escolas. Se sou 101% favorável ao ensino sem tabus, defendo uma educação sexual informativa e não formativa, pois não é aceitável que alguém imponha o seu modelo sexual e visão do sexo a ninguém. Propõe ainda o PL que sejam distribuídos nas escolas, sem ser por pessoal médico, os contraceptivos que não necessitam de receita

médica, incluindo pílulas e “pílulas do dia seguinte”. Sendo ambas intoleradas por algumas raparigas e tendo efeitos secundários – basta ler os folhetos informativos aprovados pelo INFARMED que propõem sempre o aconselhamento médico – parece-me inaceitável esta proposta. Não significa que não se usem estes métodos contraceptivos, de acordo com o que cada uma pensa, mas que haja prévio conselho médico, sendo que já acessíveis a qualquer aluno, nos centros de saúde, depois de uma consulta de planeamento familiar. Não por idealismo, mas porque é uma questão de saúde pública. Aliás, se a “pílula do dia seguinte” é um método excepcional até nas bulas médicas, como se compatibiliza isso com a sua distribuição generalizada?

Espero que, sobre esta matéria e sobre todas as outras, os Deputados cada vez mais sejam decisores legislativos reflectidos e incisivos, e cada vez menos figurinos partidários. Aliás, porque não aceitar listas de candidatos apartidários também nas eleições legislativas?



Um tema interessante, mas que merecia só ele um artigo...

Parabéns a todas as equipas do “Outra Presença”, actuais e antigas, pois é de todos o êxito deste jornal que merecidamente foi já distinguido. Uma palavra especial à Dra. Luísa Diz Lopes que, além de me ter iniciado no “Ou-

tra Presença”, me lançou o desafio de escrever este artigo e, porque não dizê-lo, ajudou a florescer algumas dos aspectos que mais têm marcado a minha vida!

Aos alunos que dão corpo ao “Outra Presença” e aos que, nos próximos cinquenta

anos,

abraçarão este desafio que é escrever e partilhar um pouco de cada um de nós, deixo o pedido que, num mundo em que cada vez mais a palavra “eu” se sobrepõe ao “nós” e em que anda tudo ao molho pelo seu próprio umbigo, me permitam continuar a ter fé no nosso “Outra Presença”.



## O nosso jornal está de parabéns

Quando folheamos alguns números do “Outra Presença”, vêm-nos à memória tantas realizações da nossa comunidade educativa nestes seus vinte anos, tantas pessoas que conhecemos nesta escola, tantos momentos de intensa actividade partilhada que consolidaram laços que nunca esqueceremos!... Continuator do “Presença”, nascido há cinquenta anos, o “Outra Presença” sentiu o peso da responsabilidade de dar continuidade a uma publicação de prestígio. Houve um tempo em que andávamos à procura de

soluções que encontraríamos pouco a pouco, evoluindo para aquilo que é na actualidade. Frequentemente elogiado, já premiado várias vezes, tem há pouco uma versão online, de acordo com as novas tendências, mas gostamos de continuar a encontrá-lo na versão impressa, que facilmente folheamos e nos oferece rostos sorridentes, espaços distantes, experiências científicas, comemorações, acontecimentos desportivos e culturais, cenas das peças do teatro da escola, sempre aplaudidas por um público que esgota a lotação das salas, e cujo elenco se vai renovando em cada ano. Há muito que nos habituámos

a procurar nas suas páginas as melhores imagens das cenas mais significativas, mais cheias de encanto. Vimos desabrochar tantas vocações para a escrita, tantos poetas, tantos jovens jornalistas que vão crescendo física e intelectualmente e permanecem ligados ao seu jornal muito para lá do último ano em que frequentam esta escola... Muitos tornaram-se correspondentes do “Outra Presença” quando construíam já o seu futuro nas universidades ou experimentavam os primeiros passos de uma carreira política. As grandes questões da actualidade têm, muitas vezes, o seu

lugar nas páginas deste jornal, confirmando que os nossos jovens estão atentos a tudo o que possa vir a afectar as suas vidas. Ao celebrar o vigésimo aniversário do “Outra Presença”, podemos afirmar que ele é um valioso elo de ligação entre todos os que trabalham e estudam nesta escola, que não devemos deixar quebrar. Estamos certos de que isso não acontecerá enquanto tivermos quem, como a actual equipa de coordenação e colaboradores, não deixe esmorecer o entusiasmo e empenho que lhes conhecemos desde os primeiros momentos.

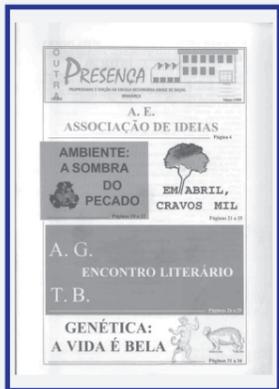
Olinda Oliveira



Nº 18 - Maio, 1998



Nº 19 - Janeiro, 1999



Nº 20 - Maio, 1999



Nº 21 - Janeiro, 2000



Nº 22 - Maio, 2000

História



Nº 26 - Dezembro, 2001

O Outra Presença está outro, mas com mais presença que nunca. A novo formato, novo rosto, nova equipa e nova estrutura, corresponde, porém, o velho espírito de sempre: o desejo de reflectir a identidade da nossa Escola e de criar estímulos para o processo de ensino-aprendizagem. É tudo isto, o Outra Presença, e certamente muito mais. É a vontade de criar vontades; é a apetência para desencadear apetites; é o gosto de estimular paixões. É a força do esforço que se coloca em cada página e que se esconde por detrás de cada texto e de cada imagem - tarde fora ou noite dentro. O alargamento da equipa de coordenação do Outra Presença constitui, naturalmente, o desejo de ir mais além; colhendo, na variedade, os frutos de uma orgânica múltipla. Somos mais faremos certamente melhor!

O novo formato em A3 é uma consequência natural do desejo de modernização do Outra Presença, condizente com o seu inquestionável estatuto de jornal. Corpo novo pede novo rosto e eis que o Outra Presença solicita à comunidade escolar propostas para um outro logótipo. Choveram sugestões e assim pudemos seleccionar aquele que, graficamente, nos pareceu mais adequado ao novo modelo e que é da autoria do Arqto João Ortega.

Aos autores de todas as outras propostas agradecemos a colaboração pronta e criativa que demonstraram. Resta lembrar que o Outra Presença está aqui, com todos nós - comunidade escolar - para ser disfrutado até à última página. Como produto, mas também como ponto de partida para a reflexão, a descoberta, o divertimento e a criação. Até já.

Editorial  
Dezembro de 2001



2000-2002

As instituições de solidariedade social, o cultudo oculto, o Abade de Baçal, o Ambiente, o 25 de Abril são os temas em destaque nestes números que assistem a uma participação cada vez maior na comunidade educativa, visível no último exemplar que conta com 44 páginas. Neste despede-se um dos alunos que, apaixonado pelo jornalismo, nele fará carreira. Tozé Rodrigues traça o seu percurso de 6 anos na escola, reflecte sobre a importância da associação de estudantes, da qual foi um presidente activo, questiona a importância que está a ser dada

ao final do ano 2000 e se ele representa realmente o final do século e escreve um artigo sobre a Baixa Pombalina. A sua participação no OP só terminou como aluno. Ele voltará a marcar presença, primeiro como caloiro e com um texto a esse propósito e depois, com todos os direitos de aluno do ensino superior, com uma entrevista a Simão Barreto, maestro timorense. E agora, como jornalista. Em Janeiro de 2000, Paula Romão começa a coordenar a Biblioteca da Escola que ganha entretanto uma nova dinâmica, à qual não é alheio o facto de integrar a rede Nacio-

nal de Bibliotecas Escolares. O que justifica a entrevista que este número representa. O OP não pode ficar alheio às especulações a propósito do fim do milénio, á Revolta Nacional decorrente da Invasão de Timor pela Indonésia. A história dos patronos das escolas de 2000 e vem a acompanhado por entrevistas a Simão Barreto e a Belarmino Afonso, por uma reflexão sob uma reflexão sobre os direitos humanos, cuja declaração comemoravam o 50 aniversário. A vinda do Nobel de Portugalês de literatura a Bragança, as

obras do programa Polis, com entrevista ao Presidente da Câmara marcaram o exemplar de Dezembro de 2000. Chega o final do 2º Período e com ele a problematização da avaliação, a entrevista à Delegada regional do Instituto da Juventude, o programa de ciência Viva, a crónica a propósito da liberdade de expressão e da Imprensa. Em Maio de 2001 com o apoio da Primavera chega o polí cromismo da primeira página o jornal que, no interior, mostra em reportagem como se faz ciência ao vivo na escola, como

se comportou o grupo que apresentou "Felizmente há luar" ao público. Em entrevista, ficamos a conhecer a psicologia da escola - Paula Pimentel- o coordenador do CAE - Fernando Calado - e discute-se o alargamento da União Europeia. À introdução da cor segue-se uma transformação maior visível no formato A3 e no novo logótipo, da autoria de João Ortega. Uma equipa mais alargada de professores assegurará a execução deste projecto durante esse ano lectivo.



Nº 23 - Dezembro, 2000



Nº 24 - Março, 2001



Nº 25 - Maio, 2001



Nº 27 - Março, 2002



Nº 28 - Maio, 2002



De todas as definições que o dicionário online Priberam me

Ana Sofia Ferro  
22 anos  
Ciências Farmacêuticas

forneceu para este verbo, aquelas que mais se adequam à participação no "jornal da escola" são: encher de letras, compor, redigir, ser escritor.

Vivi sempre rodeada de livros e a escrita sempre me fascinou como arte.

Eu sou do tempo em que o jornal da escola era a preto e branco e vermelho e vinha em formato mais pequeno (A4 não me engano). Tive o prazer de crescer com o meu pai a chegar a casa e trazer na mala da escola o jornal, a exibir com orgulho os textos dos seus alunos. Aquele contentamento criava no meu âmago a vontade de, quando fosse a minha altura de ser aluna da ESAB, encher de orgulho quem me ensinasse Português e quem lesse o jornal.

O jornal da escola possibilitava

essa pretensão de ter alguém a ler algo escrito por mim. Na altura não havia blogues nem páginas pessoais... O diário ou as páginas finais de um caderno serviam para "pôr ou dizer por escrito" aquilo que nos preenchia a mente. Além disso, havia aquele desejo escondido de ser jornalista, correr mundo, entrevistar gente famosa, importante, fazer perguntas e obter respostas... A peça da minha autoria que figura nos arquivos do Outra Presença e da qual me recordo mais foi a entrevista aos meus colegas Tânia Afonso e Élio Rodrigues que, na altura, eram radialistas e preenchiam a hora que a Escola Sec. Abade

de Baçal tinha na Brigantia (se a memória não me falha). Foi a entrevista com mais ar jornalístico que realizei: gravador, transcrição do que foi dito, edição... Esperei ansiosa por essa edição do jornal... Enquanto fui aluna da ESAB, acho que fiz jus a essa minha vontade e que enchi de orgulho e que presenteei quem lia o Outra Presença.

Agora que a ESAB é apenas uma boa recordação e o futuro avança para outras paragens, é com orgulho redobrado que vejo o crescer do Outra Presença (O novo formato, o logotipo, o clube de jornalismo, as rubricas já habituais) e que vejo

que a ESAB cresce tal como o jornal. A biblioteca (da qual usufruí e muito), as visitas dos escritores, os saraus, as peças de teatro e agora os blogues. Actualmente, com o meu crescimento mais lento e estagnado, ainda espero ansiosa que o meu pai chegue a casa com a nova edição do jornal para ver que a "minha escolinha" é activa e tem um jornal que sabe o que faz.

Destes 20 anos de existência guardo boas recordações... Espero, pelo menos, mais outros 20 para ter ainda mais que recordar.



Cartoon - Março de 2006

Sou um aluno de 12º ano com fortes preocupações ambientais, ecológicas, naturais... e outras coisas mais. Não como carne, só uso papel reciclado e sou um feroz utilizador do vidro, do papelão, do plástico, do metalão... Por essa razão, oponho-me energicamente a todos os tipos de poluição. E justamente, venho aqui denunciar uma forma de poluição sonora que inunda as ruas, instituições, repartições, e muito concretamente, as próprias salas de aulas. Afinal de contas quem é que consegue concentrar-se num teste de Matemática ou de Latim quando em todas as mesas se ouve o prrrriim prrrriim dos telemóveis? Quem é que aguenta?

Rute Vanessa - Tem razão, querido! Ninguém aguenta, mas todos vamos

aguentando. De qualquer forma deixo-lhe estas carinhosas palavrinhas: eu adoro ecologistas. Cheiram sempre a feno, reconhecem um recipiente para o lixo quando o vêem e não arrotam o bife que (não) comeram ao almoço. Bom, mas em relação ao seu problema, o querido devia saber que, para o melhor e para o pior, já não vivemos na Idade da Pedra e, por isso, comunicar com sinais de fumo será já algo obsoleto. Além disso, peço-lhe: seja compreensivo e condescendente para com os seus colegas e professores que tanto fazem ouvir os respectivos telemóveis. Porquê? Ora, não quer certamente que eles sejam prejudicados relativamente aos negócios que mantêm nas bolsas de Nova Iorque e Hong Kong, pois não?

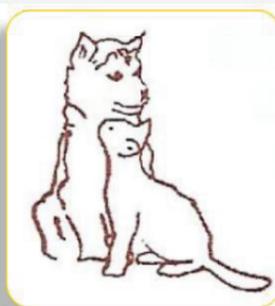


Já lá vão três anos desde que deixei esta escola, onde aprendi, convivi, cresci. Apesar de tão longa ausência será sempre com carinho que

recordarei os momentos aí passados bem como os professores, uns me moldaram como pessoa. Com o Outra Presença sonharam-se realidades e criaram-se ideias. Buscámos novos mundos. O salmão volta sempre ao local em que nasceu no final da sua vida, agora que estou no meu ano de finalista, voltarei à minha escola, onde passei a adolescência e que nunca esqueci.

mais que outros, que me ajudaram, me incentivaram, e que me motivaram a seguir o caminho que hoje levo, que

Margarida Gil Pires  
20 anos  
Línguas e Literaturas Modernas



## Clínica Veterinária

Dr. Duarte Diz Lopes, Lda

Médicos Veterinários

Duarte Diz Lopes C.P. 270  
Filipa T. Rodrigues C.P. 2727

segunda a Sexta: 10-12h/14-20h

Sábados: 10-13h/15-18h

Bairro São Tiago  
Rotunda - Lt. C-3  
5300-689 BRAGANÇA

Contactos:  
Clínica-273 333 772  
Urgências-939 554 407 / 939 554 408

Email: vetsantiago@gmail.com

Visite também o novo espaço criado a pensar em si:  
<http://vetsantiago.blogspot.com>



Notícias, conselhos, estudos, fotografias...

Testemunhos



A mesma dificuldade de sempre, a dificuldade que

Joana Gomes  
20 anos  
Medicina

sempre me surgiu quando me sentava na minha mesinha e me auto-propunha a começar a mexer a caneta sobre o papel para elaborar aquele texto, aquela reportagem, aquela crítica, aquele amontoado de sentimentos que sempre tentei passar ao Outra Presença. Sim, foi essa dificuldade que me surgiu agora que passados estes anos volto a pegar na caneta para escrever estas pa-

lavras. Por onde vou eu começar?

Começo por partilhar as imensas saudades de ter sempre sobre o que escrever para este jornal, de ter sempre algo sobre o que divagar, algo sobre o que opinar, saudades de ter o apoio para ir ter com pessoas cheias de palavras para partilhar, outras cheias de segredos por revelar outras simplesmente que dava regozijo ouvir. Fossem

quais fossem as perguntas que saíssem vinham empunhadas com a bandeira do Outra Presença na mão! Posso não fazer muito sentido aos que me lêem agora mas, de facto se há coisa sobre a qual posso escrever agora nesta data especial, é que parte do que sou, parte da minha curiosidade, parte da vontade de querer sempre mais, parte da vontade de intervir em tudo e mais alguma coisa, parte de amar falar e ouvir as pessoas devo-a a este maravilhoso Jornal e a todos os que o constituíam/constituem.

São alguns traços da minha personalidade que assim se foram formando, traços que me orgulho de recordar na sua origem,

porque depois de me terem lançado sozinha num novo mundo, depois de ter chegado a Coimbra, algumas coisas foram mudando e daí vêm as saudades que falava ao início. O que era continuo a ser, a mesma Joana, mas agora é raro encontrar alguém que verdadeiramente se importe com as minhas críticas, com as minhas divagações, com a minha vontade de lhes por questões (já não posso dizer: ah, venho em nome do Outra Presença! Agora deve ser mais comum dizerem-me: oh menina, cale-se que isto é assim porque eu quero e mais nada!). Falta aquele pretexto e o tempo de sobra para escrever, escrever, escrever...

Quando vimos para a faculdade e deixamos esse ninho em que estávamos antes, vimos cheios de alegrias, sangue a fervilhar de curiosidade, vontade de aprender aquilo que vamos fazer para o resto das nossas vidas. É de facto um mundo maravilhoso cheio de novidades, alegrias e algumas, poucas, tristezas. A diferença é que quando estávamos no "ninho" ensinaram-nos que quase todas as dores passavam com um "beijinho", como quando nos arranhávamos no joelho, mas ninguém nos ensinou a curar aquelas dores que não passam com um beijinho e por isso às vezes sentimos que estas tristezas que vão surgindo por aqui demoram mais a passar. Mas o que importa

é que tudo passa, mais cedo ou mais tarde, mesmo sem a nossa mãe e pai sempre por perto e daqui a uns anos (para mim ainda são 3 visto que o meu curso é GRANDE) vamos ser lançados num ainda outro mundo diferente, por isso é impreterível que aproveitemos aquela que dizem ser a melhor vida "a vida de estudante"!

Vão-me dando que escrever, às vezes! Sabe bem "voltar a casa" e ter este papel para escrever, sabe bem porque há coisas que nunca mudam (nem a pobre da professora Luísa se livra de ter de ficar afrita porque deixo sempre tudo para a última da hora)!

Sabe bem saborear momentos em que imagino já as minhas palavras impressas nas páginas cheias de história deste jornal, sabe bem saborear este momento até ao fim porque daqui a nada acaba-se o escrever com gosto porque os exames estão á porta e lá vou eu quase que desejar ler toda toda a edição do O.P. em vez dos quinhentos mil milhões de calhamaços que já espreitam ali á esquina!

Foi bom fazer parte deste jornal, é óptimo mantê-lo sempre vivo na minha memória e nos olhos de todos os que vêm a minha casa e são convidados a ver a minha colecção de Outra Presença.

2002-2003

O ano lectivo de 2002/2003 é marcado pela criação do Clube de Jornalismo, que arranca com 10 membros. Ao longo do ano, no jornal destaca-se a entrevista a João Ortega, a propósito da necessidade de obras de renovação da escola, que apresenta o seu projecto para o estabelecimento de ensino, no qual é professor. Também entrevistada é Margarida Botelho, deputada da Assembleia da República, que re-

centemente visitara a Palestina no âmbito das sua acção de luta pela paz mundial. Surge a secção "Verso e Reverso", onde se debate o 25 de Novembro de 1975, a guerra do Iraque e a legalização das drogas leves. Ao longo do ano são várias as reflexões sobre o poder do jornal, as vantagens e as desvantagens face à televisão, como resposta ao desafio do jornal Público - "O jornal, que futuro?". A solidificação do projecto da Asso-

ciação de Estudantes, crescente em dinamismo, é evidenciada na criação do novo logótipo, que aqui se reproduz. Além do suplemento alusivo ao futuro dos jornais, tem lugar um outro sobre Bragança, surgido na sequência do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro, recentemente realizado. O ano termina com um editorial pela primeira vez escrito por um aluno, que se destacou desde o 7º ano pela participação no jornal

e se encontra no 12º, sendo esta a sua última participação enquanto aluno. É um ano de ouro, não só pelo forte envolvimento dos alunos no espaço de decisão do jornal, mas também porque o "Público na Escola" reconhecerá a sua qualidade atribuindo-lhe um segundo lugar no Concurso de Jornais Escolares, que anualmente promove.



No 29 - Dezembro, 2002



No 30 - Março, 2003



No 31 - Maio, 2003



Discurso na sessão de entrega dos prémios, no qual o Outra Presença foi contemplado com o 2º lugar



Dezembro 2003



Escrevo este texto no limite do prazo. Podia simplesmente não o fazer, mas cinquenta anos de jornal não podem passar-me ao lado, por tudo o que para mim representou. Com o Outra Presença cresci, aprendi e sonhei. Teve, sem dúvida, tanto ou mais que qualquer escola, um papel essencial na minha formação.

mais do OP. Contrariando a «obrigação» que é hoje a escrita para muitos jovens, participar na realização deste jornal deu-me o gosto pela escrita activa, como forma de partilha e de denúncia, através de olhares atentos sobre um mundo que acreditávamos que era possível mudar. Mesmo quando não escrevíamos, existia em nós essa busca constante pela notí-

**Joana Gonçalves**  
18 anos  
Arquitectura

cia, pela justiça, pela descoberta.

Como tantos outros que por ele passaram escolhi outro rumo, que me afastou das páginas de jornal que então nos eram dadas a preencher. Estudo agora Arquitectura na Universidade do Minho e, talvez por isso, este texto não tenha chegado mais cedo. Aqui o ritmo é bem mais acelerado do que o dos saudosos tempos de secundário: os livros deram lugar às maquetes, as palavras a desenhos rigorosos. E se o trabalho é constante, as avaliações não o são menos!

Mas desenganem-se se pensam que estas duas áreas nada têm em comum. Em ambas predomina a procura, a consciencialização do que nos rodeia, a preocupação com os valores da sociedade e, acima de tudo, uma grande vontade de mudar o mundo.

Estes factores que me trouxeram até à Arquitectura, aprendi-os sem dúvida nas reuniões sema-

Acima de tudo encaro as sessões do Outra Presença como verdadeiras aulas de Formação Cívica, mais discretas e implícitas, mas sem dúvida mais eficazes, através da nossa participação activa. É ao Outra Presença que devemos grande parte do que hoje somos enquanto pessoas e cidadãos conscientes.

Depois de cinquenta anos, o OP tem uma grande maturidade enquanto jornal escolar, mas importa manter a jovialidade que sempre levou os seus principais protagonistas, os alunos, a participar, para que mais gerações possam encontrar no OP este suporte que eu encontrei. Por fim, um agradecimento especial à professora Luísa que ao longo destes últimos anos, com toda a paciência e energia tem tornado este projecto possível.



Há momentos na vida que nunca se esquecem. Já passou algum tempo desde que deixei esta escola e até mesmo esta cidade, mas ainda assim, há sempre senti-

mentos que se mantêm. Esta saudade que às vezes emana em mim de todos os bons momentos aqui passados, de ver a vida passar e saber que daqui para frente tudo foi mais difícil, mais árduo e o tempo mais veloz. Aqui tudo era tão calmo, as manhãs de Inverno, as tardes em volta de uma mesa na biblioteca com todo o Clube de Jornalismo, parecia que o tempo chegava para tudo.

Bons momentos passados, como me diverti a cada encontro do Clube, a cada gargalhada e a cada novo trabalho. E o nosso querido Outra Presença, sempre actual, sempre hilariante a cada nova edição.

**Ana Catarina Pires**  
20 anos  
Medicina

São verdadeiras saudades o que hoje trago comigo, uma nostalgia que me assalta o coração.

Falar do “Outra Presença” traz-me à memória uma série de recordações que marcarão indubitavelmente a minha vida, enquanto aluna desta escola que tanto prezo e de que tanto me orgulho, porque nela aprendi crescendo, durante seis fabulosos anos. Ao longo de 50 anos,

ocasiões em que merecidamente foi distinguido. Hoje, aluna de Medicina do Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, no Porto, sinto-me feliz e recordo os momentos de trabalho e companheirismo que assinalaram a minha passagem pelo Clube de Jornalismo com um sorriso, porque deles permanece um conjunto de conhecimentos, experiências e valores que para sempre me



acompanharia. Restam as saudades e ficam os votos de que o “Presença” continue a caminhar na estrada da sua vida, tão notavelmente quanto até aqui. Parabéns!

**Ana Luísa Esteves**  
20 anos  
Medicina



Ilustração no jornal de Dezembro de 2001, da autoria de Ágata Freire. Na imagem, por ordem, Fernanda Moura dos Santos, professora, e as alunas Marta Andrade, Joana Cristóvão e Sofia Estevinho

## Testemunhos



Três anos depois, olho e vejo o quão revitalizante e recompensador é para elas poder voltar a escolher a pasta "OP", na opção "Guardar ficheiros"

no  
seus



computadores. Acredite-se



si -



ou não, ainda hoje, se nota aquele brilhinho nos olhos sempre que falam na sua

passagem pelo O.P. Mais do que tudo, agradecem por terem sido lembradas e nunca lhes ter sido fechada a porta da Escola Abade de Baçal. Esta oportunidade é quase como regressar ao cantinho da biblioteca ou à sala da Associação de Estudantes, onde passavam horas infinitas (que nunca pareciam suficientes!) a discutir todos os argumentos de um texto, que se não entregassem a tempo lhes daria a entrada na lista negra da Professora Luísa! E se há algo que nelas ficou, quase como marca de carácter, foi esse gosto pela discussão, fortemente argumentada, que continuam a praticar religiosamente entre elas e com toda a gente que lhes dá uma oportunidade de que o OP, através dos textos que para ele escreviam, as ensi-

nou a pensar, a construir lógicas, e a desfazê-las a fim de as tornar melhores. Elas dizem que escrever era aprender a refinar sucessivamente as ideias, em busca de um texto que fosse o espelho daquilo que pensavam. E era por isso que, depois da discussão, mergulhavam naquela nova

batalha: colocar tudo no papel, encontrar cada palavra, dispor cada ponto final. E talvez também fosse isso que as movia: uma vontade enorme de pensar "verdades" bem escritas. Agora, toda a gente vê nelas o eterno orgulho, quase vaidade, de terem ajudado a dar forma a algo que sempre sentiram como grande e que não decresce com o passar dos anos. E é sempre com orgulho que retiram o O.P. das gavetas para o mostrar aos amigos das novas vidas: "Vês, é este o jornal da nossa escola! Modéstia à parte, o EXCELENTE jornal em que colaborávamos!" O O.P trouxe-lhes, também, muitos momentos em que, com ou sem cumplicidade de ideias, aproveitaram para cimentar a amizade que as unia e, por isso, ainda se lembram de tudo e tão bem. Aprenderam a trabalhar em equipa, a discutir com respeito, a ter ideias diferentes e a manterem-se juntas sem deixarem de ser elas próprias. Mais do que aprender a argumentar ou a escrever, este é um legado realmente precioso. Já passaram 3 anos desde que deixaram a Escola Abade de Baçal, mas, como há coisas que nunca mudam, continuam todas amigas. Com noites em branco a mais, ainda se reúnem, divertem e falam, mesmo vivendo em cidades diferentes. Na capital do norte, a Heloísa estuda Nutrição e prepara-se para pôr a linha de toda a gente em ordem, enquanto a Ana

Luísa, em Ciências Farmacêuticas, vai ter que ter uma farmácia para fazer descontos às amigas! Em Aveiro está a Margarida, a Nácia a Inês e a Rita. A Nácia, a terapeuta da fala, acredita no poder da comunicação e, se depender dela, todos vão mostrar sempre o que pensam, quer seja com voz ou gestos! A Margarida, em Psicologia, vai finalmente ganhar dinheiro a fazer o que sempre fez de graça: tratar do juízo dos outros! A Inês, em Línguas e Relações Empresariais, vai ser a mulher de negócios do grupo, quer esteja em Portugal, Inglaterra, Espanha ou China. A Rita, em Novas Tecnologias da Comunicação, sabe que o seu amor pelas palavras pode ser fundido com o poder da imagem e do som e tem, por isso, o mundo da internet, da televisão ou do cinema à sua espera. A Joana, em Vila Real, que desde sempre gostou de Psicologia do Desporto, prepara-se para aprender a manter a performance dos jogadores do FCP sempre no máximo! Apesar de todas terem escolhido caminhos diferentes no que toca à vida académica e profissional, as lições que aprenderam na companhia e construção do O.P. ficaram marcadas no carácter de todas. Dizem que, talvez um dia, quando chegarem à idade do rock'n'roll, tatuem essas iniciais no braço com um coração e umas datas... se calhar, não era nada mal merecido!

No fim desta história, vocês perguntam quem eu sou. Pois bem... só posso dizer que sou uma "Entidade", que elas sabem que as acompanha desde que saíram da Escola Abade de Baçal. A minha função é garantir que tudo o que aprenderam nessa escola não se perca ao longo dos diferentes caminhos que têm seguido. E, posto isto, posso dizer: Missão Cumprida. Um último recado de todas elas: "OBRIGADA e PARABÉNS professora Luísa Lopes! Obrigada Outra Presença! Obrigada Escola Secundária Abade de Baçal!"

Rita Morais  
20 anos  
Novas Tecnologias da Comunicação

Margarida Carmona  
20 anos  
Psicologia

Nácia Afonso  
20 anos  
Terapia da fala

Inês Alves  
20 anos  
Línguas e Relações Empresariais

Ana Luisa Barreira de Andrade  
20 anos  
Ciências Farmacêuticas

Heloísa Nunes  
20 anos  
Nutrição

Joana Moreira  
20 anos  
Psicologia

## 2004 - 2005

A partir de Dezembro de 2003, com novo logótipo, da autoria de Rui Garcia, coordenado por Luísa Diz Lopes, coadjuvada por Paula Romão e Olinda Oliveira, a Outra Presença continua a mostrar vontade de se assumir como referência no universo do jornalismo escolar, melhorando a qualidade dos seus trabalhos, estimulando a participação da comunidade

educativa e desenvolvendo esforços de modernização gráfica. Lídia Jorge, Ruben de Carvalho, Graça Morais, Ministra da Educação, Filipe Faria, Luísa Costa Gomes são alguns dos nomes que mostram o dinamismo que a escola e a Biblioteca, recentemente integrada na Rede de Bibliotecas Escolares, possuem e do qual o jornal faz eco. Em entrevista estão

os donos da Livraria Mário Péricles, que anuncia o encerramento depois de seis décadas de existência, o presidente da Câmara Municipal de Bragança, Isabel Castro, directora do recém-criado Conservatório de Música, membros da Corporação de Bombeiros Voluntários de Bragança, Alimentam-se as polémicas

na secção "Verso e Reverso", onde se debate a interrupção voluntária da gravidez, a relação da informática com a imaginação, a auto-mutilação, a proibição de fumar em locais públicos, a eutanásia, a praxe, a reprodução medicamente assistida, a avaliação de actividades extracurriculares; aproxima-se da cidade com a reportagem de exposições - Nadir

Afonso, Luís Canotilho, Francisco Laranjo e Viana de Lima são alguns dos artistas -, galas, palestras; divulga acontecimentos, é voz de projectos, solidifica a presença em palco nas peças que anualmente a escola apresenta; promove o debate sobre o consumo e celebra mais uma menção honrosa, em Janeiro de 2006.



No 1 - Março, 2004



No 2 - Maio, 2004



No 3 - Janeiro, 2005



No 4 - Março, 2005



No 5 - Junho, 2005

# MAIS PRESENÇA

Ter “Outra Presença” é estar presente.

Ter “Outra Presença” é intervir.

Ter “Outra Presença” há 20 anos é muita entrega.

Ter “Outra Presença” regular de intervenção pública a partir do espaço escolar é algo só possível com uma notável e indescritível dedicação.

É que, assegurar a regularidade de um projecto como este requer uma estrutura organizada. Algo difícil de manter quando tudo se faz por carolice, pela vontade de ser melhor, pela assumpção de uma responsabilidade pessoal para com o enriquecimento do projecto educativo.

Um jornal escolar é um pequeno tesouro que enriquece e dá mais brilho à vida do estudante, que lhe incute a responsabilidade e o rigor, que o torna mais cúmplice da escola, mais próximo do mundo.

E é com prazer que venho constatando que esse trabalho no “Outra Presença” tem sido reconhecido e premiado em vários concu-



Um jornal escolar é ele próprio uma escola dentro da escola. Cheio de lições, ligações, relações. Um jornal escolar deve ser o espelho do microcosmos escolar. Mas deve abrir-se e refletir sobre a inserção do estabelecimento de ensino na sociedade envolvente. Um jornal escolar é uma acade-

mia de novos talentos. É um desafio à criatividade, à descoberta de produtores e conteúdos: jornalismo, ficção, cartoon, humor, fotografia... imaginação, muita imaginação.

E novas tecnologias. Uma presença em papel, “Outra Presença” na internet.

Mas sempre presença perene, interventiva, alfofre de futuros jornalistas a quem digo:

Ser jornalista não é profissão é uma forma de encerrar o mundo. Talvez profissão de fé! Não se é jornalista de horário. É-se jornalista de vida! Ser jornalista é ser testemunha profissional. Assistir ao pulsar da sociedade e partilhá-lo com todos. Rasgar os olhos da indiferença perante as agressões, desnudar as iniquidades do poder, espalhar alegrias e lágrimas! Ser jornalista é trocar a família pela notícia, condensar a história num ponteiro de relógio, correr por prazer, não ser pago para morrer e morrer. Ser jornalista é compreender e citar Teixeira de Pascoaes:

“Ser jornalista é ser Shakespeare da Nota Palpitante do Dia. É dar

um crime num crime, ó Dostoiévski! É dar, num morto de fome, toda a sociologia de um Karl Marx. E o mesmo é dar a Loucura num louco, o Mito báquico num bêbedo e Os Lusíadas, esse mar das Índias, numa pescada cozida a nadar em azeite e vinagre, num mar Amarelo e Vermelho.”

**Daniel Catalão**

P.S.

Foi com um orgulho particular que escrevinhei algumas linhas para o jornal de uma escola que me ajudou a moldar o futuro, uma escola que me impulsionou para o jornalismo.

Quando tinha significado ser aluno da “Escola” (por oposição ao “Liceu”), eu fui aluno da “Escola”. Mas foi ela que acabou por me empurrar para o “Liceu” (E.S. Emídio Garcia) porque era lá que podia estudar Humanidades.

Mas foi na Escola Secundária Abade de Baçal que, chegado o 9º ano, os meus professores desenharam o mapa que me orientou. Foi aqui que obtive o impulso.



Cartoon alusivo ao tema “O jornal, que futuro?”, a propósito do conflito entre os jornais e a televisão



Começo por dizer que é com grande saudade e alegria que escrevo este texto... Saudade do tempo em que escrevia e participava no jornal “Outra Presença”, alegria por ter sido lembrada para participar agora no quinquagésimo aniversário desta que é, se não a melhor, uma das melhores

actividades que a Escola Secundária Abade de Baçal proporciona aos seus alunos. É com muito carinho que falo dos tempos em que estudei nesta escola, fiz lá amigos, vivi experiências de jovens adolescentes e participava também nas actividades que a instituição oferecia aos seus pupilos. Uma delas era, como lhe chamávamos, o jornal da escola. Era sempre com grande empenho e entusiasmo que participava nas tarefas do jornal. Embora sempre achasse que não tinha jeito para a escrita, tentava sempre dar o melhor de mim. Quando a professora Luísa me contactou para fazer este texto pedi-me uma breve história, um breve acontecimento, uma coisa que eu me lembrasse muito, que eu quisesse partilhar

com quem a esta hora está a ler este texto. Peço desculpa, mas não o vou fazer porque não tenho nada específico para contar e seria injusto, pois foram tempos maravilhosos. Apenas quero que, quem quer que esteja a ler este texto, perceba a felicidade que eu sinto, vários anos depois de ter saído fisicamente desta escola, de voltar a participar neste festejo do jornal. Claro que quando fomos ao Porto receber o prémio devido ao facto de o “Outra Presença” ter sido o segundo melhor jornal do país naquele ano, me encheu de orgulho e alegria e isso jamais esquecerei... Gostaria que esta geração de alunos não abandonasse este jornal, que sintam orgulho em participar neste tipo de actividades, pois enriquece-os pessoalmente e enriquece a escola também. Faço esta homenagem porque

sinto que ainda estou ligada a esta escola e sinto que ao fazer este texto estou a homenagear o jornal, a escola e os meus queridos professores que jamais esquecerei, não vou nomear nomes, pois tenho medo de me esquecer de alguém. Hoje sou professora graças a eles. Sei que este texto era para homenagear o jornal, mas sem os professores o jornal era quase impossível, daí porque não homenageá-los também? Obrigada por tudo! Um beijinho muito grande desta ex-aluna que nunca se esquecerá dos anos em que aprendi e vivi nessa escola e um PARABÉNS enorme ao “Outra Presença”, que conte muitos e muitos mais anos. Saudade...

**Sandrine Bernardes**  
24 anos  
Professora



Clube de Jornalismo

Testemunhos



Não sei precisar a

última vez que escrevi para este jornal que se encontra de parabéns, mas é uma boa sensação fazê-lo agora visto remeter para os tempos que frequentava a escola. Que saudades desses tempos! São várias vezes que, juntamente com amigos, os relembramos.

Três anos passados e encontro-me a terminar o curso de Design Industrial no Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, em Barcelos. Recordo, com bastantes saudades, os meus últimos tempos na nossa escola antes da entrada para a faculdade. O

**Luisa Rodrigues**  
21 anos  
Design Industrial

esforço em fazer Geometria A de forma extra curricular para poder entrar no mundo das artes que tinha descoberto há tão pouco tempo.

Realizados os exames nacionais foi esperar pelo resultado; infelizmente a espera foi ainda mais morosa que a dos outros colegas visto só me poder candidatar na 2ª fase devido à reprovação no primeiro exame de Geometria A. Poder encontrar a minha própria casa, morar sozinha, tudo isto foram desafios pelos quais ansiava e pelos quais passei de uma forma positiva.

As primeiras aulas foram fantásticas, pois nunca me tinha dado

tanto prazer estar dentro de uma sala de aulas, se bem que, com o passar do tempo, como é normal em alunos, o gosto foi diminuindo pelo aumento de trabalhos e “este professor é uma seca, aquele então nem se fala!”.

A parte má foi ter de conseguir chegar ao nível tanto teórico como prático dos meus colegas que já tinham frequentado a área de Artes. Era das poucas pessoas que estava a ouvir falar de tudo aquilo pela primeira vez; a dificuldade no desenho era e ainda é gigantesca comparando com a ligeira facilidade de outros colegas.

Entretanto, dois anos passaram. Chego ao meu último ano como estudante e a sua conclusão não podia ter sido de melhor forma visto ter terminado uma das melhores experiências que alguém pode ter: Erasmus. Regressei dia 11 de Fevereiro de Wrocław, na Polónia e posso garantir que custou mais vir embora e deixar para trás todas as pessoas que conheci e que passei a intitular de amigos. Foi uma vivência muito enriquecedora a nível pessoal e profissional. Houve ainda a tentativa de ficar o 2º semestre, de forma a concluir lá o curso, mas não foi possível, devido a uma unidade curricular intitulada de Ante-Projecto, em que é realizada uma simulação de estágio. Desta forma, tive de voltar.

A simulação de estágio está a ser numa de muitas empresas de cutelaria na zona das Taipas, no distrito de Braga. Apesar de não ser aquele estágio em que temos de estar lá todos os dias durante todo o dia está a ser gratificante trabalhar directamente com as necessidades de uma empresa real e não fictícia. A entrega do projecto será o último trabalho

enquanto aluna desta instituição.

Os três anos passaram muito depressa, ainda nem acredito que dentro de dois meses entro no mercado de trabalho, é uma ideia bastante assustadora para mim. Como é que é possível alguém com 21 anos sair formada? Não existe maturidade nem experiência suficiente para tal. O que são três anos de um curso superior? Não são nada, pois só agora é que começamos a adquirir as competências necessárias e a dar valor a determinadas matérias. É algo que me aterroriza, o que vou ser daqui a 2/3 meses? O que vou ser? Vou fazer parte do grupo de empregados ou desempregados? Conseguirei um estágio ou um mestrado?

O meu futuro em Setembro será uma das três hipóteses que eu gostaria que estivessem no meu futuro próximo? Realização de um estágio profissional, de um mestrado ou pós-graduação no estrangeiro ou a nível nacional ou ainda, em último recurso, um trabalho, espero eu, dentro da minha área? É algo que vou ter de decidir nos próximos dias. Agora é mesmo preparar-me para a queima e aproveitar os últimos tempos como estudante. Que horror só de pensar na ideia!!!

Olá a todos os leitores do OP! É com grande nostalgia e saudade que vos escrevo e recordo aquilo que o OP significou para mim. A minha participação no OP era mais uma ajuda conceptual do que propriamente uma ajuda a nível de produção escrita. Não escrevi muitos textos, mas o que realmente me motivava a pertencer à equipa do jornal era a nossa capacidade de criação. Quando nos reuníamos à mesa, na biblioteca, para discutir o jornal desse período, partíamos do

Desse grupo, recordo com saudade algumas pessoas com as quais não mantive muito mais contacto, também por força do ensino superior que nos traz coisas boas e outras não tão boas. Desde já, um conselho para quem está no 12º ano e não tem a certeza do curso que quer seguir: não escolham às três pancadas e, caso o façam, pelo menos tentem ficar perto de casa. O que eu posso dizer é que não há um curso certo para uma pessoa. Há sempre qualquer coisa de que não gostamos no nosso curso e depois, com o tempo,

**Luís Filipe Pires**  
22 anos  
Engenharia Mecânica

podemos desmotivar e achar que não é o mais correcto e mudar. A passagem do ensino secundário para o ensino superior é algo muito agressivo e que requer muito trabalho e empenho da parte do aluno. Eu frequentemente, actualmente, o Mestrado Integrado de Engenharia Mecânica e estou no 3º ano na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Mas antes

estive numa Licenciatura em Engenharia Aeroespacial no Instituto Superior Técnico, em Lisboa, durante um ano e posso definir a experiência como não muito agradável, devido a vários factores. Actualmente estou bastante satisfeito com a minha vida académica na qual o OP me deu alguma bagagem para a faculdade. A nível de organização de projectos e a forma como as coisas têm de ser estruturadas, a experiência no jornal ajudou-me bastante, apesar de os projectos de faculdade não envolverem tanta gente quanto a do OP (pelo menos para já!).

Parece-me que, neste momento, o OP já evoluiu muito em termos de recursos e outro dia fui dar uma espreitadela no site e fiquei bastante contente com o que vi e li. Espero que o espírito do OP se tenha mantido e que as pessoas que dele fazem parte consigam um trabalho capaz de honrar a escola e o nome do jornal.

2006 - 2007

No ano lectivo iniciado em Setembro de 2006, o Outra Presença reinventa-se, desta vez auxiliado pelas novas tecnologias, e disponibiliza-se online, a partir de Fevereiro de 2007, para todos quantos quiserem a ele aceder em poucos minutos, com um mínimo esforço. Seduzido

pela versatilidade e rapidez deste modo de comunicação, o Outra Presença procura ir ao encontro daquele que é o seu público e cativá-lo para uma participação activa, crítica e responsável na pequena sociedade que é a escola e que o jornal espelha. Economicamente vantajosa,

esta versão permite uma actualização permanente, cumprindo, assim, o jornal mais eficazmente a sua função de divulgação e informação em tempo útil. Deste modo, minimiza-se um pouco a frustração de noticiar acontecimentos apenas alguns meses depois de terem

ocorrido. Permite, também, uma resposta pronta por parte dos leitores aos desafios que lhes forem propostos. A versão impressa, publicada periodicamente, constituir-se-á como um complemento e uma oportunidade de desenvolvimento de alguns dos temas. Disponíveis online

estarão, também, de forma gradual as edições anteriores desta publicação e a sua história, facilitando assim a sua consulta e piscando o olho a um refrescar da memória.



Nº 1 - Janeiro, 2006



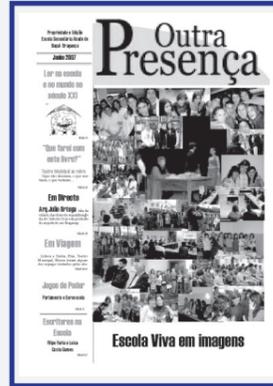
Nº 2 - Março, 2006



Nº 3 - Junho, 2006



Nº 4 - Janeiro, 2007



Nº 5 - Junho, 2007

Outrora como membro do jornal Outra Presença (essencialmente cumprindo funções de repórter fotográfico), chego agora a vós como “projecto de engenheiro”, sendo assim várias vezes apelidado. Encontro-me a frequentar o Mestrado Integrado de Engenharia

**João Tiago Jacob**  
22 anos  
Engenharia e Computação

ria Informática e Computação na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, mais precisamente ainda, no quarto ano e, apesar dos quatro anos que me separam do secundário e do nosso jornal e do contentamento com o meu actual percurso académico, recordo esse tempo com uma nostalgia única. Relembro o trabalho em equipa necessário para cobrir um evento. Revivo a emoção de fotografar inaugurações e outros eventos, de sentir que, ainda que em pequena escala, estava a assistir a história a ser feita, da minha terra (e não só), e que mais importante que isso tentava fazer com que esta informa/emoção chegasse a outras pessoas. Recordo, com inveja e nostalgia, a forte união que havia no grupo e os laços duradouros

de amizade que se criaram entre os membros, alguns que nunca se teriam formado não fosse o OP.

A experiência que ficou da minha passagem pelo nosso jornal acabou por se revelar útil mesmo na minha área. A capacidade de trabalhar para um projecto a longo prazo com múltiplas pessoas, a gestão de recursos (humanos e tangíveis), o lidar com a pressão, acabaram por se tornar *soft skills* apreciadas na minha pessoa pelos meus colegas e que me tornam numa mais-valia quando ocupo cargos de gestão num projecto. A nível mais técnico aprendi a trabalhar com o (agora ultrapassado) PageMaker para a formatação do jornal e com ferramentas multimédia tais como Photoshop e Premiere que me foram úteis na elaboração de apresentações, relatórios e em Web Design.

Em retrospectiva, posso concluir que não só passei na redacção do OP excelentes momentos de realização pessoal como também travei importantes conhecimentos e ainda desenvolvi competências que me ajudaram não só na altura, mas que se tornaram parte de mim e continuam agora comigo no dia-a-dia.



A produção de jornais escolares por razões de natureza interna e muitas vezes externa à Escola é hoje uma actividade muito generalizada nas comunidades educativas.

Nos últimos cinco anos integrei com prazer o clube de

**João Anes**  
18 anos, 12ºano  
ESAB

Jornalismo da Abade de Baçal onde fui testemunha e actor da apetência e do dinamismo estabelecido entre os diversos membros. Esta actividade potenciou a comunicação na comunidade e sinceramente espero que assim continue. Penso que o “O Outra Presença” tem sido um instrumento com relevo no processo educativo,

designadamente nas vertentes da Língua Materna e na Formação Pessoal e Social. O Jornal escolar, da Escola Secundária Abade de Baçal, honrado e premiado, produto das dinâmicas criadas, por vezes a pulso, tem favorecido a melhoria da qualidade das aprendizagens, da formação do indivíduo, das relações Escola-Meio, da imagem dos intervenientes e da própria instituição.

No momento da saída não direi adeus, só e apenas: até sempre.

As nuvens adensam-se e prepararam-se para pernoitar na minha companhia. Talvez se derretam em lágrimas, dizem que o mau tempo está de volta.

Na altura da minha passagem pelo OP também eu muita coisa dizia. Dizia muitos não, muitos “sins”, era raro o “mais ou menos”. Achava-me com personagem vincada, gostava de tudo, não gostava de nada. Sorria como se abrisse as portas da minha casa, chorava como se o Fervença estivesse seco. Lia e relia coisas que nem compreendia.

E escrevia. Como escrevo hoje. E estou segura de que nem quando os meus dedos teimarem em me desobedecer, deixarei de transformar o que vai cá dentro, o que vai lá fora, o que existe ou é imaginário, em palavras. Sim, porque essas ainda são de graça. Não se vendem, não as minhas, não estão caras “comó lume”, nem passam de 50 escudos a 50 cêntimos.

Não foi uma simples passagem. Perdoem-me a forma de expressão acima. Foi um começo. Foi um começo na altura das ideias, dos ideais, sobre os quais ergui os quase 22 anos de existência. Muitos desfizeram-se, é certo, mas o essencial permanece. Costumam dizer que quando a inocência é confrontada com o real, até as verdades mais absolutas, se é que existem, se desvanecem como o vento. Inocente serei para sempre, apenas um bocadinho menos a cada dia que passa.

O essencial a que me refiro acima, entre outras coisas, é a Liberdade. Passámos tardes de quarta-feira, noites de sexta-feira, em comemoração da Liberdade de escrever para além dos apontamentos das ciências exactas, do estritamente necessário, do obrigatório. Algo que ficaria, como ficou, para sempre registado em folha de jornal (em formato A3, que surgiu nessa altura). Sentíamos a Liberdade do sentimento de jornalista, entrevistar, recolher informação, soltar o espírito crítico,

sugerir, opinar, reflectir. A Liberdade de construção de algo colectivo, porque eram páginas e páginas que surgiam a partir da individualidade de cada um, do frenesi das nossas cabeças de adolescente, da confusão das nossas ideias, das nossas coerências e incoerências. Era nosso!

Frequentava o meu 9º ano quando vi, pela primeira vez, o filme “Clube dos Poetas Mortos”. Foi algures no meu 11º ano, 12º, precisamente quando aprendi que os poetas são imortais, que eu, mais um conjunto de colegas jornalistas do OP, obrigámos a professora Luísa a abdicar das suas noites de sofá de sexta-feira, para partilharmos serões em que líamos poemas que nos agradavam por este ou aquele motivo, contávamos estórias que havíamos lido algures e em que, uma vez por outra, quando o rei fazia anos (a timidez falava mais alto), líamos algo escrito por nós. Lembro-me e muito bem, que foi numa dessas noites que ouvi recitar, pela própria autora, um dos mais bonitos poemas sobre Abril (lembras-te, Rita?). Uma aura de silêncios comovidos pairou sobre a antiga biblioteca e era exactamente esse o ambiente, o sentimento, o espírito que todos procurávamos. Havíamos provado o pretendido: os poetas não morrem. Não há anonimato equivalente à morte, apenas momentos como aquele que os eternizam e lhes conferem imortalidade. Éramos, portanto, não o Clube dos Poetas Mortos, mas o Clube dos Poetas Imortais. Porque, ainda hoje, havidos já cinco, seis anos, sei que, cada um à sua maneira, continuamos a escrever. Quer na barafunda algo ordenada dos nossos dias de estudante, quer no turbilhão de emoções de novas experiências vividas, quer na solidão dos quartos dos apartamentos que partilhamos. As nossas vidas mudaram, alguns mais rodea-



dos pela ciência, outros aventurados pela errância do pensamento, outros com um

**Ana Rita Fernandes**  
21 anos  
Fisioterapia

bocadinho dos dois..., mas volta e meia, há sempre um rabis-car, há sempre a ponta de uma esferográfica ou de um lápis de carvão que contacta com o papel, nem que seja o dos guardanapos do Piolho (que deixam trespassar a tinta para o outro lado, dificultando, por vezes, a leitura do que se escreve) ou as eternas últimas páginas dos cadernos que servem sempre para tudo e mais alguma coisa.

Escrevo há anos, essencialmente para mim. Aventuras, desventuras, amores, desamores, o que vejo, o que sinto. O que me apraz escrever. Com sorte (ou azar) alguém próximo lê ou escuta-me a ler, ou porque são palavras que lhe dedico ou porque a timidez fica guardada na gaveta. E toda a emoção daquela noite na antiga biblioteca parece recriar-se, noutras circunstâncias, é claro. Partilhar é bom, sabe bem, por mais que custe.

E se há palavra que, para mim, define o OP é partilha. De nós para nós, de nós para toda a escola. E tudo isto que escrevo, não fica retido em papel, mas nas memórias e, especialmente, no coração. Parabéns Outra Presença!



Clube de Jornalismo 2003-2004



Logo da escola alusivo ao Concurso de Jornais Escolares, edição de 2007-2008, da autoria de João Anes

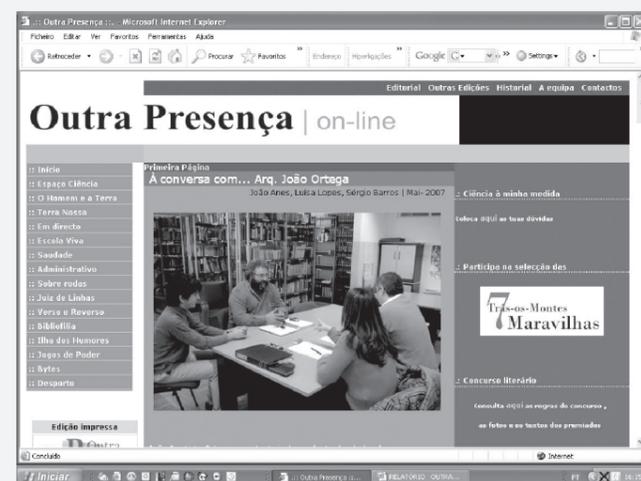


cartoon - Finalistas das Olimpíadas de Química, da autoria de João Anes

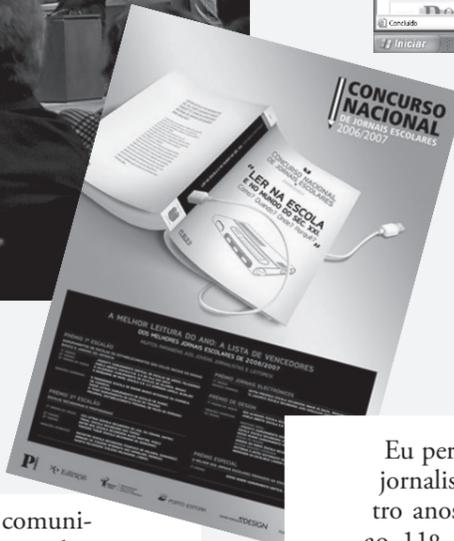
Testemunhos



Sessão de entrega de prémios - Novembro 2007



2006-2007



Eu pertenci ao clube de jornalismo durante quatro anos: do meu 7º até ao 11º. Esse período de pertença a este grupo foi muito marcante e interessante para mim e para a minha formação. Aqui aprendi, se não a fazê-lo em toda a sua plenitude, e acredito piamente que não, a

**Guilherme de Sá Pires**  
18 anos, 12ºano  
ESAB

fazer algo que roça o Jornalismo, e escrevo Jornalismo com letra maiúscula, pois é desta forma que é feito o Jornalismo na nossa escola, de uma maneira grande e responsável. Neste grupo, fiz também muitos con-

tactos e amigos, com muitos dos quais, sendo mais velhos que eu e tendo enveredado por universidades e afins, continuo a ter contacto e a sentir uma grande amizade. Pertencer a este grupo tão vivo só pode trazer vantagens e alegria a qualquer um. Continuem a fazer o trabalho maravilhoso que têm feito até agora e que sempre caracterizou o melhor clube de jornalismo do nosso país.

O dia 30 de Outubro brilhou para o jornal Outra Presença on-line que se viu colocado no 1º lugar do pódio no escalão dos jornais electrónicos, no concurso promovido pelo Público, através do seu projecto de Educação para os Média, Público na Escola. Este concurso, promovido anualmente,

tem o apoio do Ministério da Educação, Ciência Viva – Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica, Porto Editora e Centro Português de Design e propôs na edição 2006-2007 um debate em torno da leitura ao lançar como mote “Ler na Escola e no Mundo no século XXI”.

Mais uma vez a equipa do Outra Presença agarrou o desafio e aliou a ele a criação da versão electrónica do jornal escolar, não abandonando a publicação da versão impressa, da qual saíram dois números no último ano lectivo. E valeu a pena. Não só pelo sucesso que a iniciativa teve

na comunidade escolar, como pelo debate interno e actividades que proporcionou em torno da leitura. Agora vê recompensado esse esforço com o reconhecimento público que o lugar obtido neste concurso lhe dá.



Equipa 2007-2008

# Visita de estudo ao Museu de Imprensa e Jornal Público

## De Gutenberg à actualidade

Testemunhos

Adriana Alves, 9ºB

No dia 25 de Março as turmas de 9º ano e os elementos do Clube de Jornalismo viajaram até à cidade do Porto para uma visita de estudo ao Museu Nacional da Imprensa e ao Jornal Público.

No Museu Nacional da Imprensa, em visita à sua exposição permanente - "Memórias Vivas da Imprensa" - os alunos puderam recordar o inventor da imprensa - Gutenberg - , conhecer a evolução da imprensa e constatar o enorme avanço que esta registou.

A imprensa foi gradualmente substituindo o manuscrito e, consequentemente, os copistas e ajudou a vulgarizar o livro, ao permitir a construção de mais cópias em menos tempo. Para conseguirem com maior rapidez, foram construídas letras de chumbo que poderiam ser reutilizadas e o chumbo era também reaproveitado quando gasto. Para cartazes usava-se a madeira devido à sua dimensão. Os desenhos eram também feitos em madeira, a matriz era de cobre e para a fazer usavam-se punções. Os alunos puderam ver várias máquinas de acabamento como a máquina de picotar, de corte e a guilhotina, a cisalha para chanfrar cartão e a prensa. Uma das peças do Museu é uma prensa de madeira do século XVIII, que é única na Europa e é muito semelhante à que Gutenberg terá utilizado para copiar a Bíblia. Na opinião de Verónica Podence, uma das alu-

nas, "foi fascinante conhecer a evolução das técnicas e das máquinas. Fiquei admirada com tudo o que desconhecía sobre a imprensa, os processos que antecederam a actual impressão". "Foi curioso verificar que a organização dos caracteres em caixas era idêntica à do teclado do computador actual. Estava ali, afinal, o início. Não menos interessante foi recuar no tempo e fazer as nossas próprias impressões", salientou a aluna Ana Clara Gonçalves

No piso inferior, encontravam-se três exposições bastante diferentes: uma sobre a cobertura jornalística da vitória de Barack Obama, na qual se podiam observar as primeiras páginas de jornais de todo o mundo, o que ilustra bem a importância jornalística do acontecimento; outra, que nos tocou especialmente, sobre os jornais escolares premiados na edição de 2006/2007, onde o Outra Presença on-line estava em destaque no primeiro lugar dos jornais electrónicos; finalmente, mas não menos interessante, os Direitos Humanos, olhados à lupa pelos criativos do "X Porto Cartoon".

À tarde, a visita ao Jornal Público constituiu um regresso à actualidade, rapidez e versatilidade que hoje caracteriza o mundo da informação. Os visitantes contactaram um pouco com alguns princípios que determinam a orientação editorial de um jornal, a sua construção e organização, os custos e escolha da



Museu da Imprensa - grupo de alunas experimentam

***"Logo depois da visita ter começado, ficámos admirados com tudo o que desconhecíamos sobre a imprensa, sobre os processos e técnicas que antecederam a impressão actual. Foi fascinante ver como as máquinas e as técnicas evoluíram!.***

***Depois da oportunidade de experimentar as máquinas, fomos ver a exposição temporária, onde observámos o orgulho sentido no mundo relativamente à vitória de Barack Obama, a fantástica exposição do X Porto cartoon" e a não menos interessante exposição de jornais escolares, onde não faltava o Outra Presença on-line, com o seu orgulhoso 1º lugar conseguido na edição de 2006/2007 do Concurso de Jornais Escolares." (Verónica Podence)***

publicidade num jornal, entre outras coisas.

Depois houve tempo para uma visita ao Jardim de Serralves, fundado em 1923 por Carlos Alberto Cabral. Este belo espaço divide-

se historicamente pelos traços do jardim de finais do século XIX da Quinta do Lordelo e a Quinta do Mata-Sete, o jardim de Jacques Gréber para a Casa de Serralves, e a paisagem do

Museu de Arte Contemporânea. "Um espaço onde tudo estava perfeitamente conjugado, onde a natureza se aliava à sensação de tranquilidade que todos sentíamos", referiu Verónica.



Museu da Imprensa



Museu da Imprensa

# Nós e o Outra Presença

Constituído por um grupo de raparigas (visto que este ano não houve inscrições de rapazes) que se reúnem por um objectivo comum, o clube de jornalismo pretende dar a conhecer à comunidade os acontecimentos da actualidade. Sem esquecer a responsabilidade que o jornal exige, marcamos as nossas tardes de Quarta-feira com diversão e boa disposição.

Orientadas pelas professoras Luísa Diz Lopes e Paula Minhoto e pelo professor Francisco Barros e Barros idealizámos, pesquisámos, entrevistámos e criámos textos sobre os mais variados temas. Com a ambição de melhorar cada vez mais o projecto que levamos a cabo, empenhamo-nos naquilo que para a escola é a janela da actualidade, tentando não decepcionar os leitores do Outra Presença.

Caracterizadas pela persistência, perfeccionismo, teimosia e criatividade sorrimos para todos os desafios que nos propõem e procuramos encontrar maneiras originais de expor os assuntos que parecem mais banais. Sem importar idades, aprendemos a respeitar as ideias distintas e juntas "crescemos" na nossa vida escolar e vamos conhecendo os ideais do jornalismo.

Desde o mais simples projecto até ao Outra Presença que na actualidade expomos, são notáveis os progressos que foram conseguidos com o esforço dos membros que ao longo dos anos ajudaram a criar e contribuíram para a dinamização do mesmo. Trabalhando em conjunto, acreditamos que

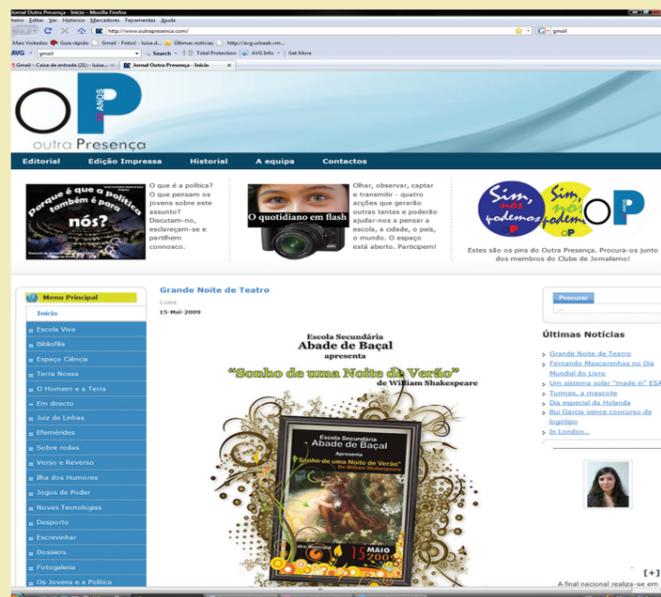
esta evolução continuará progressivamente ao longo dos próximos anos.

E é bom conviver com a serenidade da Diana, a perspicácia da Joana, a alegria da Adriana Pires, a tranquilidade da Ana Lúcia e da Ana Rita, a oportunidade da Verónica, a disponibilidade da Ana Sofia, a descontracção da Margarida, a versatilidade da Mariana, a vivacidade da Beatriz, a amabilidade da Inês e saber que estas qualidades se aplicam a todas elas, que ocupam as suas tardes de quarta-feira, entre aulas, explicações, catequese, música, dança e outros compromissos a fazer jornalismo e a contribuir com o seu tempo e esforço para a construção deste grande projecto.

E é bom sentir como cada vez mais as palavras saltam do teclado para o texto com menos hesitação, com mais oportunidade e segurança; como reagem de forma mais segura à frente e atrás da máquina fotográfica e de filmar e do gravador.

E é também bom encontrar em cada texto um pouco da sua vivência, da sua relação consigo, com os outros e com o mundo. Verificar como se torna mais fácil abraçar temas controversos e fundamentar pontos de vista e também como sabem desprender-se do mundo e relatar acontecimentos, ponderar problemas e investigá-los, analisar páginas e propor soluções.

É bom saber que a escola ainda pode contar com alunos assim.



## 2008 - 2009

O último ano conheceu transformações profundas que ajudaram a consolidar este projecto: a renovação da imagem da versão escrita e digital do Outra Presença; a criação de novas secções; a edição das primeiras

reportagens vídeo; a edição de um suplemento comemorativo; a aposta na promoção deste projecto com a criação de objectos personalizados (pins, blocos e esferográficas); a construção do arquivo completo do jornal da

escola, pois só o Outra Presença existia em arquivo. Do Presença, só havia dois exemplares e hoje é possível consultar todos os números que se publicaram.

O culminar de um ano reche-

ado de transformações e novidades foi o dia 30 de Maio, em que se realizou um encontro comemorativo dos 50 anos do jornal escolar.



Nº 44 - Janeiro, 2008



Nº 45 - Junho, 2008



Nº 46 - Janeiro, 2009



Nº 47 - Maio, 2009



Em data a anunciar 2010

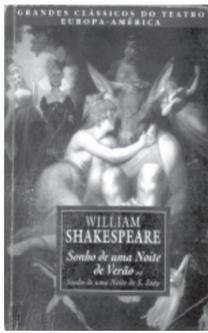
# Para quem um livro não basta

Paula Romão, coordenadora da BE/CRE



As Benevolentes  
**Jonathan Littell**  
Pub. Dom Quixote

Esta gigantesca obra faz-nos reviver os horrores da Segunda Guerra Mundial, na perspectiva dos carrascos, ao mesmo tempo que nos relata uma vida tão singular quanto desafiadora. AS BENEVOLENTES é uma epopeia – tão crua quanto inesquecível – onde os seres humanos são arrastados no turbilhão da História, como marionetas controladas por uma força destruidora...



Sonho de uma Noite de Verão  
**William Shakespeare**  
Pu. Europa-América

Escrita em 1595, esta deliciosa comédia constitui uma reflexão divertida sobre os encontros e desencontros do Amor enquanto sentimento capaz de transformar os seres humanos e fantásticos... Esta é a história de uma noite de Verão sonhada na Primavera. Uma única noite onde os espíritos desafiam o sentido do verdadeiro amor.



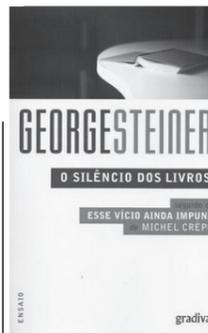
Passaporte  
**Maria Filomena Mónica**  
Editora Aletheia

Lá fora, visitei Hong Kong, Macau, Oxford, Londres, Edimburgo, Hay-on Wye, Dorset e Yorkshire; cá dentro, Évora, o Porto, o Algarve, Fátima, o Barroso e Tomar. Por fim, não resisti a falar de Lisboa, a cidade onde nasci e cresci." Fundamental para os que gostam de viajar. Imperdível para todos os outros.



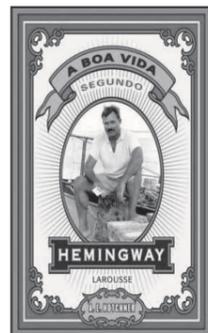
E se Obama fosse africano?  
**Mia Couto**  
Editora Caminho

"Mia Couto ressurge com um conjunto de textos de intervenção que resulta da sua participação em encontros públicos no últimos anos. São textos de reflexão crítica de um autor de ficção que, ao mesmo tempo que reinventa os eu universo, não abdica da sua missão de pensar o mundo." Do editor



O silêncio dos livros  
**Georges Steiner**  
Gradiva

Georges Steiner é um dos grandes pensadores de hoje. E, certamente, um dos mais capazes de mostrar a beleza das palavras e a verdade por trás delas. Neste maravilhoso "Silêncio dos Livros", as múltiplas relações entre a leitura, a literatura e a vida surgem mais fortes do que nunca.



A boa vida segundo Hemingway  
**A.E. Hotchner**  
Casa das letras

Como uma biografia feita das suas próprias palavras, o autor de "Por quem os sinos doam" e "O velho e o mar" mostra, aqui, as diversas formas como sentiu a vida e a arte: "O mundo é um local fantástico e pelo qual vale a pena lutar, e eu detesto ter de o deixar".



Diário da Índia  
**Marcello Duarte Mathias**  
Editora Gótica

Dois anos na Índia, numa missão diplomática, e muitos olhares sobre um mundo tão belo quanto terrível... "Sim, mal ou bem, e certamente mais mal do que bem, porque entremeadado de ausências, lapsos e esquecimentos, foi afinal graças a estas páginas soltas que fui anotando a Índia que ia vivendo,"



Um conto por um real  
**Francisco Hipólito Raposo**  
Texto Editora

De D. Afonso Henriques a D. Manuel II, a pequena História é revisitada de forma tão divertida como eloquente. Não há rei que escape a estes pequenos contos que revêem toda a História de Portugal... real.

## Porque viajar é conhecer, aqui fica a proposta do grupo "Interrail", do 12º ano

Chichén Itzá (de significado Adoração, Conhecimento) é uma cidade arqueológica localizada no estado mexicano de Iucatã. Chichén Itzá é a mais famosa Cidade Templo Maia. Estima-se que Chichén-Itzá foi fundada por volta dos anos 435 e 455. Foi declarada Património Mundial da UNESCO em 1988.

Machu Picchu significa "cidade perdida dos Incas". Localiza-se a 2400m de altitude, no vale do rio Urubamba, no Peru. Foi construída no século XV, pensa-se que com o objetivo de supervisionar a economia das regiões conquistadas e com o propósito secreto de refugiar o soberano Inca no caso de ataque. É constituída por duas grandes áreas: a agrícola, formada principalmente por terraços e recintos de armazenamento de alimentos; e a urbana, na qual se destaca a zona sagrada, com templos, praças e mausoléus reais. No meio das montanhas, os templos, casas e cemitérios estão distribuídos de maneira organizada, abrindo ruas e aproveitando o espaço com escadarias. Segundo a história inca, tudo planeado para a passagem do Deus Sol.

O Coliseu (de significado Alegria, Sofrimento). Localizado no centro de Roma, é uma excepção de entre os anfiteatros pelo seu volume e relevo arquitectónico. O edifício deixou de ser usado para entretenimento no começo da era medieval, mas foi mais tarde usado como habitação, oficina, forte, pedreira, sede de ordens religiosas e templo cristão. Embora esteja agora em ruínas devido a terramotos e pilhagens, o Coliseu sempre foi visto como símbolo do Império Romano, sendo um dos melhores exemplos da sua arquitectura. Actualmente é uma das maiores atracções turísticas em Roma.

Petra é um importante enclave arqueológico na Jordânia, situado na bacia entre as montanhas que formam o flanco leste de Wadi Araba (o grande vale que vai do Mar Morto ao Golfo de Aqaba). A 6 de Dezembro de 1985, Petra foi reconhecida como Património da Humanidade pela UNESCO. Em 2004, o governo jordano estabeleceu um contrato com uma empresa inglesa para construir uma auto-estrada que levasse a Petra tanto estudiosos como turistas. Peritos no domínio da hidráulica, os Nabateus, dotaram a cidade de um enorme sistema de túneis e de câmaras de água. Um teatro, construído à imagem dos modelos greco-romanos, dispunha de capacidade para 4000 espectadores.

O Taj Mahal (de significado Amor, Paixão) é um mausoléu situado em Agra, uma cidade da Índia e o mais conhecido dos monumentos do país. O Taj Mahal é também conhecido como a maior prova de amor do mundo. A razão da sua construção foi a morte da esposa preferida do imperador, quando esta dava à luz o 14º filho. O Taj Mahal contém inscrições retiradas do Corão. É incrustado com pedras semipreciosas, tais como lápis-lazúli. A sua cúpula é costurada com fios de ouro.

A Grande Muralha da China, é uma estrutura de arquitectura militar construída durante a China Imperial. Na realidade consiste em diversas muralhas, construídas por várias dinastias ao longo de cerca de dois milénios. No passado, a sua função foi essencialmente defensiva, no presente constitui um símbolo da China e uma procurada atracção turística. A Grande Muralha estende-se por 8.850km de leste a oeste no norte da China, percorrendo o seu caminho por desertos e montanhas. Os muros, corpo principal da obra, construíram-se aproveitando os contornos das montanhas e dos vales. Considerada uma das 7 Maravilhas do Mundo, despertou a curiosidade, o interesse e a admiração de todo o planeta. Figura no catálogo de relíquias culturais e foi incluída em 1987 no Património Cultural Mundial da UNESCO.

O Cristo Redentor é um monumento de Jesus Cristo localizado na cidade do Rio de Janeiro no Brasil. Está localizado no topo do morro do Corcovado, a 709 metros acima do nível do mar. Oito metros da sua altura total estão no pedestal. Foi inaugurado depois de cinco anos de obras. É um símbolo do Cristianismo. O Guinness World Records, versão actualizada de 2009, considera o Cristo Redentor a maior estátua de Cristo. Há, na base do monumento, uma capela católica devotada à Nossa Senhora Aparecida, onde são celebrados ritos católicos como casamentos e baptizados.

Alexandre, Ana Sofia, Ângelo, Tiago - 12ºB

ESAB, 21 de Abril de 2009  
A animação, o convívio, a amizade...

Eles ainda não partiram...

# Os loucos dias da ESAB

Na Biblioteca provaram-se diferentes sabores...

...com os mesmos ingredientes



Este ano não fazemos mais nada... é só palestrar...

Estou tentada a experiemmentar



Já ganhei o dia! Dizem que está aqui dentro o mundo!

Ora agora lês tu, ora agora leio eu... Cala-te que dá-me a risa!

Se não tivesse de cortar o cabelo, alistava-me!



Aprendam, olhem que eu não duro sempre...

A ciência foi rainha

Será que também posso aparecer?

Ainda dizem que nesta escola nunca acontece nada! Olhem só para estes fenómenos!



Oh! A mim ninguém me deixa experimentar?

O que me havia de calhar...

Estes alunos são verdadeiros fenómenos... nem no CSI se vê disto.

Acho que fiz asneiras, mas estou farto dos furos



Ainda bem que não é uma bola de futebol!

Vamos jogar ó sério!

# FIM

# Sessão Distrital do Parlamento dos Jovens – Secundário

## Participação Cívica dos Jovens em debate

Maria de Lurdes Fernandes Bento, Coordenadora do Projecto

No dia 24 de Março de 2009, pelas dez horas, teve lugar, no Governo Civil de Bragança, a Sessão Distrital do Parlamento dos Jovens – Secundário, subordinada ao tema: “Participação Cívica dos Jovens”, na qual estiveram presentes doze escolas tendo a nossa sido representada pelas deputadas efectivas Cátia Rafaela Rodrigues Fernandes, Cristiana Manuela Mota Fernandes e Ana Raquel Martins Teixeira, pelo deputado suplente João Manuel Ramos Fernandes e pela vice-presidente da Mesa, Cláudia Valentina Barreira Pires, alunos do 10º-A.

O Salão Nobre do Governo Civil acolheu os representantes da Assembleia da República, os trinta e seis deputados efectivos e doze suplentes, alguns deputados ao Concurso Euroscola, os professores acompanhantes, os representantes do IPJ e da EAE e os meios de comunicação social.

Antes do início dos trabalhos propriamente ditos, usaram da palavra o sub-diretor regional do Norte do Instituto Português da Juventude, Dr. Victor Prada Pereira, o Governador Civil de Bragança, Jorge Gomes, o Deputado pelo PPD-PSD, Dr. Adão Fonseca e Silva, a representante da Assembleia da República ao Parlamento dos Jovens, Dra. Lurdes Sauane, e a representante da EAE de Bragança, Dra. Julieta Alves, os quais se referiram ao trabalho e interesse demonstrado por alunos e professores, neste processo.

Adão e Silva começou a sua alocação referindo-se ao Parlamento como sendo a casa da Democracia, visto as leis do país serem aí feitas. Também é aí que é aprovado o Orçamento Geral do Estado. O Parlamento é o que resulta do voto dos Portugueses – 7 a 9 milhões –, pois nem todos votam. Da pluralidade de pontos de vista resulta o enobrecimento de um povo. Nada se constrói numa comunidade sem a participação dos cidadãos. E lançou um apelo aos jovens para que pensem no que cada um pode fazer pelo país.

Após as palavras de apreço e de incentivo ao trabalho desenvolvido por alunos e professores nas escolas, a Mesa foi ocupada pelo Presidente – aluno do 12º ano da Escola Secundária Emídio Garcia, pela Vice-Presidente, aluna do 10º-A da nossa Escola, Cláudia Barreira Pires e pela Secretária, aluna da Escola Secundária de Carraceda de Ansiães, os quais tinham sido seleccionados num casting das escolas candi-



Discussão de documentos

datas, que teve lugar no dia 11 de Março na sede do IPJ, em Bragança, para conduzirem os trabalhos da Sessão Distrital do Parlamento dos Jovens – Secundário.

Seguiu-se o PAOD (período de antes da ordem do dia), durante o qual foram colocadas várias questões ao Deputado Adão e Silva, havendo a realçar as seguintes: como é que um Deputado do Distrito de Bragança pode representar os seus eleitores; como é que os jovens se fazem ouvir no Parlamento; como podem os jovens participar na política? (questão colocada pela deputada da nossa escola, Ana Raquel Teixeira); concorda que um país tão pequeno como o nosso tenha tantos deputados; e qual o estado da Saúde no Distrito de Bragança?

Respondendo à primeira pergunta, considerou que se torna muito difícil para um deputado do interior representar as populações porque há poucos deputados. O poder está excessivamente concentrado no litoral. Todos os grandes órgãos de soberania estão em Lisboa, tal como as sedes das grandes empresas.

Como resposta à segunda questão, Adão e Silva salientou que os jovens não estão suficientemente representados. A seguir ao 25 de Abril, os jovens participavam muito na política. As suas organizações juvenis eram muito activas. Hoje, estão muito desinteressados. Os jovens podem pertencer a um partido político ou ter participação cívica na comunidade local. Hoje, temos um secretário de Estado para a Juventude e o Desporto, mas em 1987, havia um ministro para a Juventude. A

volta a dar a isto deve ser feita pelos jovens, pois voz que se cala é voz que não interessa. Em Lisboa há 40 Deputados, em Bragança 4. Há portanto uma hierarquia de poder.

Em resposta à terceira pergunta, Adão e Silva disse que se a Constituição estipula que a vida pública é estribada nos partidos, os jovens devem participar nos partidos políticos; nos próximos 20, 30 anos, a sociedade vai pender para organizações extra-partidárias, como sejam clubes do Património Local e de Serviço Social. No futuro, a sociedade será organizada por causas e não na lógica dos partidos.

Quanto à quarta pergunta considerou que há muita controvérsia em torno desta matéria. Talvez a redução do número de deputados não estivesse mal. Eles devem ter o sentido de grande proximidade ao eleitor. Muitos deputados vivem em Lisboa, e não conhecem a realidade do distrito que os elegeu. A eleição devia ser uninominal por concelhos, ou seja um deputado para cada concelho.

Relativamente à quinta pergunta, Adão e Silva referiu que a Saúde no Distrito de Bragança não está bem, porque se concentraram serviços e extinguiram-se outros; a cultura de acesso à Saúde é baixa em Bragança; quanto maior for o nível cultural, mais preocupação haverá com a Saúde.

Para finalizar a sua intervenção, lançou um apelo aos jovens para que participem na política, porque quem não está, é esquecido. Na democracia não há vazios, e se não queremos agir, alguém o fará por nós.

De seguida, o Presidente da

Mesa deu a palavra aos Porta-Vozes das nove escolas, os quais tinham apenas três minutos para apresentarem os seus projectos de recomendação à Assembleia da República, saídos das sessões escolares, sendo que essa responsabilidade coube à deputada Cátia Fernandes, Porta-Voz da nossa escola.

Na segunda fase dos trabalhos, houve um período de perguntas e respostas, durante o qual um deputado por cada escola interpelava uma ou várias escolas sobre aspectos dos seus projectos que lhes suscitavam dúvidas.

Depois, os deputados foram chamados a votar o projecto-base. A Escola Secundária Miguel Torga foi a mais votada, tendo obtido quinze votos. Na nossa escola só votaram seis deputados.

Após o almoço, pelas 14h30m, os trabalhos começaram com a apresentação de propostas de eliminação ou alteração de medidas, e foram formados três grupos de escolas para aditamento das medidas ao projecto-base. Assim, os deputados puderam discutir e

negociar a inclusão de outras medidas constantes nos diferentes projectos de recomendação, tendo a nossa escola trabalhado com as de Carraceda de Ansiães e Escola Prática Universal.

O debate prosseguiu, e foram acrescentadas medidas ao projecto da Escola Secundária Miguel Torga, que irá ser o projecto de Recomendação do Distrito à Assembleia da República.

Os deputados foram ainda chamados a votar em três escolas, tendo sido eleitas a Escola Secundária Miguel Torga, a Escola Secundária Afonso III, de Vinhais, e a Escola Secundária de Mogadouro, ao segundo escrutínio, cada uma das quais designou dois deputados para representarem o Distrito na Sessão Nacional, na Assembleia da República, em Lisboa, nos dias 25 e 26 de Maio.

Antes de a sessão terminar, as cinco escolas que tinham tido duas listas concorrentes às eleições realizadas nas escolas, puderam apresen-

tar um trabalho à Assembleia da República sobre o concurso Euroscola, e foram chamadas a defendê-lo oralmente. As alunas da nossa escola, Inês Ruivo e Catarina Domingues, tiveram a oportunidade de dramatizar o texto relativo à abordagem da dimensão europeia do tema abordado. A escola que foi seleccionada pelo júri foi a Escola Secundária Afonso III, de Vinhais, tendo a nossa escola ficado em terceiro lugar com 14,3 valores. É de referir que essa escola terá de concorrer com escolas de outros distritos para ganhar a viagem ao Parlamento Europeu, em Estrasburgo, no próximo ano.



Catarina e Inês

**Na minha opinião, foi uma experiência muito interessante, pois tivemos uma espécie de demonstração do que se passa na Assembleia da República. Conhecemos novas pessoas, divertimo-nos muito e foi uma experiência que eu adorava repetir.**  
João Fernandes - 10ºA

**"Gostámos muito de ter participado no Parlamento dos Jovens; foi uma experiência enriquecedora a todos os níveis. Tivemos a oportunidade de estar com o Deputado Dr. Adão Silva e com outras pessoas ilustres. A participação foi bastante produtiva, embora não tenha sido avaliada da forma mais correcta e justa, visto que as pessoas eleitas foram votadas pelo que são e não pelo trabalho que elaboraram, servindo assim para uma elucidação sobre a política no nosso país."**  
Inês Ruivo, Ana Teixeira e Cátia Fernandes (10º-A)

**"A minha participação na Sessão Distrital do Parlamento dos Jovens, como Vice-Presidente, foi muito gratificante e enriquecedora, pois, tanto eu como os outros jovens deputados que lá se encontravam, tivemos a oportunidade de estabelecer contacto com algumas figuras públicas e também ficámos a conhecer melhor o que é o Parlamento e qual o papel que tem na nossa sociedade. Adorei participar nesta actividade, porque tive a oportunidade de lidar com problemas que afectam os jovens. E eu nunca irei esquecer esta experiência, que irá ficar sempre presente na minha vida. Aconselho todos os jovens a participarem, porque vale a pena e é do nosso interesse."**

Cláudia Valentina Barreira Pires - 10º A



Mesa da sessão distrital

# Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens – Básico

## Alimentação e Saúde em debate

Sofia Cheio Bartolomeu - 8º C

No dia 19 de Abril, pelas catorze horas, três alunas da nossa escola, Marta Balesteiro, Patrícia Rodrigues e Ana Sofia Bartolomeu, do 8º C, e duas alunas da Escola Secundária/2,3 Visconde de Vila Maior, Mariana Jaloto e Jéssica Corvo, partiram para Lisboa acompanhadas pelos professores Lurdes Bento e Américo Monteiro, por um membro da Equipa de Apoio às Escolas e pelo pai de uma das alunas. A Marta, a Patrícia, a Mariana e a Jéssica tinham sido eleitas na Sessão Distrital, realizada no dia 23 de Março, para representar o Círculo de Bragança na Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens – Básico –, este ano subordinado ao tema “Alimentação e Saúde”.

No dia seguinte, o grupo dirigiu-se à Assembleia da República, onde decorreu a Sessão. À entrada, foi oferecido a cada participante um saco que continha documentação e brindes para os alunos e dois livros para os professores acompanhantes.

Pelas 14H00, os 128 jovens deputados dos diferentes círculos, eleitos em todos os distritos do Continente, nas Regiões Autónomas e na Escola Portuguesa de Macau, foram distribuídos por quatro comissões parlamentares. O círculo de Bragança foi integrado na 2ª Comissão, com deputados dos círculos de Castelo Branco, Évora, Leiria e Setúbal, para apresentação

e debate dos seus projectos, estando presentes alguns deputados dos círculos de Aveiro e Porto. Presidiram a esta Comissão os Deputados António Carlos Monteiro (CDS/PP) e Ana Maria Couto (PS), os quais teceram algumas considerações sobre a importância deste projecto e a forma de trabalhar nas comissões.

Os Deputados que orientaram os trabalhos fizeram a chamada dos 30 deputados presentes, que representavam 7 círculos, havendo 5 projectos em discussão.

A reunião prosseguiu com a apresentação dos diversos projectos, anteriormente aprovados nas Sessões Distritais. O de Bragança foi apresentado em primeiro lugar pela Porta-Voz, Mariana Jaloto. Seguiu-se o debate na generalidade, com pedidos de esclarecimento e respectivas respostas. As questões mais colocadas foram as relativas à utilização das biotecnologias e da agricultura biológica.

Procedeu-se depois à votação do projecto-base, sendo os mais votados os projectos de Castelo Branco, com 18 votos, Setúbal e Leiria, com 14 votos, para cada um dos círculos, Évora, 8 votos e Bragança, 6 votos.

Foram também apresentadas questões para serem colocadas aos Deputados em plenário no dia seguinte, tendo sido a mais votada a de Setúbal.

De seguida, alunos e professores puderam visitar as

principais salas do palácio, nomeadamente a Sala das Sessões e a Sala dos Passos Perdidos, e também apreciar exposições sobre o trabalho de Ventura Terra e o património arquitectónico.

Ainda antes do encerramento dos trabalhos do primeiro dia, foi oferecido um lanche a todos os participantes neste projecto, no Claustro, o que proporcionou um momento de pausa e convívio.

Pelas 18H30, todos os participantes e convidados foram presenteados com uma belíssima actualização musical por parte do grupo “Jovens vozes de Lisboa”, que interpretou canções em francês, inglês e espanhol.

De seguida, deputados e acompanhantes puderam visitar a exposição “Parlamento dos Jovens – 1995-2009”, antes de lhes ser servido um jantar no refeitório.

Pelas 10 horas do dia 21 de Abril, o Dr. Jaime Gama, Presidente da Assembleia da República, presidiu à cerimónia de abertura do Plenário, que contou ainda com a presença da Ministra da Educação. Ambos teceram algumas considerações sobre a importância do debate em torno do tema abordado. Segundo Maria de Lurdes Rodrigues, é necessário que os jovens aprendam a democracia através desta iniciativa. Salientou ainda a importância do trabalho desenvolvido



por professores e alunos nas escolas para a concretização deste programa.

A Mesa tomou posse, tendo como membros Edgar Costa (Presidente), Maria Bento (Vice-Presidente), Nelson Grácio Júnior (1º Secretário) e Jéssica Corvo (2ª Secretária), seguindo-se o PAOD (Período de Antes da Ordem do Dia), no qual estiveram presentes os Deputados Mariana Aiveca (BE), João Oliveira (PCP), Odete João (PS), Magda Borges (PSD), Abel Lima Baptista (CDS-PP) e Heloísa Apolónia (PEV), que foram interpelados pelos deputados do Parlamento dos Jovens sobre questões da actualidade, aprovadas nas comissões, havendo a destacar a escolha do Provedor de Justiça, a nacionalização do BPN e a crise financeira.

O início do Período da Ordem do Dia teve lugar pelas 11H30 e os trabalhos propriamente ditos começaram com a apresentação e discussão das medidas votadas na véspera, nas comissões.

Seguiu-se a fase de debate e eliminação de medidas dos diferentes projectos saídos das 4 comissões, e os “deputados” votaram uma Recomendação à Assembleia da República, constituída por dez medidas sobre o tema.

Ao meio-dia, o Presidente da Comissão Parlamentar de Educação e Ciência, Deputado António José Seguro, deu uma conferência de imprensa, na qual os “jornalistas” das escolas o interpelaram acerca de questões que preocupam os jovens estudantes, nomeadamente a criminalidade, o desem-

prego, a educação sexual e as aulas de substituição. Das respostas dadas, salientamos o apelo feito aos jovens no sentido de participarem mais activamente na vida cívica e política, tendo em conta a sua importância na construção do seu futuro.

Após uma manhã de intensa actividade, foi servido aos participantes um agradável almoço, no Claustro.

Pelas 14H45, foi inaugurada a exposição “Parlamento dos Jovens 1995-2009”.

Por volta das 16H15, foi encerrada a Sessão pelo Deputado António José Seguro, que, após algumas palavras de agradecimento a todos os coordenadores e colaboradores do Projecto, distribuiu os certificados de participação, e um grupo de alunos do 2º ciclo



### Comentários das jovens deputadas da ESAB presentes na Sessão Nacional

“Gostei muito de ter participado nesta actividade. Foi muito enriquecedora para nós, jovens. Ficámos a saber como são feitos os verdadeiros debates. Esta experiência foi excelente, pois conhecemos jovens deputados de vários locais de Portugal continental, ilhas e Macau. Todo o trabalho realizado ao longo deste ano foi bem recompensado, visto que conhecemos muitas pessoas, inclusive alguns representantes de todos os partidos existentes no país.”

Marta Balesteiro (8º-C)

“A alegria invadiu-nos logo que chegámos a Lisboa. Todo aquele empenho de mais

de cem jovens deputados era magnífico. Houve, desde sempre, uma grande motivação em defender um trabalho e em fazê-lo em plena Assembleia da República. A experiência de estar ali como deputada era extraordinária. Teríamos de dar o nosso melhor, pois tínhamos consciência de que o nosso objectivo era implantar as nossas medidas na Recomendação à Assembleia da República. Apesar de termos ficado um pouco desiludidas perante a rejeição das mesmas, ficou sempre a ligação com um novo mundo, ou seja, tivemos uma pequena demonstração do que é ser um verdadeiro deputado.”

Patrícia Rodrigues (8º-C)

# Centro de Arte Contemporânea Graça Morais

## Ver o mundo através da arte

Ana Beatriz Delgado, Maria Isabel Campos - 9ºB



No dia 26 de Março, por volta das três horas da tarde, o Centro de Arte Contemporânea Graça Morais proporcionou uma tarde diferente ao Clube de Jornalismo. Bem recebidos pelos funcionários e pelo director do museu, Jorge Costa, os membros formaram grupos e receberam uma espécie de jogo do conhecimento, que tornou a visita mais divertida, ao mesmo tempo que conduziu a

atenção para pormenores ou aspectos que, numa visita normal, não saltariam à vista.

Na primeira parte do jogo, acompanhadas por uma guia, as questões incidiram na colecção da pintora Graça Morais, no primeiro andar, e em algumas das suas obras mais importantes, como a série "Marias", "O segredo", a obra mais antiga "O rosto e os frutos", entre outras.

Terminada esta tarefa, no rés-do-chão, já com a companhia do director do museu, os grupos foram

conduzidos para a exposição temporária, onde se encontravam obras de Gabriel Abrantes, Samuel Rama, Francisco Vidal, João Leonardo, Pedro Gomes, Martinho da Costa e João Francisco, e que se baseava numa dicotomia Cidade/Campo.

Gabriel Abrantes constrói

representar a sua metáfora. Além disso, também constrói a sua obra a partir de objectos que são já uma representação da realidade. A visita passa agora para o primeiro andar com a continuação das exposições temporárias, onde estão obras de Francisco Vidal, que retrata a arte urbana, por muitos considerada

Gomes recorre à técnica do picotado apresentando duas obras, uma com um grupo de pessoas e outra com escadas rolantes. Para terminar, os acidentes e incêndios e outras catástrofes são o tema central das obras de Martinho da Costa, que exhibe várias telas e uma instalação no centro da sala: uma árvore estendida no chão. O magma é a matéria



um helicóptero abstracto, feito de tecido e esferovite, intitulado "Pobre helicóptero", que parece mostrar o caos nas grandes cidades, e pinta uma tela na qual representa o símbolo dos Descobrimentos Portugueses, a esfera armilar.

Samuel Rama opta por não dar título aos seus trabalhos que denunciam a exploração máxima dos recursos da terra, este utilizou materiais como o carvão, para

vanda-lis- d i d a no chão. O magma é a matéria in-

mo, industrial que serve de suporte ao seu trabalho. A visita termina com um clube de Jornalismo que agradece ao Centro de arte contemporânea esta tarde divertida e cultural.

## Associação de Pais quer fazer mais

A Associação de Pais e Encarregados de educação

A Associação de Pais e Encarregados de Educação dos Alunos da Escola Secundária Abade de Baçal foi constituída no dia 21 de Julho de 1994, contando assim formalmente com 15 anos de participação activa na vida da escola. Para além da dinamização da participação dos encarregados de educação em todo o processo educativo, a Associação tem tido assento nos diversos órgãos de representação da Escola, como é exemplo o Conselho Geral Transitório, recentemente constituído no âmbito do novo regime de

autonomia, administração e gestão das escolas, instituído pelo Decreto-Lei n.º 75/2008 de 22 de Abril.

No programa de actividades que os actuais corpos directivos da Associação assumiram para os biénios 2006/2008 e 2008/2010, destacam-se as sessões informativas para os Encarregados de Educação com temas de interesse no actual contexto educativo, designadamente:

- Alimentação para uma Vida Saudável.
- Procedimentos de Avaliação para

acesso ao Ensino Superior

- Sexualidade
- Acesso ao Ensino Superior e Saídas Profissionais
- Bullying
- Sinais de alerta do consumo drogas/álcool

Foram ainda promovidas acções de orientação vocacional para os alunos do 9.º ano.

Neste momento em que se comemoram os 50 anos do Jornal da Escola, não podiam os Encarregados de Educa-



Associação de Pais e Encarregados de Educação

cia deste projecto da escola que se cruzou com diferen-

com informação escrita e motivando a participação

atenta e crítica.

Com o apoio

